

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

LUCIANE SCHEUER

**PERCEPÇÃO DO TURISMO PELOS MORADORES E SEGUNDOS
RESIDENTES DE GUARATUBA – PARANÁ, BRASIL**

**CURITIBA
2015**

LUCIANE SCHEUER

**PERCEPÇÃO DO TURISMO PELOS MORADORES E SEGUNDOS
RESIDENTES DE GUARATUBA – PARANÁ, BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Bahl

**CURITIBA
2015**

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANE SCHEUER


PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Tese de Doutorado, apresentada pelo (a) candidato (a) **LUCIANE SCHEUER** intitulada “**PERCEPÇÃO DO TURISMO PARA MORADORES E SEGUNDOS RESIDENTES DE GUARATUBA – PARANÁ, BRASIL**”, para obtenção do grau de Doutor em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa Território, Cultura e Representação.


Após haver analisado o referido trabalho e arguido o (a) candidato (a), são de parecer pela APROVAÇÃO da Tese.

Curitiba, 29 de abril de 2015.

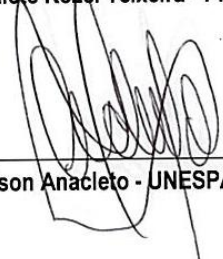
Nome e Assinatura da Banca Examinadora:


Prof. Dr. Miguel Bahl - orientador


Prof. Dr. Vander Valduga - Depto Turismo/UFPR


Prof. Dr. Daniel Telles - UNIPAMPA


Prof.ª Dr.ª Salete Kozel Teixeira - PPGGEO/UFPR


Prof. Dr. Adilson Anacleto - JNESP/Paranaguá

Dedico este estudo à minha filha, Letícia,
minha fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me conceder a alegria de viver.

À Nossa Senhora Aparecida que, com certeza, iluminou os meus caminhos.

À minha filha querida, Letícia. Antes de agradecer, gostaria de pedir desculpas, por muitas vezes estar longe, precisando estudar e trabalhar. Você é uma filha maravilhosa e compreensiva e a inspiração para alcançar meus objetivos. Obrigada por você existir e fazer a minha vida mais colorida e animadora. Amo você.

Ao meu esposo Igor, obrigada por ser esta pessoa maravilhosa e estar ao meu lado, me apoiando sempre. Sei que foi difícil para você aceitar os momentos de ausência. Obrigada pela paciência e por ser um incentivador da minha carreira e me dar tanta força nos momentos mais complicados. Te amo.

À minha mãe querida, Sirlei. Sem o seu incentivo eu não chegaria até aqui. Você é a grande culpada de eu ter aceitado mais este desafio. Você é a minha grande conselheira e o meu exemplo de amor, generosidade, compaixão, elegância e principalmente persistência e boa vontade. Você foi e é fundamental na minha vida. Amo você minha mãe.

Ao meu pai, Rudi, obrigada pelo incentivo e amor. Você é um exemplo de profissional e mantenedor.

Aos meus sogros, Tere e Daniel, meus pais em Guaratuba, pessoas maravilhosas que me acolheram, que me deram suporte, principalmente emocional para conseguir concluir meu doutoramento. Eu os admiro pelo caráter, determinação e persistência, um exemplo para mim. Amo vocês.

Ao meu “grande” irmão Alex, pessoa do bem, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e ao mesmo tempo abrindo meus olhos e me aconselhando. Nunca mediu esforços para me ajudar durante todo este período. Você é uma pessoa muito especial e importante para mim.

Aos meus amigos e colegas, Adilson, Georgia, Dorival, Sandro, Marlon e Rosane que sempre foram um ombro amigo quando precisei e me apoiaram em todos os momentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná e ao seu corpo docente, que me propiciou momentos de grande aprendizado e crescimento.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Miguel Bahl pela orientação, paciência, confiança e amizade e por compartilhar comigo seu conhecimento e sabedoria.

Aos Professores Doutores, Salete Kozel Teixeira, Sylvio Fausto Gil Filho, Gislene Aparecida dos Santos e Wolf-Dietrich Sahr que foram essenciais para a compreensão da geografia cultural e das representações.

Ao Zem e a Adriana pela paciência, amizade e colaboração.

À minhas amadas colegas de jornada: Valéria Albach, Graziela Scalise Horodyski e Ana Bellenzier pela parceria, pelas boas conversas, pela amizade nas aulas, em eventos, em artigos e na vida.

Ao Ivan R. B. Travassos por sua disposição e auxílio.

Ao Professor Paulo Santos, que me auxiliou na revisão desta tese.

Ao Prof. Dr. Daniel Hauer Queiroz Telles, que disponibilizou seu tempo para participar das bancas de qualificação e defesa deste estudo.

Aos Professores Doutores Marcelo Chemin e Luiz Ernesto Brambatti pela participação na banca de qualificação, cujas análises e sugestões foram muito válidas.

Aos membros da Banca, por aceitarem prontamente a participar da minha banca de defesa e disponibilizarem seu tempo e conhecimento para analisar a minha tese.

Aos moradores e segundos residentes de Guaratuba por aceitaram participar deste estudo.

À Prefeitura Municipal de Guaratuba.

*Se as coisas não saíram como planejei,
posso ficar feliz por ter hoje para recomeçar.*

*O dia está na minha frente
esperando para ser o que eu quiser.*

*E aqui estou eu, o escultor que pode dar forma.
“Tudo depende só de mim.”*

(Charles Chaplin)

RESUMO

A presente tese teve como objetivo principal realizar um estudo e analisar a percepção dos moradores e visitantes de segunda residência sobre o turismo no município de Guaratuba, litoral do Paraná, estabelecendo o sentimento topofílico e a partir de tal análise, relacionar implicações do estudo da percepção para a ciência e para o município. A escolha dos dois grupos se deu em função de se considerar que somente eles poderiam desenvolver o sentimento topofílico, isto é, o vínculo afetivo com o lugar. Esta pesquisa foi fundamentada com um olhar proveniente da geografia cultural e para atingir seus objetivos, o embasamento da geografia humanista foi essencial. A abordagem fenomenológica também se tornou necessária, pois ela permitiu abranger a experiência vivida, valorizando o indivíduo e seus sentimentos, auxiliando na compreensão da relação entre o homem e o lugar indo na direção dos conceitos de turismo, percepção geográfica do turismo, paisagem, lugar e espaço vivido. Assim o método escolhido foi o da investigação ação participativa - IAP, também chamada pesquisa-ação e na metodologia de coleta de dados se trabalhou com a observação participante assistemática natural e com a aplicação de questionários com 22 perguntas abertas a 36 moradores e 11 segundos residentes. Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, considerou-se utilizar a análise de conteúdo para discutir os dados coletados, tendo como categorias de análise, turismo, paisagem, lugar e espaço vivido e como variáveis de inferência, as atitudes, a cognição e os valores das pessoas pesquisadas. Os resultados da pesquisa de campo indicaram que Guaratuba pode ser considerada o “lugar” de moradores e segundos residentes, pois ambos demonstraram possuir este vínculo emocional e de valor com a cidade, sua paisagem e seus ambientes (naturais e construídos) e atitudes mais profundas e críticas. Muitas vezes, para o segundo residente a cidade não era o lugar, mas a praia era o lugar, já que é nela que ele estabelece seus vínculos com o ambiente. Mas, considera-se que Guaratuba é um espaço vivido do morador, pois ele efetivamente é que se inter-relaciona com os demais e estabelece um sistema de relações neste lugar por um período maior de tempo. Portanto, para o morador a cidade é o seu lugar e seu espaço vivido. Assim, percebeu-se com este estudo que uma ligação desenvolvida positivamente com o lugar a partir de experiências diretas ou indiretas afeta a percepção e consequente a avaliação que dele se possa fazer. Por fim, os residentes expressaram uma maior ligação emocional, através de um forte sentimento de pertença, identidade e dependência, do que os segundos residentes. Considera-se que este fato veio a reforçar a ideia de que, efetivamente, diferentes grupos socioculturais como os residentes e os turistas de segunda residência desenvolviam distintas relações com o mesmo lugar, embora possuíssem o elo afetivo com o lugar. Devido aos modos de vida diversos, atribuíram valores desiguais ao mesmo espaço, criando, consequentemente, laços distintos. Dada a sua permanência transitória, os segundos residentes tendendo a ser menos territoriais, com uma ligação menos forte ao destino, do que os moradores. Os moradores, por outro lado, demonstraram ser mais territoriais desenvolvendo ligações mais profundas do os segundos residentes, talvez porque tenham criado uma maior relação com esses espaços ao longo do tempo e porque tinham uma compreensão mais complexa do local, baseada nas suas experiências diretas e mais frequentes com o mesmo. Assim, constatou-se que compreender as percepções de moradores e segundos residentes a respeito do turismo em Guaratuba poderia contribuir para que novos elementos fossem desvendados e

incorporados na produção do espaço das localidades que experimentam as intervenções do turismo nas suas relações pessoais, familiares e profissionais.

Palavras-chave: Percepção. Turismo. Moradores. Segundos Residentes. Topofilia.

ABSTRACT

This thesis aimed to conduct a study and analyze the perception of residents and second residence visitors on tourism in Guaratuba, located in Paraná Coast of Brazil, establishing the topophilical feeling and from this analysis relate some implication about the perception study for science and for the city. The choice of these two groups was due to consider that only they could develop the topophilical feeling, in other words, the emotional link with the place. This research was supported with a view from Cultural Geography and to achieve the goals the foundation of Humanistic Geography was essential. The phenomenological approach also became necessary because this allowed working with lived experience, valuing the individual and its feelings, contributing in the understanding of the relationship between man and the environment, going to the direction of the concepts of tourism, tourism geographic perception, landscape, place and lived space. Thus the research method was the participative action research and the data collection methodology was the natural unsystematic participant observation and the application of questionnaires with 22 open questions to 36 residents and 11 second resident tourists. Being a qualitative study, it was considered using the content analysis to discuss the data collected, using some categories of analysis, such as: tourism, landscape, place and lived space and as inference variables: attitudes, cognition and values. The field survey results indicated that Guaratuba can be considered the "place" of residents and second visitors because both groups shown to have this emotional and value bond with the city, its landscape and its environment (natural and built) and deeper and critical attitudes. Often, for the second resident the city was not the place, but the beach was the place, since there is where they establish their links with the environment. But it is considered that Guaratuba is a lived space for the dwellers, because they effectively interrelate with the others and establish a system of relation in this place for a longer period of time. So for the resident, the city is his place and his lived space. Thus, with this study it was realized that a bond developed positively with the place from direct or indirect experiences affects the perception and the subsequent evaluation that could be done. Finally, residents expressed a greater emotional connection through a strong sense of belonging, identity and dependence, than second residents. It is considered that this fact came to reinforce the idea that, in fact, different socio-cultural groups as residents and tourists of second residences developed different relationships with the same place, although they have the same affective link with the place. Due to the different ways of life, they attributed unequal values to the same space, creating thus distinct bonds. Given their temporary permanence, the second residents tend to be less territorial, with a weaker connection to the destination than the residents. Thus, it was found that understand the perceptions of residents and second visitors on tourism in Guaratuba could contribute to unveil new elements and incorporate them into the space production space in these locations which experience the tourism interventions in their personal, familiar and professional relationships.

Key words: Perception. Tourism. Residents. Second Resident Tourism. Topophilia.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 1 – CAUSAS E EFEITOS DA SAZONALIDADE TURÍSTICA EM GUARATUBA	38
FIGURA 2 – OCUPAÇÃO CONTINUADA DO LITORAL PARANAENSE	80
FIGURA 3 – GUARÁ.....	85
FIGURA 4 – ACESSO RODOVIÁRIO À GUARATUBA	87
FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO DO PARANÁ	88
FIGURA 6 – CARTOGRAMA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO	89
FIGURA 7 – BACIAS HIDROGRÁFICAS DO MUNICÍPIO DE GUARATUBA	91
FIGURA 8 – LOCALIZAÇÃO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO EM GUARATUBA	92
FIGURA 9 – LOCALIZAÇÃO DA APA DE GUARATUBA NA PLANÍCIE LITÔRÂNEA DO ESTADO DO PARANÁ	94
FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL DO BOGUAÇU	96
FIGURA 11 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NACIONAL SAINT HILAIRE/LANGE	97
FIGURA 12 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL DA LAGOA DO PARADO	98
FIGURA 13 – PRAIA DE CAIEIRAS	103
FIGURA 14 – PRAIA PROSDÓCIMO	103
FIGURA 15 – PRAIA CENTRAL	104
FIGURA 16 – PRAIA DO BREJATUBA	105
FIGURA 17 – MORRO DO CRISTO	106
FIGURA 18 – BAÍA DE GUARATUBA	107
FIGURA 19 – SALTO PARATI	108
FIGURA 20 – VISTA DO MURRO DE ARRIMO E TRAPICHE, ANTES DA EROSÃO	149
FIGURA 21 – EROSÃO DA BAÍA DE GUARATUBA – 23 DE SETEMBRO DE 1968	149
QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS CAUSAS E EFEITOS DA SAZONALIDADE DO TURISMO	39
QUADRO 2 – AGRUPAMENTOS DOS FATORES EXPLICATIVOS DE CARÁTER INSTITUCIONAL	40
QUADRO 3 – CINCO SENTIDOS – SEGUNDOS RESIDENTES	137
QUADRO 4 – MELHORIAS NA INFRAESTRUTURA BÁSICA E TURÍSTICA	145
QUADRO 5 – ALTERAÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS	147
QUADRO 6 – LUGARES DE PREFERÊNCIA E SENSAÇÕES	154
QUADRO 7 – CINCO SENTIDOS – MORADORES	156

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIG	Associação Comercial e Empresarial de Guaratuba
AMLIPA	Associação dos Municípios do Litoral do Paraná
APA	Área de Proteção Ambiental
APPA	Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
ETE	Estação de Tratamento de Esgoto
DIBAP	Estação de Tratamento de Esgoto
IAP	Instituto Ambiental do Paraná
IAP	Investigação ação participativa
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IUOTO	International Union of Official Tourism Organizations
MTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PDDI	Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado
PIB	Produto Interno Bruto
PMG	Prefeitura Municipal de Guaratuba
PR	Paraná
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
SEMA	Secretaria de Estado do Meio Ambiente – Paraná
SETU	Secretaria de Estado do Turismo – Paraná
SISTUR	Sistema Turístico
UC	Unidade de Conservação
UCUS	Unidade de Conservação de Uso Sustentável
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTM	Universal Transversa de Mercator

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1 APORTE TEÓRICO ACERCA DO TURISMO E DA GEOGRÁFIA DO TURISMO	22
2.1.1 Turismo, conceituação e importância	25
2.1.2 Turismo de segunda residência	29
2.1.3 Sazonalidade do turismo	36
2.2 APORTE GEOGRÁFICO SOBRE LUGAR	41
2.2.1 Geografia Cultural	42
2.2.2 Abordagem Fenomenológica	45
2.2.3 A Geografia Humanista	50
2.2.4 Geografia da Percepção e Topofilia	53
2.2.4.1 Paisagem	58
2.2.5 Percepção Geográfica do Turismo	64
2.2.6 Lugar como referência	67
2.2.7 Espaço Vivido	70
2.3 RESUMO DO APORTE TEÓRICO	74
3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	79
3.1 O LITORAL DO PARANÁ	79
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GUARATUBA – PR	83
3.2.1 Histórico de Guaratuba	83
3.2.2 Principais vias de acesso	86
3.2.3 Situação Geográfica	88
3.2.4 Geologia	89
3.2.5 Hidrografia	90
3.2.6 Unidades de Conservação	91
3.2.6.1 Área de Proteção Ambiental – APA de Guaratuba	93
3.2.6.2 Parque Estadual do Boguaçu	95
3.2.6.3 Parque Nacional Saint Hilaire/Lange	96
3.2.6.4 Parque Natural Municipal da Lagoa do Parado	97
3.2.7 Caracterização da infraestrutura básica do Município de Guaratuba	98

3.2.8 Caracterização socioeconômica do Município de Guaratuba	99
3.2.9 Turismo e Lazer	101
3.2.10 Atrativos Turísticos	102
3.2.10.1 Praia de Caieiras, Encantadas ou dos Amores	102
3.2.10.2 Praia Prosdócimo	103
3.2.10.3 Praia Central	104
3.2.10.4 Praia do Brejatuba	104
3.2.10.5 Morro do Brejatuba/ Morro do Cristo	105
3.2.10.6 Baía de Guaratuba	107
3.2.10.7 Salto Parati	107
3.2.11 Eventos	109
3.2.12 Caracterização dos equipamentos e serviços de apoio ao turismo	110
3.2.13 Caracterização da demanda turística (verão) de Guaratuba	112
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	114
4.1 PESQUISA DE CAMPO	122
4.1.2 Questionário aplicado aos segundos residentes	123
4.1.3 Questionário aplicado aos moradores	139
4.1.4 Considerações acerca da pesquisa	163
5 CONCLUSÃO	171
REFERÊNCIAS	179
APÊNDICES	190

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo sobre a percepção do turismo pelos moradores e turistas de segunda residência no município de Guaratuba, Paraná, Brasil. Barretto (1995), afirma que o turismo é o deslocamento temporal de pessoas e o conjunto de bens e serviços e a organização que determinam e tornam possíveis esses deslocamentos e as relações que acontecem entre turistas (ocasionais e segundos residentes) e residentes. Para Tulik (1995, p. 21), residência secundária é “um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente nos momentos de lazer, por pessoas que têm seu domicílio permanente em outro lugar”. Diante disso, neste estudo, propôs-se investigar as interações entre moradores e turistas que possuem segunda residência em Guaratuba, a partir das impressões e da percepção desses dois grupos, pela adoção de instrumentos metodológicos que consideram a influência dos sentimentos em relação ao lugar e na construção do mesmo.

A escolha destes dois grupos se deu em função de se considerar que somente os moradores e os turistas que possuem segunda residência poderiam desenvolver o sentimento topofílico (TUAN, 1980), o qual supostamente não é registrado no grupo de turistas visitantes, turistas que se hospedam em hotéis ou que alugam casas por alguns dias, por exemplo, e que provavelmente não desenvolvem vínculos territoriais psicológicos mais duradouros.

O município de Guaratuba possui 32.095 habitantes, conforme censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que se ampliam para mais de 300 mil durante a temporada de férias de verão. (GUARATUBA, 2014). A economia do município baseia-se principalmente na atividade turística, na agricultura e na pesca, ainda que recentemente a maricultura venha se desenvolvendo com sucesso, abrindo novas oportunidades para o desenvolvimento do turismo e da economia local. (GUARATUBA, 2014).

Esta pesquisa foi fundamentada com um olhar proveniente da geografia cultural e, para responder a problemática, o embasamento da geografia humanista foi essencial, sobretudo por se buscar interpretar como diferentes grupos culturalmente heterogêneos percebiam, interpretavam e se relacionavam com o lugar, ou seja, Guaratuba. A abordagem fenomenológica também se tornou

necessária, pois permitiu abranger a experiência vivida, valorizando o indivíduo e seus sentimentos, auxiliando na compreensão da relação entre o homem e o lugar.

Com o propósito de trazer ao homem seus sentimentos, sua particular visão de mundo e sua ligação com os lugares em que vive e tem contato frequente, os estudiosos da geografia humanista utilizam-se do termo mundo vivido ou espaço vivido como categoria de estudo. Logo, a fundamentação deste trabalho e inclusive os procedimentos metodológicos da pesquisa empírica partem do enfoque da geografia humanista.

O enfoque humanista adotado teve em Tuan (1980) seu foco central ao atribuir sentido ao “lugar”, revelando que há uma relação afetiva do indivíduo com este, e essa relação é marcada pelas experiências pessoais ligadas a valores e ao modo como o indivíduo percebe o meio onde vive. Assim, algumas reflexões levaram a questionar (problematizar) como um “lugar” é visto: as transformações trazidas pelo turismo em Guaratuba são bem-vindas, rejeitadas, ignoradas, necessárias? Como as pessoas percebiam as modificações no seu espaço de vivência? Qual a importância da paisagem para essas pessoas? Quais sentimentos e experiências emanavam estando neste lugar? Tuan (1983) afirma que os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente (*insider*), e relações externas, próprias do turista (*outsider*).

Assim sendo, o lugar torna-se realidade a partir da familiaridade do indivíduo com o espaço, não necessitando, entretanto, de ser definido através de uma imagem precisa, limitada. Lugar se distingue, deste modo, de espaço. Ele “transforma-se em lugar na medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6), adquirindo definição e significado. O conceito de lugar adquire um papel central para a geografia humanista, visto que é por meio dele que se articulam as experiências e vivências do espaço. E para conhecer a percepção dos moradores e segundos residentes de Guaratuba, esses questionamentos foram fundamentais.

Para Rapoport (1978, p. 42),

[...] os seres humanos percebem os problemas e as soluções possíveis de diferentes pontos de vista; ademais, definem suas necessidades básicas, utilizando critérios também diferentes, e igualmente respeitam os padrões, o meio ambiente ideal entre outros, já que dão significados distintos à densidade, à privacidade, etc. O meio ambiente percebido e os esquemas imaginativos em que estão estruturados conformam a essência das percepções das pessoas [...], existindo sempre um laço de união entre a percepção e o comportamento. (tradução nossa¹).

Assim, a análise das atitudes de um indivíduo é essencial para o estudo da percepção. Fazio (1990) apresenta o conceito de atitude como uma associação entre um objeto (situações sociais, indivíduos, problemas sociais entre outros) e uma avaliação relativa a esse objeto, que se encontra armazenada na memória (tradução nossa²). Para Eagly e Chaiken (1993, p.1), as atitudes são “tendências psicológicas avaliativas expressas através da avaliação de uma entidade particular envolvendo um certo grau de favor ou desfavor.” (tradução nossa³). Portanto, as atitudes referem-se às experiências subjetivas e expressam o posicionamento de um indivíduo ou de um grupo, construído a partir da sua história.

A partir disso, foram estipuladas as seguintes hipóteses de estudo: a) Que os moradores e segundos residentes percebiam e se relacionavam com o ambiente da mesma maneira; b) Que para moradores e segundos residentes, a atividade turística modificava e, muitas vezes, destruía o espaço de vivência das pessoas; c) Que as atitudes de moradores e segundos residentes eram diferentes; d) Que o morador percebia as nuances mais fortes do ambiente, valorizando-o, enquanto o segundo residente tratava o lugar apenas como cenário para suas férias e momentos de lazer e descanso.

¹ “[...] los seres humanos perciben los problemas y las soluciones posibles desde diferentes puntos de vista; además, definen sus necesidades básicas, bajo criterios también diferentes, e igualmente respecto a Standards, medio ambiente ideal, etc., ya que ortogan significados distintos a la densidad, privacidad, etc. O medio ambiente percebido y los esquemas imaginativos em los que este está estructurado, conforman la esencia de las decisiones de las personas [...], existiendo siempre un lazo de unión entre la percepción y el comportamiento.”

² “An association between an object (social situations, individuals, social problems and others) and an evaluation related to the object, which is stored in memory.”

³ “Evaluative psychological tendencies expressed by an evaluation of a particular entity including a degree of favor or disfavor.”

Partiu-se do princípio de que compreender as percepções a respeito do turismo em Guaratuba, município considerado turístico (conforme Lei Federal 6.513/1977⁴), para a prática de turismo de balneário e sazonal (SCHEUER, 2010b), e que está localizado na porção sul do litoral do estado do Paraná, entre o município de Matinhos e o litoral catarinense, poderia contribuir para que novos elementos fossem desvendados e incorporados na produção do espaço da localidade que experimenta as intervenções do turismo nas suas relações pessoais, familiares e profissionais.

Desta forma o presente trabalho possuiu como objetivo geral realizar um estudo e analisar a percepção dos moradores e visitantes de segunda residência sobre o turismo no município de Guaratuba, litoral do Paraná, estabelecendo o sentimento topofílico e, a partir de tal análise, relacionar implicações do estudo da percepção para a ciência e para o município de Guaratuba. Nesse sentido, para atingir tais propósitos, fez-se necessário contemplar os seguintes objetivos específicos: a) Buscar uma reflexão conceitual sobre turismo, geografia cultural e humanista, fenomenologia, topofilia e percepção, paisagem, lugar e espaço vivido e delimitar até onde deveria estender a análise; b) Situar Guaratuba e suas características no contexto do estudo; c) Escolher as variáveis que qualificassem e justificassem as análises e as devidas considerações provenientes destas; d) Aplicar questionário a moradores e visitantes de segunda residência sobre sua percepção em relação ao turismo de Guaratuba; e) Compilar os dados coletados e analisá-los; f) Estabelecer implicações do estudo da percepção relacionadas à ciência e ao município de Guaratuba.

Guaratuba é um município em que ocorre turismo sazonal, de acordo com Mota (2001, p.98) “sazonalidade, em seu sentido contextual, que pode ser definida como um determinado período para ocorrência de um fenômeno, ou seja, aquele que ocorre em alguns períodos e outros não.” Sua renda, sua estrutura, seu

⁴ Conforme a Lei federal 6.513 de 20 de dezembro de 1977, Capítulo I são Áreas e Locais de Interesse Turístico: Art. 1º - Consideram-se de interesse turístico as Áreas Especiais e os Locais instituídos na forma da presente Lei, assim como os bens de valor cultural e natural, protegidos por legislação específica, e especialmente: I - os bens de valor histórico, artístico, arqueológico ou pré-histórico; II - as reservas e estações ecológicas; III - as áreas destinadas à proteção dos recursos naturais renováveis; IV - as manifestações culturais ou etnológicas e os locais onde ocorram; V - as paisagens notáveis; VI - as localidades e os acidentes naturais adequados ao repouso e à prática de atividades recreativas, desportivas ou de lazer; VII - as fontes hidrominerais aproveitáveis; VIII - as localidades que apresentem condições climáticas especiais; IX - outros que venham a ser definidos, na forma desta Lei.

comércio, isto é, a vida do município ocorre com mais intensidade na época do verão, mas pode-se dizer que o município tem capacidade e potencial para atrair pessoas durante todas as épocas do ano e, conseqüentemente, ter vida própria o ano todo. (SCHEUER, 2010b).

Almeja-se que um trabalho como este possa ser de relevância para o município, pois conta com o auxílio de pesquisas científicas, com dados e resultados sobre as percepções dos moradores e visitantes de segunda residência sobre o turismo e também porque descreve a realidade de Guaratuba em relação ao turismo.

Posto este desafio, este estudo pretendeu realizar um exercício subjetivo do olhar para abordar um homem cultural com seus valores, desejos, necessidades e preferências e onde a autora teve a oportunidade de “sentir” por meio da visão dos outros o lugar onde vive.

Estudos relacionados à percepção do turismo tornam-se relevantes, pois podem apontar fatores que possibilitam auxiliar aos gestores dos destinos a analisar seus pontos fortes e fracos e a se prepararem para receber turistas durante o ano todo, facilitando a vida da população local.

Ressalta-se a importância de se considerar a percepção dos moradores (nativos ou não), visto ter sido identificado haver uma carência de estudos com dimensão social que considerem a comunidade receptora, suas percepções, seus valores, suas opiniões e suas experiências a respeito do turismo. Já pela parte dos turistas, a relevância deste estudo reside no entendimento da conduta do homem em relação ao espaço onde se desenvolve a atividade turística, que não é o seu espaço de moradia habitual, mas sim um espaço valorizado e com uma função: servir-lhe de cenário e/ou lugar para seu lazer e descanso.

Os procedimentos metodológicos aplicados nesta pesquisa possuem como base a abordagem humanista em sua vertente fenomenológica, em direção aos conceitos de turismo, percepção geográfica do turismo, paisagem, lugar e espaço vivido. Em se tratando de um estudo sobre a percepção, verificou-se que a abordagem fenomenológica é pertinente ao focar o homem como sujeito, dotado não só de razão, mas de sentimentos, crenças e valores. Ao atribuir-se sentido ao espaço, redefinem-se os conceitos de turismo, paisagem, lugar e espaço vivido, tornando a análise espacial mais abrangente, rumo às análises da percepção do

local por dois grupos sociais heterogêneos, ou seja, os segundos residentes e os moradores de Guaratuba.

Considera-se que o aporte da geografia humanista e cultural foi essencial, sobretudo por se buscar interpretar como estes dois grupos percebem, interpretam e se relacionam com o turismo no município em questão.

Nesse intuito, o método escolhido foi o da investigação ação participativa - IAP (MARCONI; LAKATOS, 2008), também chamada pesquisa-ação. (GIL, 2008). Para essas autoras, a IAP está sendo cada vez mais utilizada pelos pesquisadores sociais, pois o enfoque é diferente do método tradicional de se fazer investigação científica, uma vez que o método IAP conceitua as pessoas (tradicionalmente consideradas como meros objetos de investigação) como sujeitos participantes da interação com os pesquisadores. (TORRES, 2006).

Com relação à metodologia de coleta de dados, no estudo se trabalhou com a observação participante assistemática natural e com a aplicação de questionários. Este tipo de observação conta com a participação real do pesquisador com a comunidade. E torna-se assistemática, pois não é estruturada, é espontânea, informal, simples, ocasional [...], não tem planejamento e controle previamente elaborados. (MARCONI; LAKATOS, 2008). O que a caracteriza como assistemática é que o pesquisador não possui anteriormente algo determinado ou quais são os aspectos relevantes a serem observados, nem mesmo quais meios serão utilizados para observá-los. E dentro da observação participante ainda pode-se afirmar que esta foi natural, que conforme Gil (2008, p. 103) é “quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga”. Assim, ao observar os moradores e segundos residentes, a autora levou em consideração as variáveis de inferência, ou seja, atitude, cognição e valor. (AMORIM, 2003).

Quanto aos questionários, são considerados estruturados com perguntas abertas, pois se acredita que elas dão suporte às questões de ordem subjetiva e qualitativa junto a uma pesquisa empírica participante, buscando mais elementos para a compreensão do modo como os indivíduos percebem o espaço e/ou lugar. Conforme dados fornecidos pela Secretaria de Planejamento Urbano do Município, na pessoa do Sr. Joelson Correa Travassos, em outubro de 2014, Guaratuba possui 19.224 residências; dessas, 6.431 são de moradores e 12.793 são de segundos residentes, ou seja, 66,54% dos indivíduos que são proprietários de imóveis no município não vivem em Guaratuba. E desses segundos residentes, 61% são

provenientes da capital do Estado, Curitiba. Quanto à amostragem, essa aconteceu por acessibilidade ou por conveniência, pois é o tipo de amostragem menos rigorosa, ou seja, “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.” (GIL, 2008, p. 94).

Neste caso, foram aplicados 60 questionários: 20 para segundos residentes há mais de 10 anos e 40 para moradores. Dos segundos residentes, 11 retornaram o questionário completamente respondido. Dos 40 moradores, 36 responderam os questionamentos, sendo 14 nativos, 17 que moravam há mais de 10 anos em Guaratuba e 5 que viviam há menos de 10 anos no município. Lembrando que todos os moradores questionados possuíam algum tipo de relação com o turismo no município.

Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, considera-se que sua análise seja denominada qualitativa, realizando análise de conteúdo baseada em Bardin (2011), que se organiza em três polos cronológicos: a) a pré-análise; b) a exploração do material e; c) o tratamento dos resultados e a interpretação.

As categorias de análise foram: turismo, paisagem, lugar e espaço vivido, utilizando as variáveis de percepção, conforme Lowenthal (1985): visão, audição, tato, paladar e olfato. As variáveis de inferência que foram levadas em consideração durante as análises dos questionários e das observações realizadas foram a atitude, a cognição e o valor.

A metodologia será apresentada de forma mais completa no capítulo intitulado Procedimentos Metodológicos, no qual também será abordada a pesquisa de campo e a análise dos dados coletados.

Esta tese está estruturada em quatro capítulos, sendo que o primeiro capítulo tem caráter introdutório. No segundo capítulo é apresentada a revisão da literatura, iniciando pelas definições de turismo e de geografia do turismo e sua importância para o estudo; depois, são abordados os itens turismo de segunda residência e sazonalidade do turismo, fenômenos frequentes no município de Guaratuba. Em um segundo momento da revisão de literatura é apresentado o aporte geográfico sobre o lugar, abordando os seguintes temas: geografia cultural, fenomenologia, geografia humanista, geografia da percepção, topofilia e percepção geográfica do turismo; ainda dentro desse contexto, os conceitos de paisagem, lugar e espaço vivido.

No capítulo três, explicita-se o objeto desta pesquisa. Para isso, a autora aborda a caracterização da área (cenário) de estudo, apresentando o Litoral Paranaense inicialmente, região onde o município de Guaratuba se encontra. Na sequência deste capítulo é apresentada a caracterização do município, com sua história, suas características geográficas, sociais e turísticas, a fim de elucidar o leitor sobre o local onde os fenômenos estudados acontecem.

No quarto capítulo, intitulado Procedimentos Metodológicos, há a apresentação dos métodos e técnicas de pesquisa que foram utilizados para a construção desta tese, bem como a análise dos dados coletados a partir da pesquisa de campo e da revisão da literatura, por meio de análise qualitativa e considerações acerca da pesquisa de campo.

Finalmente, a tese é concluída com a discussão dos resultados e as implicações advindas deste estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta etapa da tese consta o eixo teórico da pesquisa. Trata-se da revisão da literatura utilizada e uma reflexão que contempla aspectos introdutórios e que serviu de base para a compreensão da percepção como tema científico, entre outros elementos conceituais, teóricos e metodológicos relacionados, tais como: turismo, turismo de segunda residência e sazonalidade do turismo em um primeiro momento e posteriormente conceitos relacionados à geografia cultural e humanista, fenomenologia, percepção e topofilia, percepção geográfica do turismo, paisagem, lugar e espaço vivido.

2.1 APORTE TEÓRICO ACERCA DO TURISMO E DA GEOGRAFIA DO TURISMO

O turismo tem se configurado como um fenômeno da sociedade pós Revolução Industrial, não apenas pelo seu caráter econômico, mas também, pelos aspectos ambientais, espaciais, sociais. Diante de tal dinâmica, são consideradas as dimensões sociais dessa atividade e que abrangem as relações culturais e pessoais, a mobilidade horizontal, a gestão, a comunicação, o trabalho e o lazer. (BARBOSA, 2001).

Bahl (2004b, p. 13) afirma que o turismo, “enquanto atividade social e econômica, está sujeito a uma série de determinantes naturais e culturais, controláveis e não controláveis, que deve ser ponderada, pois pode constituir-se em elementos de atração ou de redução dos seus fluxos e benefícios.”

Para melhor compreensão histórica do turismo, considera-se ser essencial apresentar a diferença entre o conceito de viagem, como deslocamento, e o conceito de turismo, que implica na existência também de recursos e infraestrutura para receber os turistas. (BARRETTO, 1995).

Para Romero (1977), as teorias que explicam os deslocamentos humanos sustentam que estes se realizam em função direta de suas necessidades e desejos e em função inversa às limitações de sua liberdade. Percebe-se que o homem é um viajante por natureza, uma vez que suas necessidades e desejos estão fora de si mesmo. Viajar autenticamente é partir do conhecido ao desconhecido.

Outra motivação de viagem é a vontade de fugir do cotidiano. A viagem prazerosa representa o antitrabalho, como se a viagem fosse sempre garantia de felicidade e renovação. (RODRIGUES, 1997). Além dessa motivação, a viagem também funciona como importante meio promotor de “*status social*”. Viajar é preciso para aquisição de prestígio. (RODRIGUES, 1997). Diante disso, o turismo, antes restrito aos grupos sociais mais privilegiados, se transforma posteriormente em um produto de massas. (KRIPPENDORF, 1989).

Guardadas as devidas proporções, a maioria das pessoas viaja, incluindo aí desde as que viajam em programas mais luxuosos, num navio de cruzeiro, até aquelas que viajam em transportes coletivos para a praia mais próxima de sua residência ou para visitar um santuário religioso.

Desde muito tempo, o homem migra procurando melhores condições para seu sustento e sobrevivência. Nesse sentido, a viagem relacionada à necessidade de conquista e de poder motivou grande fluxo de pessoas durante a história da humanidade, tais como as invasões bárbaras, as cruzadas, os grandes descobrimentos. (GATTI, 2011). Houve também alguns povos que, durante séculos, viveram de forma nômade, mas isso por ser uma prática grupal e não, basicamente, pela motivação vinculada ao turismo. Mas, diferentemente da viagem para conquistas ou dessa realizada pelos nômades, a viagem turística implica em voltar, já que ela é própria do lazer.

A viagem para lazer já era praticada na Antiguidade Clássica. Por exemplo, há autores que situam aspectos vinculados com a ideia de turismo. Conforme Barretto (1995), na Grécia do século VIII a.C., algumas pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos a cada quatro anos e que Pompeia, à sua época, era uma cidade do lazer, um centro turístico. Ainda, segundo Barretto (1995), há estudiosos que acreditam que os primeiros viajantes foram os fenícios, por terem sido os inventores do comércio. Outro exemplo mostra que representantes das classes urbanas mais privilegiadas do Império Romano possuíam duas residências – uma na cidade e outra no campo. (GATTI, 2011). Diante disso, é muito provável que se fosse realizada uma pesquisa em tempos anteriores e em outras culturas, além da greco-romana, encontrar-se-iam antecedentes ainda mais remotos, chegando-se a supor que o ser humano sempre viajou, seja definitivamente (migrando) ou temporariamente (retornando). (GATTI, 2011).

Nas sociedades pós-industriais, o turismo, juntamente com o lazer, as artes, a cultura, o esporte, a qualidade de vida, compõem um conjunto de elementos que caracterizam um novo estilo de vida, visando cada vez mais à supremacia do indivíduo. (GATTI, 2011).

Conforme a União Internacional das Organizações Oficiais de Viagem (IUOTO)⁵, citada por Barretto (1995), “visitante é toda pessoa que visita um país ou uma localidade diferente daquela em que reside habitualmente, por qualquer razão que não seja realizar trabalho remunerado.”

Portanto, o homem que pratica o turismo busca o inaudito, o extraordinário, o fantástico, julgando-o autêntico, segundo Gatti (2011). Ele ainda aponta que esta busca do desconhecido, da aventura, do inusitado, do exótico remete os fluxos para vários lugares do mundo. O objetivo é conviver, participar, discutir, buscando a inserção na cultura da população de um local. (SANTOS, 2011).

Dentre os geógrafos que estudam e realizam trabalhos sobre o turismo, Cruz (2002, p. 5) define turismo como sendo uma “[...] prática social que envolve deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo.”

Conti (2003, p. 68), acrescenta que:

[...] turismo é um processo que interessa à sociedade e à natureza e, por essa razão, está vinculado de forma muito estreita aos objetivos da geografia enquanto ciência que se propõe a interpretar os arranjos espaciais da superfície terrestre e a decodificar toda complexidade de seu dinamismo.

O turismo também pode ser visto como objeto de estudo, inserido no campo das ciências humanas, pois é neste campo que diversas questões sociais são abordadas. Para Boullón (1997), por ser recente o seu corpo teórico, o turismo ainda não pode ser considerado uma ciência. Sendo assim, seus estudos baseiam-se nas ciências já consolidadas, como: antropologia, direito, economia, ecologia, psicologia, sociologia e geografia. E para a Organização Mundial do Turismo, é tido como multidisciplinar. (OMT, 2001).

⁵ IUOTO (INTERNATIONAL UNION OF OFFICIAL TOURISM ORGANIZATIONS), A OMT surgiu no Congresso Internacional de Associações Oficiais de Tráfego Turístico que aconteceu na Holanda, em 1925. (OMT, 2001). Posteriormente, seu nome passou a ser União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens, a IUOTO, e foi transferida para Genebra, na Suíça. (OMT, 2001). Em 1974, foi transformada em um órgão intergovernamental e, em 2003, tornou-se uma agência especializada das Nações Unidas, a então OMT. (OMT, 2001).

O estudo de Mitchel e Murphy (1991) define como objeto de estudo da geografia do turismo as interrelações que se criam entre os turistas, a população de um local e as atividades realizadas, tendo-se a presença em um espaço como referência. Assim, nesse contexto, os estudos pertinentes à geografia do turismo podem abordar aspectos ambientais, regionais e evolutivos do espaço e da percepção, como é o caso deste estudo. Em resumo, de acordo com Boniface e Cooper (1994), o objeto de estudo da geografia do turismo é a expressão espacial do turismo como atividade humana, centrada tanto na área de origem quanto na de destino, assim como a relação entre ambas.

A seguir considerou-se ser relevante abordar com mais profundidade a conceituação do turismo e a sua importância.

2.1.1 Turismo, conceituação e importância

Em 1910, foi elaborada a primeira definição de atividade turística. Para o economista austríaco Herman Von Schullard (1910)⁶ *apud* Beni (1998, p. 36), “o turismo é a soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região.” Quando ele se refere às operações de natureza econômica, está fazendo menção a um composto de atividades e serviços relativos à alojamento, alimentação, transporte, compras e entretenimento. Observa-se que essa definição não aborda as outras dimensões da atividade turística, mas certamente é mais abrangente que a formulada por Edmond Pickard⁷, professor de economia da Universidade de Bruxelas e citado por Andrade (1995, p. 33), que relata que “a função da atividade turística é a importação de divisas pelos países. O seu impacto reside no que as despesas do turismo podem realizar para os diferentes setores da economia e, em particular, para os donos e gerentes de hotéis.” Nota-se que são bastante difundidas as vantagens da atividade turística para a economia, mas é conveniente ressaltar que esta é uma visão “míope” da realidade, compartilhada por inúmeros teóricos “apologistas do turismo.”

⁶ SCHULLARD, V. H. Referência não consta em Beni (1998).

⁷ PICKARD, E. Referência não consta em Andrade (1995).

Pode-se observar que a definição de Pickard não está atrelada ao âmbito das ciências econômicas, pois resume o impacto da atividade a uma exportação de bens invisíveis restringindo sua área de abrangência a um único segmento do turismo: a hotelaria.

Uma abordagem mais técnica foi reservada à discussão quando da publicação, em 1942, pelos professores suíços Walter Hunziker e Kurt Krapf,⁸, em que eles conceituam o turismo, afirmando que este é a “soma dos fenômenos e das relações resultantes da viagem e da permanência de não-residentes, na medida em que não leva à residência permanente e não está relacionada a nenhuma atividade remuneratória.” (BENI, 1998, p. 38). Dessa forma, o que era uma soma de operações passa a ser um complexo de relações e fenômenos. Percebe-se que os autores ampliaram a definição no intuito de assegurar à atividade turística a sua multidisciplinaridade; foi, entretanto, ao restringir a natureza do termo “turista”, que eles deram a sua mais valiosa contribuição.

Outra definição aceita é a de Arrillaga (1976), que além de restringir a concepção de turismo, incorpora ao termo os elementos da oferta turística e as interações que ocorrem entre os viajantes e a comunidade receptora. Assim, o turismo pode ser considerado todo deslocamento temporal determinado por causas que não envolvem remuneração e também o conjunto de bens e serviços e a organização que determinam e tornam possíveis esses deslocamentos e as relações e fatos que acontecem entre turistas e residentes. (ARRILLAGA, 1976). Analisando essa afirmação de Arrillaga, considera-se que para que aconteça a ação de se fazer turismo é necessário que os deslocamentos sejam voluntários e desvinculados de quaisquer atividades ligadas a transações financeiras e ainda que existam relações sociais entre visitantes e residentes.

Wahab (1991) foi quem conseguiu expressar de maneira bem clara e completa o significado do turismo, incorporando os deslocamentos regionais e os seus impactos junto às áreas-destino:

⁸ HUNZIKER, W.; KRAPF K. *Algemeine Freudenverkehrslehre*. Zurique, 1942.

Uma atividade humana intencional, que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre os povos [...]. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões, países ou continentes, visando à satisfação de necessidades outras que não o exercício de uma função remunerada. Para o país receptor o turismo é uma indústria cujos produtos são consumidos no local formando importações invisíveis. Os benefícios desse fenômeno podem ser verificados na vida econômica. (WAHAB, 1991, p. 63).

Em 1937, a Comissão Econômica da Liga das Nações⁹ definiu o termo ‘turista’ como sendo “a pessoa que visita um país que não seja a sua residência por um período de, pelo menos, vinte e quatro horas.” (BENI, 1998, p.37). Todavia, em 1963, para propósitos estatísticos, as Nações Unidas¹⁰ caracterizou o termo ‘visitante’, denominando que este é “a pessoa que visita um país que não seja a sua residência, por qualquer motivo, e que nele não venha a exercer ocupação remunerada.” (BENI, 1998, p.37).

De uma forma mais completa, em 1995, Organização Mundial do Turismo conceituou como turista a pessoa que se desloca para um lugar diferente daquele de sua moradia, por um período inferior a doze meses, cujo objetivo principal não é realizar atividade remunerada no local visitado. (OMT, 1995).

Já para Andrade (1995, p. 42), turista é:

Toda pessoa, sem distinção de raça, sexo, língua, religião, que ingresse no território de um estado contratante diverso daquele que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, saúde, esporte, estudos, familiares, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósito de imigração.

Assim, pode-se pensar que quando as pessoas realizam turismo, elas praticam atividades no decorrer de suas viagens e estadas em diferentes lugares de suas moradias habituais, por um período de tempo inferior a um ano, com finalidade de lazer, de negócios ou por outros motivos não associados a atividades remuneradas no local visitado. Esse conceito reflete uma realidade mundial ainda não globalizada.

Acompanhando as mudanças globais em curso, a OMT (2001, p. 38) propôs uma nova definição nos seguintes termos: “o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do

⁹ Comissão Econômica da Liga das Nações, 1937. Referência não consta em Beni (1998).

¹⁰ Nações Unidas. **Conferência sobre Turismo em Viagem**. Roma, 1963.

seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros.”

Seguindo o pensamento de Beni (1998), pode-se acrescentar que o turismo encontra-se ligado a quase todos os setores da atividade social humana é a causa de grande variedade de conceitos.

Diante de todos esses pensamentos, considera-se que a conceituação de turismo não pode ficar limitada a uma simples definição, já que esse é um fenômeno que ocorre em distintos campos de estudo, podendo ser explicado conforme diferentes correntes de pensamento, e verificado em vários contextos da realidade social. Sendo assim, pode se perceber que realmente a atividade turística é ampla e, deveras, um fenômeno complexo.

Logo, a partir dos vários enfoques apresentados, considera-se pertinente mencionar que para a presente tese adotou-se como base o conceito de Barretto (1991, p. 47-48), em que a mesma discorre que:

O turismo é essencialmente movimento de pessoas e atendimento às suas necessidades, assim como às necessidades das outras pessoas que não viajam. O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação.

Barretto (1991) ainda acrescenta que o fenômeno turístico ou a atividade turística, como a autora prefere denominar, tem um aspecto social tão importante quanto o desenvolvimento econômico, isto é, a possibilidade de expansão do ser humano, seja pelo divertimento ou pela possibilidade de conhecer novas culturas e enriquecer os conhecimentos por meio das viagens. Essa a abordagem sugerida por Barretto (1991) vai ao encontro das discussões que se seguirão no decorrer do estudo.

Como este estudo procurou trabalhar com a percepção dos moradores e dos segundos residentes em um espaço turístico, tornou-se relevante abordar os conceitos de turismo de segunda residência.

2.1.2 Turismo de segunda residência

Assumindo que o turismo se constitui em uma atividade complexa com múltiplas relações econômicas, sociais, políticas e culturais, julgou-se necessário, dentro deste contexto, analisar as repercussões socioespaciais do turismo de segunda residência, já que sua expansão em escala mundial vem provando mudanças importantes nos locais onde esse tipo de turismo se desenvolve. No que se refere ao Brasil, os primeiros estudos sobre esse fenômeno vinculado às segundas residências datam do final dos anos 1980. (TULIK, 1995).

A residência secundária ou segunda residência é um tipo de hospedagem vinculada ao turismo de fins de semana e de temporadas de férias. (ASSIS, 2001). Observa-se que este tipo de turismo teve uma intensa expansão em escala mundial, fenômeno este que prescinde de base sólida de reflexões teóricas e estudos empíricos das suas mais diversas repercussões socioespaciais nos diferentes lugares do mundo para se consolidar.

Na maioria dos estudos turísticos, a residência secundária é um tema pontual, citado, frequentemente, como uma das modalidades de alojamento das áreas em foco. (ASSIS, 2001). Ressalta Pearce (1991, p. 116), que nesses estudos “o objetivo principal é a análise da distribuição das segundas residências e não a análise da estrutura espacial do turismo em geral.” E Soneiro (1991, p. 126) acrescenta que estes estudos emergentes sobre as residências secundárias são “[...] em grande medida, de caráter idiográficos¹¹ e descritivos, orientados, particularmente, ao estudo da distribuição e dos impactos espaciais.”

Há, assim, a necessidade de se aprofundar metodologias específicas para o estudo das segundas residências. Fenômeno mundial de análises recentes, a residência secundária começa a aparecer na literatura internacional em estudos, de meados de 1970, conforme Pearce (1991).

Becker (1995, p. 10) salienta que:

¹¹ Idiográfico: O que se refere a aspectos específicos, individuais. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 20/01/2014.

No Brasil, o aparecimento do fenômeno da segunda residência dá-se, na década de 1950, sob a égide do 'nacional-desenvolvimentismo' que foi responsável pela implantação da indústria automobilística, pela ascensão do rodoviarismo como matriz principal dos transportes e pela emergência de novos estratos sociais médios e urbanos que, aos poucos, começariam a incorporar entre os seus valores socioculturais a ideologia do turismo e do lazer. O veraneio ou o descanso dos fins de semana se transformaram em valor social, cuja satisfação levaria o turismo, de um modo muitas vezes predatório e desordenado, a regiões acessíveis e a grandes centros urbanos do Centro-Sul, e com atributos ambientais valorizados (zonas costeiras e/ou serranas). (BECKER, 1995, p. 10).

Conforme Assis (2003), o crescimento das segundas residências no Brasil e o fornecimento de dados estatísticos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nessas últimas três décadas, resultaram em alguns estudos específicos sobre o fenômeno no país como a pesquisa pioneira de Odette Seabra (1979) acerca dos efeitos socioespaciais das segundas residências (preços de terrenos e formas de ocupação) no litoral de Santos-SP; o estudo de Mauren Roque (1990) sobre a desigualdade social que o fenômeno da segunda residência encerra como manifestação das diferenças nas oportunidades de trabalho e de lazer na Estância Balneária do Guarujá-SP; e o trabalho de Olga Tulik (1995), que avalia a dimensão e a distribuição das segundas residências no Estado de São Paulo, ressaltando as áreas emissoras e receptoras mais expressivas.

Esses estudos produzidos como dissertações e teses na Universidade de São Paulo apresentam, cada um na sua perspectiva, propostas de reflexões teóricas e análises empíricas que, somadas à literatura internacional consultada, servem de referências à reflexão sobre o fenômeno da segunda residência.

Nos anos 2000, Tulik (2001) faz uma avaliação sobre este tipo de hospedagem no Estado de São Paulo, e Assis, em 2001 e 2003, trabalha com o tema no Estado de Pernambuco, trazendo uma análise geográfica sobre o assunto. Em 2012 o Observatório das Metrópoles, Núcleo de Natal – RN lança o livro “Segunda Residência: Lazer e Turismo”, organizado por Maria Aparecida Pontes da Fonseca. Nessa coletânea, analisa-se o tema da segunda residência vinculando-o ao lazer e ao turismo e, especialmente, à evolução da ocupação econômica imobiliária das faixas de praia do litoral do Nordeste brasileiro, ocorrido no século passado, sendo uma das publicações mais atuais sobre o assunto.

Posto isso, observa-se que, apesar da definição técnica do IBGE afirmar que a residência secundária ou segunda residência seja um conceito amplo e complexo

devido à profusão de termos restritivos - casa de praia, de veraneio, de campo, de temporada, de férias – ela ainda carece da falta de um consenso terminológico.

Apoiada numa restrita bibliografia estrangeira exclusiva sobre segunda residência, Tulik (1995) se lança no desafio de analisar, a partir do conhecimento das características observadas em outros países, os aspectos conceituais dessa modalidade de alojamento turístico em função da realidade brasileira, especificamente da paulista, seu objeto de estudo.

Tulik (1995, p. 21) conceitua residência secundária como “[...] um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente, nos momentos de lazer, por pessoas que têm seu domicílio permanente num outro lugar.” Este conceito, bem mais abrangente que o do IBGE, remete à discussão dos principais tópicos que o engendram e que fazem da segunda residência um fenômeno complexo.

Primeiro, considera-se como segunda residência um alojamento turístico particular, ou seja, de propriedade privada. Esta questão da propriedade remete à característica básica da segunda residência – “a renda como fator diferencial que define quem pode possuir, além do domicílio permanente (primeira residência), um outro destinado ao lazer de finais de semana e das temporadas de férias.” (SCHEUER, 2010b, p. 52-53).

Ter uma residência secundária pressupõe a disponibilidade de uma renda excedente, pois implica em custos com a compra do terreno, construção do imóvel (quando não se compra o imóvel construído), impostos, manutenção e meio de transporte para o deslocamento entre uma localidade e outra (geralmente, automóvel particular). (SCHEUER, 2010b, p. 53). Assis (2003) argumenta que estes fatores fazem da segunda residência uma modalidade de alojamento turístico elitista, símbolo de *status* social, característica das camadas sociais altas e, na sua grande maioria, média. Para esta última camada, a falta de maior disponibilidade financeira e de tempo livre para o aproveitamento das férias com a família em grandes viagens pelo mundo, torna a segunda residência uma importante alternativa de lazer, devido à economia de tempo (de trabalho) e, sobretudo, de dinheiro. (SCHEUER, 2010b, p. 53).

Assim, pode-se afirmar que em muitas vezes, além de um alojamento como alternativa de lazer turístico, a residência secundária é uma opção de investimento. Para Soneiro (1991, p. 151), a residência secundária “[...] é, sobretudo, um investimento rentável, como comprovam os fatores fundamentais: seu escasso

índice de frequência, pois permanecem vazias a maior parte do ano, e o escasso tempo que, geralmente, pertencem ao mesmo proprietário [...].” Apesar dos altos custos de manutenção e, em geral, do baixo índice de frequência das residências secundárias, a propriedade desses domicílios representa um “investimento em terras”, como reservas de valor para o futuro. (TULIK, 1995). Todavia se adverte que a residência secundária “[...] é um investimento que não oferece liquidez e nem rentabilidades imediatas, pois a venda está sujeita às leis da oferta e da procura e, nem sempre estes imóveis são alugados, permanecendo vazios na maior parte do ano.” (TULIK, 1995, p. 24).

Outra questão a que o conceito de residência secundária remete é à temporalidade. Sendo um domicílio de uso ocasional de finais de semana ou de temporadas de férias para fins de recreação e lazer, a segunda residência pressupõe, indubitavelmente, a existência por parte do proprietário de um outro domicílio de uso permanente onde ele habita na maior parte do ano. (SCHEUER, 2010b).

Segundo Assis (2003, p. 113), enquanto

[...] a primeira residência responde a mais elementar necessidade de habitar, morar, de ter abrigo em que pese as diferentes formas existentes de satisfazer essas necessidades; já a segunda habitação foge a qualquer entendimento dessa natureza. Ela é uma segunda habitação.

Portanto, pode-se considerar que por maior que seja o tempo de estada na segunda residência, os fatores disponibilidade do tempo livre, necessidade de lazer e descanso, de renda excedente e a distância do domicílio principal definem o uso temporário dessas construções.

Alguns autores observam que o uso pode ser repetido, mas não consecutivo por período superior a um ano, o que estabelece o vínculo territorial e um certo paralelismo com a definição aceita para turista, fato que reforça a noção de residência secundária como alojamento turístico. (TULIK, 1995, p. 21).

Outra questão que permeia o conceito de residência secundária é a finalidade. Marco da sociedade “pós-industrial”, o direito ao tempo livre é uma das grandes conquistas sociais do mundo do trabalho que tem na segunda residência uma das suas modalidades de usufruto. (ASSIS, 2003). O mesmo autor acrescenta

que a busca da recreação e do gozo do tempo livre é, sem dúvida, a principal finalidade das construções das segundas residências.

Nessa busca pelo lazer fora de seu local de domicílio, a segunda residência é uma das expressões máximas, pois associa capitalização mercantil dos atributos naturais das paisagens - o mar, o campo, as montanhas - e a dotação de infraestrutura de equipamentos e serviços urbanos que facilitem um maior aproveitamento do tempo livre. (SCHEUER, 2010b). E o tempo livre é um dos principais fatores que implicam na aquisição e no uso de um segundo imóvel. Assis (2003) argumenta que este fator transforma os fins de semana em um fato apropriado para o uso da segunda residência e, quase sempre, as migrações acontecem na sexta-feira à noite ou no sábado de manhã, retornando quase sempre no domingo à tarde para suas residências principais. Tulik (2001) acrescenta que o tempo livre interfere nas possibilidades de deslocamentos. Assim, quanto mais próximas da segunda residência, maiores são as chances das pessoas ocuparem seu tempo livre no imóvel secundário.

A segunda residência converte o “fim de semana” num fator sociocultural característico da sociedade contemporânea. A redução da jornada de trabalho, a degradação do meio urbano e o advento do automóvel particular contribuíram para a eclosão do fim de semana como o principal período de aproveitamento do tempo livre, sobretudo, via segunda residência. (ASSIS, 2003).

Para Krippendorf (1989), o fim de semana representa um espaço de liberdade, que vislumbra que o tempo livre é uma privilegiada oportunidade na qual o homem pode encontrar-se consigo mesmo, ao mesmo tempo em que permite se restabelecer das situações adversas do meio social e do trabalho.

Sendo um fenômeno recente que se vincula ao turismo de fim de semana e das férias anuais, Tulik (1995, p. 202) ressalta que:

A residência secundária tem sua localização definida pela relação tempo-custo-distâncias. Esses fatores podem contribuir para a valorização de recursos naturais e culturais mais próximos dos centros emissores que são preferidos a outros, de qualidade superior, porém, mais distantes.

Já para Pearce (1991, p. 16),

Os principais fatores de distribuição das segundas residências parecem ser: a distância dos grandes centros populacionais; a qualidade ou os atributos da paisagem; a presença de mar, rios ou lagos; a presença de outros recursos recreativos; a disponibilidade de terra; os climas das regiões emissoras e receptoras.

Constata-se a partir da afirmação de Pearce (1991) que as áreas de segunda residência tendem a se distanciar dos centros urbanos na medida em que estes se expandem e se urbanizam, migrando da periferia metropolitana para a zona rural, litorânea ou de montanha, sendo que a localização destes domicílios também pode ser influenciada pelo fator cultural.

Assis (2003) defende que o usuário da segunda residência consome a paisagem dos núcleos receptores, desfrutando dos atrativos culturais e naturais, como qualquer outro visitante, e, além de realizar gastos com a manutenção do imóvel, também gasta com a alimentação e recreação no local da segunda residência, o que indica que o usuário participa da cadeia produtiva do turismo, portanto pode ser considerado um turista.

Pode-se constatar, então, que a residência secundária dinamiza os espaços nos quais se instala, e isso por articular diversas esferas da organização socioespacial, desencadeando efeitos positivos e negativos nos mais diferentes lugares e realidades. (SCHEUER, 2010b).

Como exemplos desta complexidade, Tulik (1995, p. 138) reconhece os efeitos positivos das segundas residências em alguns municípios paulistas, afirmando que “o aumento dos domicílios de uso ocasional tende a gerar muita receita própria para os municípios, enquanto melhora também seus indicadores sociais de número de telefones e o consumo residencial em geral de energia elétrica.”

Em contraposição, Seabra (1979) ressalta os efeitos negativos das segundas residências, tipo apartamentos, implantados no litoral da cidade de Santos (Estado de São Paulo) que, seguindo a lógica capitalista da produção de mercadorias, levaram a cidade a perder suas condições balneárias e a emergir como centro de comércio e serviços.

Dentre os efeitos positivos, destacam-se as transformações ocorridas no mundo do trabalho que, geralmente, proporcionam um incremento das atividades de

comércio e serviços, criando maiores oportunidades de emprego e de aumento da renda para a população local. (SCHEUER, 2010b).

As repercussões negativas mais corriqueiras, segundo Barros (1998, p. 28) referem-se ao fato de as segundas residências, geralmente:

[...] desalojarem com suas edificações e infraestruturas o uso do solo tradicional anterior, agrícola e pesqueiro e provocarem turbulência a níveis culturais e sociais (perfis de emprego, alterações de estilos e horizontes de vida etc.) e ambientais (desorganização da drenagem e mudanças geomorfológicas, destruição das qualidades das águas doces e oceânicas etc.).

Em Guaratuba, por exemplo, os impactos de uma visitação massiva e de um crescimento desordenado das segundas residências sobre os compartimentos da planície litorânea têm ocasionado implicações socioambientais pela sobrecarga tanto dos ecossistemas naturais, como dos serviços públicos de abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de resíduos sólidos em épocas de alta temporada. (ANGULO, 2000).

Ademais, conforme Assis (2003), o refúgio frequente nas residências secundárias estabelece identidades e “territorialidades” que, muitas vezes, desencadeiam repercussões espaciais e conflitos socioculturais entre a população “veranista” e a “nativa”.

Analisando todo esse contexto exposto, observa-se que as transformações socioespaciais desencadeadas pelo turismo de segunda residência abrem um amplo campo de estudo que possibilita e reivindica a análise geográfica do fenômeno.

Com todas as ponderações feitas acima, pode-se dizer que residência secundária ou segunda residência, termos mais comumente utilizados, constitui-se em um alojamento turístico, e que as condições paisagísticas e climáticas desempenham importante papel na escolha de onde são instaladas.

Sobretudo não se pode esquecer que o turista de segunda residência, por estar em contato direto e frequente com a localidade, cria um vínculo afetivo (topofilia) e legal (pagando impostos e tendo direitos como os moradores) com o lugar, podendo interagir e participar das decisões sobre ele. Além dos moradores, os segundos residentes são, supostamente, pessoas que também estabelecem vínculos psicoterritoriais com o lugar onde se situam, tendo percepções e anseios diferentes daqueles turistas que frequentam a localidade apenas nas épocas de

férias ou feriados e se hospedam em locais turísticos (hotéis, pousadas, casas de aluguel entre outros).

Na sequência será abordada a sazonalidade, que está diretamente ligada ao tipo de turismo explorado em Guaratuba e acredita-se que este fenômeno está relacionado diretamente com a percepção que os moradores e segundos residentes possuem sobre o lugar.

2.1.3 Sazonalidade do turismo

Em função de Guaratuba ser um município caracterizado pelo turismo de segunda residência e turismo sazonal, considerou-se fundamental que fosse incluída uma abordagem sobre o tema sazonalidade do turismo. Percebeu-se que os moradores e segundos residentes estavam diretamente ligados ao fenômeno e, conseqüentemente, suas percepções poderiam estar relacionadas às causas e efeitos da sazonalidade.

A sazonalidade, em seu sentido contextual, pode ser definida como um determinado período para a ocorrência de um fenômeno, ou seja, “aquele que ocorre em alguns períodos e em outros não”, conforme aponta Mota (2001, p. 98). Para Ruschmann (1995), a sazonalidade turística é decorrente da concentração das atividades turísticas no espaço e no tempo.

Muitos fatores podem condicionar a demanda turística, segundo Dencker (1998), estes podem ser: fatores demográficos, fatores sociológicos, fatores econômicos, fatores turísticos e a sazonalidade.

De acordo com Mota (2001), na sazonalidade da demanda turística, deve-se considerar as seguintes variáveis: férias escolares ou dos trabalhadores, poder aquisitivo e concentração espaço-temporal. Independentemente da variável, a ocorrência da sazonalidade turística produz conseqüências em diversos níveis:

Gera desemprego, mortalidade em microempresas, queda no faturamento de empresas turísticas, alteração no sistema de gestão, compromete a qualidade no atendimento, modifica a política promocional do produto turístico, altera preços, exige maior flexibilidade administrativa, etc. (MOTA, 2001, p. 98).

Nesse contexto, surge a definição de Butler¹² (1994, p. 332), *apud* Almeida e Kastenholz (2008, p. 4-5), que apresenta a sazonalidade como “um desequilíbrio temporal no fenômeno turístico, que pode ser expresso em termos de dimensões tais como: número de visitantes, despesas de visitantes, tráfego nas autoestradas e outras formas de transporte, emprego e ingressos em atrações.”

Outras definições destacam a concentração dos fluxos turísticos em períodos curtos do ano, promovendo, por um lado, picos de atividade que, muitas vezes, se constituem como um pesado fardo para os recursos físicos e sociais na área de um destino e, por outro, situações de grande procura que geram ineficiência na atividade turística. (LAGE; MILONE, 2000).

Dessa forma, diversos são os agentes e grupos de interesse que participam e afetam o turismo de uma localidade e, conseqüentemente, o fluxo de pessoas nas diferentes épocas do ano. A incorporação de perspectivas, de objetivos e esforços conjugados é vital para a elaboração do planejamento e para o desenvolvimento de um turismo cada vez menos sazonal. (SCHEUER, 2010b).

Conforme Lage e Milone (1998, p. 61), “a existência da sazonalidade da demanda turística, de curto prazo por temporada, prejudica a oferta turística, o que se torna um problema sério para o desenvolvimento da atividade.”

Em Scheuer (2010b), afirma-se que os fatores explicativos da concentração da procura turística variam de destino para destino, de acordo com as suas localizações geográficas, as diferentes origens dos turistas e os elementos de atratividade de cada destino.

A estrutura de correlações entre os fatores provoca, igualmente, diversos efeitos nos diferentes destinos. Existem, no entanto, fatores comuns que podem justificar a sazonalidade na maioria das áreas de destino. Scheuer (2010b) sugere a sazonalidade e a relação de causa e efeito, como ilustrado figura 1, baseando-se em um estudo sobre sazonalidade no município em questão e em alguns autores que sugerem o seu agrupamento em categorias, como ilustra, de forma sintética, o quadro 1, apresentado por Almeida e Kastenholz (2008).

¹² BUTLER, R. **Seasonality in tourism**: Issues and problems. Tourism: The State of Art. A. V. Seaton. Chichester: Wiley, p. 332-339, 1994.

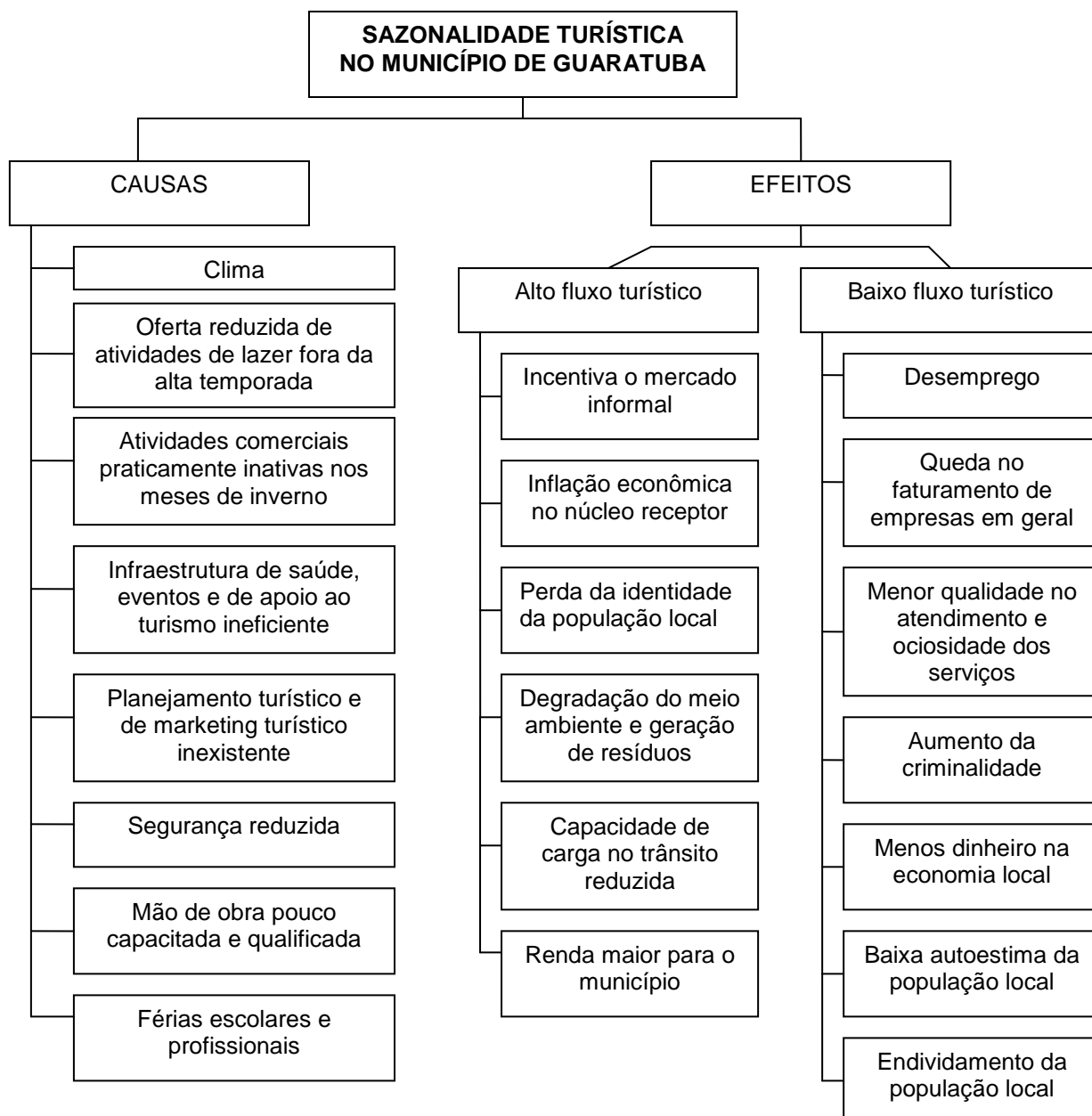


FIGURA 1 – CAUSAS E EFEITOS DA SAZONALIDADE TURÍSTICA EM GUARATUBA
 FONTE: Adaptado de SCHEUER (2010b, p. 164).

Na figura 1, a partir de pesquisa realizada no município de Guaratuba em 2009-2010, descreve-se, como se desenhava a sazonalidade do turismo na localidade, suas causas e efeitos.

Conhecer as causas da sazonalidade pode auxiliar o planejador turístico a focar o desenvolvimento do turismo em seu território, buscando esforços para reduzir as flutuações de temporada tanto quanto possível. Além disso, conhecer os efeitos dessa época sazonal torna-se importante não somente para o planejador, mas também para que todas as empresas e organizações, que estão envolvidas no

processo turístico, possam concentrar esforços a fim de fazer com que a distribuição da demanda turística ocorra de forma mais homogênea e regular durante o ano. (SCHEUER, 2010b).

Já no quadro 1, categorizam-se as causas de acordo com autores que visualizaram e estudaram a sazonalidade num âmbito internacional colocando as causas citadas na figura 1 dentro de categorias explicadas na sequência.

AUTOR	CATEGORIAS DE CAUSAS DA SAZONALIDADE
Baron (1975)	Sazonalidade natural, sazonalidade institucional, efeitos dos diversos calendários, causas sociológicas e econômicas.
Hartmann (1986)	Sazonalidade natural, sazonalidade institucional.
Butler (1994)	Sazonalidade natural, sazonalidade institucional, pressão social e moda, estações desportivas, tradição e inércia.
Butler e Mão (1996)	Fatores físicos e socioculturais nas áreas turísticas de origem e destino.
Frechtling (2001)	Clima, costumes sociais/ férias, costumes profissionais, efeitos dos diversos calendários.
Baum e Hagen (1999)	Tal como Frechtling (2001), mas adicionando os constrangimentos da oferta.

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS CAUSAS DA SAZONALIDADE NO TURISMO

FONTE: Koenig-Lewis and Bischoff¹³ *apud* Almeida e Kastenholz (2008, p. 5-6).

A partir do quadro 1, duas categorias parecem reunir maior consenso, são elas: a sazonalidade natural e a institucional. “A sazonalidade natural engloba vários fatores que estão relacionados de forma direta com o clima e as suas variações regulares ao longo do ano (temperatura, pluviosidade, queda de neve etc.).” (ALMEIDA; KASTENHOLZ, 2008, p. 6).

A sazonalidade institucional é a terminologia geralmente adotada para designar, conforme Butler¹⁴ (1994), *apud* Almeida e Kastenholz (2008, p. 7),

As flutuações da procura turística explicadas por fatores de caráter institucional, ou seja, aqueles que se referem às opções e às decisões humanas de caráter social e profissional e que estão, normalmente, enraizadas em costumes, tradições e, até mesmo, em legislação.

¹³ KOENIG-LEWIS; N; BISCHOFF, E. Seasonality Research: The State of the Art. **International Journal of Tourism Research** 7, p. 201-219, 2005.

¹⁴ BUTLER, R. **Seasonality in tourism**: Issues and problems. Tourism: The State of Art. A. V. Seaton. Chichester: Wiley, p. 332-339, 1994.

Estes fatores estão na origem de oportunidades e limitações ao lazer e, particularmente, ao gozo de férias. Sugere-se que o conjunto diversificado de fatores subjacentes a esta categoria possa ser classificado em dois grandes grupos de acordo com o seu teor: os fatores de ordem sociocultural e os de ordem socioeconômica, conforme quadro 2. (ALMEIDA; KASTENHOLZ, 2008).

FATORES SOCIOCULTURAIS	FATORES SOCIOECONÔMICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Diferentes calendários instituídos: - Feriados - Calendário religioso - Calendário de eventos pagãos - Calendário cultural e desportivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Férias Profissionais • Férias Escolares • Condicionantes econômicas

QUADRO 2 – AGRUPAMENTO DOS FATORES EXPLICATIVOS DE CARÁTER INSTITUCIONAL
FONTE: Almeida e Kastenholz (2008, p. 7).

A partir do quadro 2, percebe-se que diversos fatores sociais, culturais e econômicos são tão importantes quanto aqueles relacionados à natureza e ao clima. As pessoas viajam quando têm oportunidade e, por algum motivo neste caso, evidencia-se a importância dos feriados, férias escolares, os eventos e, consequentemente, a condição econômica do indivíduo e/ou da família.

Existem, no entanto, outras causas importantes da sazonalidade, que se relacionam com aspectos motivacionais que poderiam ser agrupadas numa terceira classe à qual se sugeriria chamar de sazonalidade comportamental. (ALMEIDA; KASTENHOLZ, 2008). Esta categoria agrupa os fatores relacionados com determinadas motivações e preferências dos turistas que moldam os seus comportamentos de consumo e influenciam a sociedade. (ALMEIDA; KASTENHOLZ, 2008).

Assim, é por meio desta vertente de análise que se percebe que os diversos tipos de motivações dos turistas também são uma explicação essencial para a concentração das férias em determinado período, logo, para a explicação da sazonalidade. O ideal antes de procurar analisar a sazonalidade e o que pode ser feito para reverter ou minimizar esta situação, é analisar a vocação turística do núcleo receptor atingido e a caracterização e a classificação dos fluxos turísticos. Percebe-se que o turismo litorâneo pode ser caracterizado pelos diversos tipos de fluxo, mas os mais comuns são os tipos receptivos, os itinerantes e os de estada. (BENI, 1998).

Deste modo, conseguindo fazer uma análise do tipo de fluxo juntamente com o tipo de demanda, fica mais fácil visualizar formas de estudar a sazonalidade e também de propor ações que possam vir a revertê-la ou possivelmente minimizar seus impactos negativos. (SCHEUER, 2010b).

Em locais como o litoral paranaense, em que ocorrem variações de demanda (insuficiente, adequada, excessiva), torna-se importante analisar como as pessoas que vivenciam estas variações o ano todo percebem tais situações.

Vale destacar, ainda, a pertinência do embasamento teórico até aqui abordado, pois a partir dele se propôs a discussão sobre os conceitos e a importância do turismo, já que Guaratuba é uma cidade considerada turística.

Outro tópico abordado e não menos relevante é o turismo de segunda residência, já que o município de Guaratuba depende social e economicamente dos segundos residentes. E sobre sazonalidade, pois se tem aqui um município caracterizado pela ocorrência de atividade sazonal e esta interfere na vida e nas relações pessoais e profissionais de seus moradores.

Acredita-se que a compreensão dos itens abordados anteriormente pode auxiliar no entendimento das análises da pesquisa empírica participante empreendida para esta tese e na discussão dos resultados. Como neste estudo visou-se analisar como os moradores e segundos residentes percebiam e se relacionavam com o turismo em Guaratuba, considera-se também pertinente a abordagem de temas como geografia cultura e humanista, fenomenologia, percepção, toponímia, paisagem, bem como do lugar e do espaço vivido.

2.2 APORTE GEOGRÁFICO SOBRE LUGAR

Para desenvolver estudos sobre a problemática do lugar em que se habita ou se realiza o turismo, o aporte da Geografia Humanista¹⁵ foi imprescindível, pois a partir dele procurou interpretar como diferentes grupos culturalmente heterogêneos, em relação às suas origens, percebiam, interpretavam e se relacionavam com o

¹⁵ A geografia humanista é a corrente da geografia que pesquisa as experiências das pessoas e grupos em relação ao espaço com o fim de entender seus valores e comportamentos. (TUAN, 1976). O seu objetivo é pesquisar os elementos mais particularmente humanos da relação dos homens com o espaço e o ambiente, que são os valores, crenças, símbolos e atitudes. (TUAN, 1976).

ambiente onde estavam inseridos, ou seja, no município de Guaratuba. E no que se refere à geografia cultural, foi estudada a abordagem fenomenológica, já que ela permite abranger a experiência vivida, valorizando o indivíduo e seus sentimentos, auxiliando na compreensão da relação entre homem e ambiente.

A percepção geográfica do turismo também foi abordada, já que se considera a atividade turística como um fenômeno espacial devido ao fato do deslocamento – sair do lugar de moradia para um novo – e da valorização de espaços. (GOULART, 2006).

Foi, então, estudado o termo lugar, conceito chave da geografia humanista e categoria de análise desta pesquisa, a paisagem, o espaço vivido e o turismo, já abordado anteriormente. Tais estudos foram essenciais para compreender como se dava a apropriação do município de Guaratuba pelos moradores e turistas de segunda residência, para conhecer melhor as relações entre essas pessoas e este lugar, que é o mundo vivido dessa comunidade receptora de turistas.

Considera-se, enfim, que ao utilizar como base a geografia humanista, a percepção geográfica do turismo pode fornecer as bases teóricas e metodológicas fundamentais para a compreensão do mesmo turismo como atividade de valorização dos espaços, tornando possível a análise da percepção de um local tanto por parte dos moradores como dos turistas que possuíam uma segunda residência em Guaratuba.

2.2.1 Geografia Cultural

A dimensão cultural pode ser percebida por diferentes áreas do conhecimento, muitas vezes sendo o único elemento comum que nasce entre visões e opiniões aparentemente diferentes. A antropologia, a história, a linguística, a filosofia, as artes têm a prerrogativa de tratar cultura como um termo que faz parte do seu tradicional ambiente de estudos. No entanto, o tema cultura não é privilégio de determinações curriculares, pois está inserido num grande universo, chamando a atenção de áreas como a geografia e o turismo.

Dessa forma, a abordagem cultural impõe a necessidade de repensar a geografia humana e dentro dela a humanista. Conforme Claval (1999, p. 20),

Deste repensar nasce uma primeira ideia, aquela de que a Geografia Humana não pode ser totalmente desvinculada da cultura em que se desenvolveu, dado também válido para as demais Ciências Sociais, a Economia, as Ciências Políticas, a Sociologia, a Etnologia... O econômico, o político e o social nunca existiram como categorias imutáveis e independentes do espaço no qual se encontram. Elas dependem da cultura no seio da qual funcionam.

Consequentemente, o campo da abordagem cultural na geografia humana amplia-se, tomando proporções maiores do que o da geografia cultural do passado (HOLZER, 1992).

Na geografia, a cultura vem sendo considerada desde os primeiros estudos e legitimada pelo termo geografia cultural, vertente alemã, com a antropogeografia de Ratzel¹⁶, e sendo depois desenvolvida pelas escolas Francesa e Norte Americana. (NITSCHKE, 2007). Neste contexto, pode-se citar Carl Sauer e a Escola de Berkeley.

A geografia cultural de Sauer (1889-1975) era uma geografia em que se analisava a cultura sob seu aspecto mais material, os chamados artefatos culturais, pelos quais se estudavam os campos, as moradias, os animais utilizados, os instrumentos de trabalho. (CORRÊA, 2001).

A primeira obra teórica importante de Sauer¹⁷ foi *The Morphology of Landscape*, publicada em 1925 nos Estados Unidos e em 1998 no Brasil. Foram os enunciados contidos neste artigo¹⁸ que fundamentaram a Geografia Cultural norte-americana, entre eles: a valorização da relação do homem com a paisagem (ambiente), que por ele é formatada e transformada em *habitat*; a análise desta relação sempre feita a partir da comparação com outras paisagens [...]. (CORRÊA, 2001). Ainda conforme este autor, a unidade espacial escolhida por Sauer¹⁹ para o estudo da geografia era a Paisagem Cultural, que dependia da atuação humana para ser caracterizada.

¹⁶ RATZEL, Friedrich. **Anthropogeographie**: Grundzüge Der Anwendung der Erdkunde auf Die Geschichte. Stuttgart: J. Engelhorn, 1909.

¹⁷ SAUER, Carl, Ortwin. The Morphology of Landscape. **University of California Publications in Geography** 2 (2), p.19-53, 1925.

¹⁸ SAUER, 1925, The Morphology of Landscape.

¹⁹ SAUER, 1925, The Morphology of Landscape.

Os principais legados da Geografia Cultural, e de Sauer, para as futuras gerações de estudiosos da geografia foram: manter vivo o antropocentrismo e a cultura em meio a um cenário fortemente quantitativo, o que possivelmente permitiu a reação e ruptura na década de 1970; respeitar a diversidade de temas e de interesses, o que a manteve aberta para temas novos como o da percepção ambiental; enfatizar a interdisciplinaridade, permitindo aos geógrafos amplas incursões em outros campos do conhecimento; valorizar o trabalho de campo e a recusa dos “a priori”. (CORRÊA, 2001). Ele ainda acrescenta que uma renovação desta geografia cultural ocorre a partir da década de 1970, impulsionada por críticas relativas à adoção de um determinismo cultural e a uma visão de cultura como entidade acima do homem.

O objetivo da abordagem cultural para Claval (2002a, p. 20) é o de

Entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, para compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica.

Claval (2002b, p. 34) ainda acrescenta que:

Matéria, natureza, cultura e vida social são realidades apreendidas ao mesmo tempo por cada um. Na experiência individual não há nenhuma categoria que preceda a outra e se inscreva em um nível ontológico. O mundo é um dado da percepção e está estruturado por discursos. Os investigadores não têm acesso privilegiado à verdade. Esta só aparece passo a passo, através da análise minuciosa dos testemunhos e experiências de uns e outros. O enfoque cultural aparece na medida em que as realidades são compostas por elementos percebidos por indivíduos, a forma como utilizam para falar desses elementos e as práticas que levam a cabo. (Tradução nossa²⁰).

Dessa forma, no enfoque cultural se parte de uma visão diferente do real. Para Claval (2002b), o observador já não aceita a ideia de que a natureza, a sociedade ou a cultura sejam realidades que se impõem por si mesmas. Considera-se dessa forma que a natureza, os grupos sociais, os sistemas de representação

²⁰ “La materia, la naturaleza, la cultura y la vida social son realidades incautados al mismo tiempo para cada uno. En la experiencia individual no existe una categoría que precede a la otra y si inscriba en un nivel ontológico. El mundo es un dato de la percepción, está estructurada por discursos. Los investigadores no tienen acceso privilegiado a la verdad. Esto aparece sólo paso a paso, a través de un cuidadoso análisis de los testimonios y experiencias de los demás. El enfoque cultural aparece en la medida en que las realidades se componen de elementos percibidos por las personas, la forma en que utilizan para hablar de estos elementos y prácticas que llevan a cabo.”

não se mostram iguais em todas as partes. Assim, o discurso do investigador se adapta à situação e a sociedade se molda a partir das suas experiências. (CLAVAL, 2002b).

A geografia cultural abre-se para diversificados enfoques, já que foi enriquecida por novas abordagens. (CLAVAL, 1999). “E um destes enfoques é o humanista de fundo fenomenológico em que se consideram as subjetividades, a dimensão psicológica e mental da cultura e as percepções individuais, valorizando a experiência, a intuição, a imaginação e os sentimentos.” (NITSCHKE, 2007, p. 33).

Assim, a abordagem fenomenológica, que se incorpora à geografia cultural, será o enfoque adotado neste trabalho, já que se busca proporcionar a análise do lugar e do mundo vivido, considerando a experiência de vida das pessoas pesquisadas.

2.2.2 Abordagem Fenomenológica

A fenomenologia é o estudo da essência das coisas. (MELLO, 1990). A palavra possui duas raízes gregas: *phainesthai*, que significa aquilo que se mostra; e *logos*, que é estudo que embasa os trabalhos desenvolvidos sob o olhar humanista desde a década de 1970. (MELLO, 1990). Embora possuindo raízes mais remotas em Hegel²¹, os significados contemporâneos da fenomenologia são atribuídos a Edmund Husserl²² (1859/1938), que criou o estudo da consciência e dos objetos da consciência, criticando as teorias científicas de inspiração positivista, apegadas à objetividade em que se acreditava que a realidade somente se resumia aos fatos captados pelos sentidos. (MELLO, 1990).

Dentro da filosofia, a fenomenologia pode ser considerada “como ciência teórico-prática do conhecimento”, conforme Petrelli (2004, p. 9), e como uma crítica ao positivismo da ciência formal, sobretudo à psicologia, que gozava de grande prestígio no final do século XIX e tendia a converter-se na chave da explicação da teoria do conhecimento e da lógica, de acordo com Nitsche (2007).

²¹ HEGEL, G. W. F. **Vida, Pensamentos e Obra**. Barcelona: Planeta de Agostini, 2008.

²² HUSSERL, E. G. A. **A ideia da fenomenologia** (Escritos de Husserl de 1907). Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

Colocar o conhecimento em questão foi o “primeiro grau de consideração fenomenológica” proposto por Husserl (1907)²³ em “A Ideia da Fenomenologia”, publicado em língua portuguesa em 2000. “A Ideia da Fenomenologia” é constituído de cinco lições, as quais revelam o seu desejo em fazer uma crítica da razão, propondo a linha de reflexão que irá executar em toda a sua carreira filosófica. A pergunta de fundo que marca todo o itinerário dessa obra é como pode ser possível o conhecimento e de que maneira ele se dá. Mais especificamente nas lições, Husserl argumenta em torno da distinção entre atitude intelectual natural e atitude intelectual filosófica, apresentando as primeiras definições de fenomenologia. Além disso, ele se propõe questionar todo o conhecimento, tendo em vista uma crítica do conhecimento e apresenta a realização da redução gnosiológica²⁴. Em suas lições, Husserl pretende investigar a essência do conhecimento e a validade dessa essência, sendo que este conhecimento inicialmente está ligado a uma verdade intuitiva iminente como um dado da percepção.

Ao questionar a validade de todo o saber, faz uma crítica às premissas do conhecimento científico, encontrando a resposta na fenomenologia: “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento.” (HUSSERL, 2000, p. 22).

Dessa forma, conforme Bello (1998, p. 12):

O método fenomenológico se mostra eficaz pela sua capacidade de remontar até as origens dos fenômenos e, portanto, não só descrevê-los na sua manifestação exterior, mas também evidenciar as fontes que os produziram. É o ser humano que deve ser investigado como produtor das manifestações que foram observadas.

Assim, na fenomenologia se estuda as relações que dão aos objetos sentido e significado, interpretando como se dá a apreensão das essências dos objetos ou sujeitos por meio da experiência vivida adquirida pelo indivíduo. (MELLO, 1990).

²³ HUSSERL, E. G. A. **Die Idee der Phänomenologie**. 1907.

²⁴ Gnosiologia (também chamada Gnoseologia) é o ramo da filosofia que se preocupa com a validade do conhecimento em função do sujeito cognoscente, ou seja, daquele que conhece o objeto. É a parte da Filosofia que estuda o conhecimento humano e a capacidade humana de conhecer. SALES, Pe. J. J. B. de. **Apostilhas de Gnosiologia**. Recife, 2006.

Já nas palavras de Husserl (2000, p. 46), o termo

Fenomenologia designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas, mas ao mesmo tempo, acima de tudo, fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica; o método especificamente filosófico.

A atitude intelectual serve a um conhecimento que propicia a descrição do objeto, apontando para o sentido próprio do objeto. (DARTIGUES, 2003). Ainda o mesmo autor acrescenta que nesse encaminhamento, para se chegar a um conhecimento mais satisfatório do homem, do mundo e da natureza, serve-se da intenção, que é um ato para escolher mentalmente uma ação por meio da consciência de se orientar para um determinado objeto, o que permite seu conhecimento. Ou seja, a consciência é sempre consciência de alguma coisa, sempre se dirige a um objeto, não haveria objeto sem sujeito. (HUSSERL, 2000).

Além disso, Husserl (2000, p. 42) salienta que “o conhecimento é, em todas as suas configurações, uma vivência psíquica: é o conhecimento do sujeito que conhece.” Tal revelação se alcança pela aplicação do método fenomenológico, que consiste em ir às coisas mesmas, aos fenômenos, ao que aparece à consciência, que se manifesta em si mesmo, que se dá como objeto intencional. (DARTIGUES, 2003).

Petrelli (2004, p. 17) é outro que conceitua a fenomenologia, argumentando que ela é

Uma ciência descritiva do objeto (realidade) considerado, em si mesmo, na sua essência. É uma ciência descritiva da realidade, de seus objetos e fatos, como significativos de algo que abstrai e transcende a pura materialidade significante. E, sendo uma ciência dos objetos e dos fatos da realidade, de como estes se apresentam à consciência de quem os experienciam, é, então, a ciência de uma realidade significante “para mim”, “para nós” ou “para eles”.

Pode-se afirmar, então, que a fenomenologia aproxima a ciência da vida cotidiana e faz com que seja feita uma busca pela essência, em que são produzidas as significações, a percepção, a imaginação e a memória, que importam ao estudo e que dão ao mundo um caráter subjetivo.

Outro fenomenólogo importante para este estudo foi Maurice Merleau-Ponty que descreve a fenomenologia da percepção, cuja obra²⁵ foi escrita em 1945 e publicada no Brasil somente em 1994. Para Merleau-Ponty (1994), a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas resumem-se em definir essências: essência da percepção; essência da consciência. Ele afirma que a busca da revelação dos fenômenos se dá por meio de experiências e de ações para distinguir e revelar o que há de essencial na percepção do fenômeno.

Conforme Merleau-Ponty (1994, p. 465),

Assim como a natureza penetra até o centro de minha vida pessoal e se entrelaça a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural. Não tenho apenas um mundo físico, não vivo somente nos ambientes da Terra, do ar e da água, existem em torno de mim estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da ação humana a qual ele serve. Cada um emite uma atmosfera de humanidade que pode ser muito pouco determinada (trata-se de algumas marcas de passos de areia) ou, ao contrário, muito determinada, se visito todos os cômodos de uma casa recém desocupada. Ora, se não é surpreendente que as funções sensoriais e perceptivas depositem diante de si um mundo natural, já que elas são pré-pessoais, podemos admirar-nos de que os atos espontâneos pelos quais o ser humano informou sua vida se sedimentem no exterior e ali levem a existência anônima das coisas. A civilização da qual eu participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela fornece.

A fenomenologia revela o mundo ao descrever e interpretar fenômenos apresentados à percepção, examinar a relação entre o ser e a sua consciência e capacitá-la de conhecimento para referir-se a objetos situados fora de si mesmos. (MERLEAU-PONTY, 1994).

Ao exaltar a interpretação do mundo que surge de forma intencional à consciência, a fenomenologia enfatiza o ator, a experiência pura do sujeito e desmistifica o conhecimento como coisa, como objeto de si mesmo, no nível da consciência, por sua subjetividade e intersubjetividade. (DARTIGUES, 2003).

Uma vez que o propósito na fenomenologia é considerar questões do mundo vivido pelos seres e toda a gama existencial que advém desta perspectiva, é nela que a geografia humanista vai buscar seu principal aporte filosófico. (CALISTO, 2006). Neste sentido, a fenomenologia pode ser entendida como uma proposta de aceitação de diversos elementos na construção do conhecimento, que não apenas aqueles provenientes de observações empíricas, conforme Calisto (2006).

²⁵ MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la Perception**. Paris: Gillimard, 1945.

Nas palavras de Christofolletti (1985, p. 22), a fenomenologia preocupa-se em

Analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científica, naturalista e do senso comum. Preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo. Desta maneira, contrapõe-se às observações de base empírica, pois não se interessa pelo objeto nem pelo sujeito, ou seja, a fenomenologia não é uma ciência de objetos, nem uma ciência do sujeito: ela é uma ciência da experiência.

Desta maneira, pode-se afirmar que a contribuição do pensamento fenomenológico se define como “um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância.” (BUTTIMER, 1985, p. 170). Para Buttmer (1985), na fenomenologia se considera que a transformação de espaços desprovidos de significações decorre da experiência humana do espaço, da natureza e do tempo.

Assim, conforme Quaranta e Soares (2004), a relação da fenomenologia com o turismo é uma decorrência e, portanto, uma didática fenomenológica em que se considera o mundo em sua concretude e as experiências que são vivenciadas. Além disso, ela trabalha com a percepção, explorando os modos pelos quais o fenômeno se mostra a cada indivíduo. (QUARANTA; SOARES, 2004). Eles ainda argumentam que devem ser considerados os modos pelos quais cada um sente, de acordo com as nuances do seu sentir e como cada pessoa vê o mundo a partir de seu corpo.

Portanto, ao encarar o turismo como fenômeno a partir da fenomenologia se procura atingir sua essência para investigar e interpretar os processos de apropriação de um lugar, buscar seu sentido, atribuir-lhe significados e intervir na sua prática. Verifica-se que no turismo pode se procurar descrever os significados de experiências de vida, explorar a estrutura da consciência humana, buscar a essência dos fenômenos, utilizar elementos baseados na memória, imagens, significações e vivências (subjetividade).

As percepções e os valores, respostas dos seres humanos ao seu meio ambiente físico, permitem-lhes compreender a si mesmos. (CALISTO, 2006). Ou seja, uma longa série de percepções e de experiências leva à formação de posturas culturais e de novas atitudes. (CALISTO, 2006). Nesse sentido, encontra-se a relação dos fundamentos da fenomenologia com a atividade turística.

Dartigues (2003, p. 26) reforça que “a tarefa efetiva da fenomenologia será, pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos; o sentido desse fenômeno global que se chama mundo.” Assim, o emprego da fenomenologia como aporte filosófico para a Geografia Humanista permite ao pesquisador considerar as experiências humanas nos seus estudos, uma vez que considera o mundo vivido parte das relações e do entendimento entre a natureza e os seres humanos.

A partir do exposto, foi formulada uma base teórico-conceitual fenomenológica que tem como conceito principal o de lugar e, como conceitos auxiliares, os de percepção, toponímia, paisagem e mundo vivido, conceitos estes que dão suporte a este estudo. Desta forma, a concepção de Geografia Humanista, que se verá a seguir, foi o resultado de um processo de revisão de conceitos e teorias da Geografia Cultural e Humanista, tendo como aporte filosófico principal, a Fenomenologia.

2.2.3 A Geografia Humanista

A geografia humanista se desenvolve a partir de 1970, com a inserção da fenomenologia na geografia, principalmente, por geógrafos que estudavam os temas culturais. (GOULART, 2006). Assim, a geografia humanista herda algumas contribuições da geografia cultural.

Percebe-se que a geografia vai mais além quando se abre a possibilidade de estudar as “concepções geograficamente subjetivas do mundo, que existem na mente de inúmeras pessoas comuns.” (HOLZER, 1992, p. 55), ao vislumbrar a perspectiva humanista para a geografia.

Esta abertura permite que os pesquisadores da geografia passem a desenvolver estudos sobre a percepção das pessoas em relação ao seu ambiente de vivência, considerando inclusive os saberes ditos ‘não científicos’ como fonte de conhecimento. (GOULART, 2006).

Considera-se também que esta postura suscita a possibilidade de se lidar com uma multiplicidade de pontos de vista, exigindo sensibilidade do pesquisador e o resultado poderá estar ligado a várias formas de ver o mundo, porém nenhuma

corresponderá a uma verdade única, já que cada pessoa enxerga sob um determinado ângulo. (NITSCHE, 2007).

Dentro desse contexto, julgou-se ser importante citar David Lowenthal um dos precursores da geografia humanista. Em sua obra de 1961²⁶, publicada no Brasil em 1985, Lowenthal (1985, p. 138) destaca a importância e o valor do indivíduo no processo de compreensão do mundo e afirma: “desconfiamos da ciência como o único veículo da verdade porque concebemos o remoto, o desconhecido, e o diferente em termos do que está próximo, bem conhecido e autoevidente para nós e, acima de tudo, em termos de nós mesmos.” Seus estudos foram interdisciplinares, e ele buscou compreender os mecanismos mentais que dão origem a diferentes mundos, já que a objetividade faz com que a ciência só os compreenda em parte. (GOULART, 2006). Desta forma, constatou-se que usando a subjetividade para estudar as relações do homem com o meio, Lowenthal²⁷ aproximou-se da perspectiva fenomenológica, abrindo caminhos para novos estudos na área.

A proposta humanista leva aos estudiosos da geografia a necessidade de reconhecer que o conhecimento do mundo humano se dá a partir do estudo das relações das pessoas com a natureza, considerando aí, tanto seu comportamento geográfico, como também seus sentimentos e ideias a respeito de um espaço e de um lugar. (TUAN, 1985, p. 143).

Lugar passa a ser visto como o recorte do espaço em que o indivíduo se encontra ambientado e no qual está integrado. Assim, lugar, é aceito como elemento essencial na construção do mundo dos sujeitos, com suas afeições e sentimentos, pois este é o centro de significância ou um foco de ação emocional do homem. (CALISTO, 2006). “O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas.” (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22). Ainda conforme o mesmo autor, na geografia humanista se procura “valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares.” (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 23).

Portanto, mediante a ampliação da importância do termo lugar no estudo proposto pelos geógrafos humanistas, surge adjacente a esta abordagem a

²⁶ LOWENTHAL, D. **Geography, experience and imagination**: Towards a Geographical Epistemology. Association of American Geographers, 1961.

²⁷ *Ibid.*

necessidade de incorporação da concepção da experiência do aqui e agora no sistema de relações com um lugar.

Cabe salientar que a corrente humanista não objetiva, em absoluto, negar ou desvincular as perspectivas científicas sobre o homem, mas sim propor trabalhar sobre elas (TUAN, 1985, p. 144), fazendo entender que não era mais possível aceitar que fossem desconsideradas as experiências do indivíduo ou do grupo, visto que estas considerações permitem melhor compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares de vivência. (CHRISTOFOLETTI, 1985).

É a conformação dessas experiências que irá resultar para cada indivíduo e/ou grupo humano a formação de sua visão de mundo, que se expressa através das atitudes e valores para com o quadro ambiental. (TUAN, 1985). Essas experiências representam o reflexo direto na forma com que as transformações desse ambiente serão conduzidas. Portanto, nas palavras de Christofolletti (1985), os geógrafos humanistas afirmam que sua abordagem merece o rótulo de humanista, pois estudam os aspectos do homem que são mais distintamente humanos: valores, significações, metas e propósitos com relação aos lugares.

Mello (1990, p. 92) acrescenta que na geografia humanista se objetiva “interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar” com base na experiência vivida, que seriam os laços de afetividade que unem o homem concreta e abstratamente a um lugar.

Nesta vertente da geografia, defendem-se maneiras diferentes de se estudar o espaço e o lugar, não se apegando às verdades únicas de teorias que explicam o mundo. (GOULART, 2006). Ela se apoia na ideia de que cada ser humano é um geógrafo informal que “pensa e filosofa, sendo, portanto, capaz de refletir sobre os fenômenos do(s) mundo(s) vivido(s).” (MELLO, 1990, p. 92). Desta forma, ela dota o homem de importância central para o estudo do meio, compreendendo e interpretando seus sentimentos e comportamentos e como estes alteram um lugar e, ao mesmo tempo, analisando a simbologia e significado de um lugar para o homem.

Assim, conforme relata Christofolletti (1985, p. 23), “a integração espacial se faz mais por meio da dimensão afetiva do que pela dimensão métrica. Estar junto, estar próximo não significa a proximidade física, mas o relacionamento afetivo com outra pessoa ou com outro lugar.” Com isto, no que se refere ao estudo do espaço,

deve-se, necessariamente, respeitar os aspectos subjetivos apresentados por aquelas pessoas ou grupos de pessoas que vivem num espaço/ lugar em questão.

Bailly (1995, p. 54) auxilia a compreender mais aspectos desta relação do homem com um lugar, a qual não pode ser apenas entendida pelo racionalismo.

O homem é ator geográfico, o lugar é seu espaço de vida; todas as relações aí se misturam numa trama de ligações que veiculam nossos sentimentos pessoais, nossas memórias coletivas e nossos símbolos. Não pode existir somente uma visão de um lugar [...]. Beleza e deformidade nos remetem ao homem, e a construção mais deteriorada se torna soberba, rica, dotada de alma. Basta uma emoção, e uma lembrança, às vezes de uma coisa de nada, para o espaço ser tornado lugar, passa-se a viver (vivido).

Nesse sentido, Yi-Fu Tuan (1980) apresenta o termo “Topofilia” que representa as relações de afeto que um indivíduo mantém com um lugar ou ambiente físico, ou seja, as relações se constroem, conforme os humanistas, a partir da valorização da percepção e atitudes decorrentes da experiência com um lugar. Portanto, neste trabalho se propôs investigar qual era a relação do turismo com o mundo/espaço vivido, ou seja, qual a percepção das pessoas que possuíssem esse elo afetivo com um lugar. Esta temática é apresentada a seguir.

2.2.4 Geografia da Percepção e Topofilia

Os estudos sobre percepção do meio ambiente iniciaram-se nos Estados Unidos, em Chicago, no começo de 1960, com o trabalho de geógrafos, arquitetos e urbanistas e representaram uma oportunidade de convergência para os geógrafos de diferentes linhas que tinham no estudo da percepção ambiental uma preocupação comum. (CAPEL, 1973). Amorim (1987) acrescenta que estes estudos inserem-se na geografia humanista e, apesar do humanismo e da percepção sempre terem estado presentes nos estudos teóricos e práticos da geografia, foi somente a partir de 1970 que eles passaram a contar com metodologia e campo teórico próprios.

A percepção ambiental já vinha sendo estudada na Geografia por alguns pesquisadores desde a década de 1940, porém foi David Lowenthal²⁸ quem mais

²⁸ LOWENTHAL, D. **Geography, experience and imagination: Towards a Geographical Epistemology**. Association of American Geographers, 1961.

contribuiu para o início dos estudos da percepção ambiental dentro da Geografia. (AMORIM, 2003). Com seu artigo *Geography, experience and imagination* (1961), publicado em 1985 no Brasil, Lowenthal abriu um novo campo para os estudos na área, introduzindo na geografia diferentes títulos de disciplinas como sociologia, psicologia e filosofia, caracterizando o estudo da percepção como interdisciplinar desde o seu surgimento. (GOULART, 2006).

Entre os termos mais empregados nos estudos de percepção ambiental, encontram-se: atitude; cognição; imagem; paisagem; percepção; representação; valor; topocídio; topofobia e topofilia. (AMORIM, 2003).

Dentre estes conceitos, destaca-se para este estudo o termo topofilia, criado por Tuan (1980, p. 5) para expressar “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”. Outro conceito importante, e que não deve ser esquecido, é o de paisagem. Segundo Capel (1973, p. 99), a paisagem “não existe até que um pedaço de espaço terrestre receba um olhar humano que o ordene e o converta em tal”. E para Dardel (1990, p. 54)²⁹ *apud* Schier (2003, p. 7), “a paisagem não se refere à essência, ao que é visto, mas, representa a inserção do homem no mundo, a manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social.”

A atitude também pode ser considerada importante para este estudo, pois ela, de acordo com Tuan (1980, p. 4), é

Primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor.

Deve-se acrescentar também que “à medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, podem mudar a atitude para com o meio ambiente – até inverter-se.” (TUAN, 1980, p. 86).

Kozel (2001, p. 146), afirma que a percepção é um processo mental onde indivíduo e ambiente interagem por meio de mecanismos perceptivos, que são armazenados sob a forma de memória aferida de significado. Então, cabe dizer que os sentidos humanos básicos (visão, audição e olfato) podem ter poder coercitivo na definição do processo perceptivo e na aferição de significados.

²⁹ DARDEL, E. **L’homme et la terre** – nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990.

Para Lowenthal (1985, p. 114), a percepção humana é restringida por circunstâncias físicas e biológicas: “nossa amplitude congênita de sensações é limitada, outras criaturas experienciam outros mundos além do nosso”. Dessa forma, o autor destaca a visão, a audição, as sensações, o tato, o olfato e o paladar como percepções de mundo, diferenciando os seres humanos dos animais e também diferenciando as percepções dentre os próprios seres humanos.

Outros fatores específicos mencionados por ele para a compreensão das experiências dos seres humanos são o tempo com que se percebem as imagens e o espaço que é percebido. Como salienta Lowenthal (1985, p. 113), “a melhor visão do mundo concebida pela mente humana é, no máximo, um quadro parcial do mundo – um quadro centralizado no homem.”

Em sua obra *Topofilia*, Tuan (1980, p. 68) relata que “para compreender a preferência ambiental de uma pessoa necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos.” E ainda no nível de atitudes e preferências de grupo, acrescenta Tuan (1980), é necessário conhecer sua história cultural e a experiência de um grupo no contexto do seu ambiente físico. As experiências do homem no mundo vivido irão buscar respostas para as indagações a respeito de como as pessoas adquirem habilidades e conhecimentos espaciais e de que forma se tornam envolvidas com um lugar, o que irá corroborar a importância do estudo do significado do termo lugar para esta corrente geográfica. (TUAN, 1980). Assim, a geografia da percepção, da mesma forma que a geografia humanista, contribui trazendo para este campo do conhecimento

A inclusão da natureza e a gama de experiências e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambiguidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas (TUAN, 1976, p. 10).

Desta forma, o pesquisador observa o mundo dos fatos, isto é, as questões relativas ao clima, natureza física e biológica das coisas, dentre outras, passando a compor um processo reflexivo e crítico onde buscará relacionar esses elementos com as questões humanas.

Neste contexto, um lugar representa a expressão de singularidade construída e reconstruída pelas ações transformadoras do homem na busca contínua pela

melhoria do ambiente em prol da sua comodidade e da perpetuação da sua espécie. (TUAN, 1980).

A forma de como os seres humanos se relacionam uns com os outros em seus círculos sociais, como também as ações que desenvolvem nos ambientes em que se encontram inseridos, resulta e determina a maneira de como estes percebem e veem o mundo. (XAVIER, 2007). Nogueira (2004, p. 213), em uma leitura de Husserl³⁰, afirma que “o mundo passa a existir a partir da inserção do homem nele, como ‘ser no mundo’. A consciência é sempre consciência de alguma coisa... o objeto é sempre ‘objeto-para-um-sujeito’, importa descrever neste momento como o objeto é para nós”. Sendo, para tanto, conforme Nogueira (2004), o mundo real não apenas como um reflexo de modelos conceituais, mas também produto da percepção desta materialidade por parte do sujeito. Nessa perspectiva, de uma ciência aberta à fenomenologia, foram abordados os aspectos da presente pesquisa.

Nogueira (2004, p. 211-212) ainda relata que a partir dessa visão de ciência é

que olharemos os cidadãos comuns, sujeitos de nossas pesquisas, vendo suas descrições dos lugares como o conhecimento concreto deles, reconhecendo suas representações de mundo e dos lugares. Tentaremos interpretar as informações dos sujeitos tal como eles nos demonstrarão, e a fenomenologia, bem como a geografia da percepção nos dá sustentação para isto, pois elas são uma tentativa de descrição direta de nossas experiências como elas são.

A partir da influência humanista e fenomenológica, o pensar geográfico sobre um determinado lugar e dos problemas socioambientais que o afetam passou a considerar os aspectos da percepção de quem ali habita. (LENCIONI, 2003).

De certo modo, esta forma de pensar acabou trazendo para a luz do conhecimento a composição das relações com os lugares, visto que a fenomenológica e a geografia humanista, e dentro desta a geografia da percepção, ao tratar dos lugares, considerando seus significados e representações, traz para o debate questões que giram em torno do mundo percebido e vivido. Além disso, o pensar geográfico passou-se a ver o lugar, sobre a influência da fenomenologia, como o espaço onde se relacionam a existência real e a experiência vivida.

³⁰ HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia** (Escritos de Husserl de 1907). Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

É o lugar, mais que o espaço, que se relaciona à existência real e à experiência vivida. O lugar, porém é visto pela geografia sob influência da fenomenologia não como um lugar em si, um lugar objeto, mas como algo que transcende sua materialidade, por ser repleto de significados. Por isso é que o lugar, concreto, único e que tem uma paisagem, não apenas natural, mas essencialmente cultural, torna-se o centro e o objeto do conhecimento geográfico (LENCIONI, 2003, p. 154).

Nesse debate, a questão do lugar passa a representar um ponto fundamental para o entendimento dos aspectos relacionados ao mundo vivido. Aqui se diferencia o lugar objetivo, aquele construído apenas pela sua materialidade, daquele concebido pela fenomenologia, isto é, o lugar como produto da percepção e, portanto, repleto de sentimentos e significados. (CALISTO, 2006).

Assim, pode-se afirmar que neste olhar de aceitação da inalienável presença do mundo no espaço vivido pelas pessoas em que se encontra a proposta da vertente da geografia humanista (CALISTO, 2006) e, conseqüentemente, da geografia da percepção.

Dessa forma, filosofar a respeito deste mundo significa confrontar ideias e conhecimentos vindos daqueles que vivem este mundo. A partir daí, verifica-se que a proposta do estudo da percepção ancorada na fenomenologia, busca descrever experiências tais como elas são, buscando aceitar as descrições dos lugares e experiências, feitas por pessoas comuns, como sendo força do conhecimento concreto e direto da realidade que se busca apreender. Portanto, conforme Calisto (2006), a perspectiva fenomenológica da geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, desde a perspectiva de sua materialidade, para descrever o mundo vivido onde o físico/humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam.

Diante disso, para este estudo de percepção, a abordagem fenomenológica constrói um campo de complexidade bastante profícuo, pois possibilita repensar as ações cotidianas uns para com os outros e para com o ambiente, pois “além de fazer minuciosa descrição dos fenômenos pesquisados, a fenomenologia busca estudar o mundo vivido valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo.” (NOGUEIRA, 2004, p. 217-218).

Tuan (1985) analisa que objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra, ou seja, a cultura também afeta a percepção. E os cinco sentidos são essenciais para tais percepções. Assim sendo, Lowenthal (1985, p.

124) destaca que cada pessoa possui uma visão particular do mundo por três razões:

1. Porque cada pessoa habita um meio ambiente diferente, ou seja, da impossibilidade de dois corpos ocuparem ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço, resulta que cada indivíduo vê o mundo de forma diferente dos demais, pois nunca está sob a mesma base de visão; 2. Porque ela é autocentralizada, “sou parte do seu meio ambiente, mas não do meu próprio, e nunca me vejo como o mundo me vê”; 3. Porque cada um escolhe e reage ao meio de maneira diferente.

Enfim, a cultura humana determina quais elementos serão utilizados como recursos e como estes recursos serão empregados, podendo-se prever quais impactos irão acontecer através do uso destes elementos e recursos. Assim ocorre também com a natureza e com as paisagens: é a cultura dos grupos humanos que possibilita que uma paisagem seja valorizada ou não. Esta valorização da paisagem por determinados grupos é, justamente, um dos fatores que tornam o turismo um amplo campo de estudo para a geografia. Neste contexto, considerou-se relevante fazer uma abordagem dos conceitos de paisagem.

2.2.4.1 Paisagem

Considera-se que o estudo da paisagem seja um fator importante para o estudo da geografia e da atividade turística. Logo é de fundamental relevância revisar alguns conceitos de paisagem, a fim de refletir sobre este tema relevante aos estudos voltados à geografia cultural em que se consideram as percepções que os indivíduos atribuem às paisagens em que vivem e interagem criando vínculos afetivos.

Na geografia, tradicionalmente, diferencia-se a paisagem entre a natural e a paisagem cultural. “A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbanos e rurais.” (SCHIER, 2003, p. 80). Dessa forma, o estudo da paisagem exige um enfoque em que se faça uma avaliação pela qual seja definido o conjunto dos elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a temporalidade na paisagem. (SCHIER, 2003).

Pode-se pensar que a paisagem é a apresentação do objeto em seu contexto histórico e geográfico, considerando a configuração social e os processos naturais e humanos. Para Sauer (1998), a ideia de paisagem está diretamente relacionada à existência humana na terra e ao longo do tempo.

Conforme Maximiano (2004), as primeiras referências sobre a concepção de paisagem surgem com as representações em forma de pintura rupestre entre 30 e 10 mil anos, “são os registros mais antigos que se conhece da observação humana sobre a paisagem.” Na antiguidade, o conceito de paisagem passa por vários momentos, ou seja, no Egito antigo, em Roma, na Mesopotâmia entre outros, vindo a reforçar que o conceito de paisagem foi construído com base no que existiu de útil e compreensível no entorno da existência humana. (MAXIMIANO, 2004). Mas a finalidade estética surgiu praticamente a partir do século XV, representada através de pintores e artistas, que associaram a ela vínculos emocionais e afetivos. (RISSO, 2008). Portanto, a noção de paisagem, tanto utilitária como estética, foi entendida diferentemente a depender da cultura de cada grupo social diante dos desafios da paisagem natural.

A sistematização que levou ao conceito de paisagem somente se iniciou com Humboldt, na Alemanha, no século XVIII. (SCHIER, 2003). Para este autor, as obras “Cosmos” de Alexander von Humboldt³¹, a “Geografia Comparada” de Karl Ritter³² e a “Antropogeografia” de Friedrich Ratzel³³ são alguns dos exemplos em que se utilizou o conceito da paisagem como método e transcrição de dados sobre áreas distintas do planeta. Schier (2003) ainda acrescenta que para estes estudiosos a paisagem era vista de forma holística, associada a um conjunto de fatores naturais e humanos. Para Humboldt³⁴, *apud* Alves (1997), a paisagem (*landschaft*) era “a característica total de uma região da Terra”. Humboldt³⁵ ainda considerava que a observação da paisagem deveria ser contemplada com sentimento.

³¹ HUMBOLDT, F. W. H. A. von. **Kosmos**: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung. 1845-1862.

³² RITTER, Karl. **Comparative geography**. Tradução William L. Gage. Filadélfia: J. B. Lippincott & CO, 1865.

³³ RATZEL, Friedrich. **AnthropoGeographie**: Grundzüge Der Anwendung der Erdkunde auf Die Geschichte. Stuttgart: J. Engelhorn, 1909.

³⁴ HUMBOLDT, 1845-1862, Kosmos.

³⁵ HUMBOLDT, 1845-1862, Kosmos.

Moraes (1983) afirma que com Ritter³⁶, em “Geografia Comparada”, a paisagem não se constituía no principal objeto de estudo, porque ele considerava que os “fenômenos nelas existentes, criados pela sistematização, ocorreriam nas diversas regiões, justificando assim, o título de sua obra”. Portanto, a prática geográfica de Ritter³⁷ tinha um caráter enciclopédico, dedicando-se às descrições e às análises regionais.

Já Friedrich Ratzel³⁸, em *Antropogeografia (AnthropoGeographie)*, apresenta o conceito de paisagem de forma diversa, porque inclui primordialmente a cultura na paisagem, embora proponha uma concepção limitada da cultura (influência darwinista) ao confundi-la com os artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço. (CLAVAL, 1999, p.22).

Diante disso, deve-se aos alemães, também, a conceituação diferenciada de paisagem natural (*naturlandschaften*) e paisagem cultural (*kulturlandschaften*).

Carl Sauer³⁹ levou os conceitos da geografia alemã e apresentou a noção de paisagem natural e paisagem cultural à Geografia norte-americana. (RISSO, 2008). E Sauer⁴⁰, também, surgiu como o precursor do resgate dos estudos da paisagem, ao fundar a escola de Berkeley, em 1922. (RISSO, 2008).

Sauer (1998, p. 23) afirma que a paisagem deve ser pensada “como um somatório de características gerais em que a estrutura e a função são determinadas por formas integrantes e dependentes.” Para ele, a paisagem natural é aquela que reflete as formas e objetos da natureza, que existe com ou sem o homem; já a paisagem cultural se define como aquela resultante da relação do ser humano com a natureza. (SAUER, 1998, p. 29).

Conforme Claval (1999), para Sauer⁴¹ a paisagem cultural representava, conseqüentemente, uma materialização de pensamentos e ações humanas, mas

³⁶ RATZEL, Friedrich. **AnthropoGeographie**: Grundzüge Der Anwendung der Erdkunde auf Die Geschichte. Stuttgart: J. Engelhorn, 1909.

³⁷ RITTER, 1865, Comparative Geography.

³⁸ RITTER, 1865, Comparative Geography.

³⁹ SAUER, Carl, Ortwin. The Morphology of Landscape. **University of California Publications in Geography** 2 (2), p.19-53, 1925.

⁴⁰ SAUER, 1925, The Morphology of Landscape.

⁴¹ SAUER, 1925, The Morphology of Landscape.

nunca saindo do seu caráter físico-material, fato que aponta pela forte influência do positivismo descritivo da época.

Já na escola francesa, no início do século XX, Paul Vidal de La Blache⁴², seu principal representante, considerava que a paisagem é o relacionamento entre o meio e as sociedades humanas, partindo da concepção de Ratzel⁴³, mas introduzindo o conceito de gênero de vida. (CLAVAL, 1999). “[...] A noção de gênero de vida permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios ou as maneiras de habitar das diferentes civilizações [...] e assinala como se relacionam hábitos, maneiras de fazer e paisagens.” (CLAVAL, 1999, p. 33). A ambição de La Blache⁴⁴ era “[...] explicar os lugares, e não de se concentrar sobre os homens [...], já que a análise dos gêneros de vida mostra como a elaboração das paisagens reflete a organização social do trabalho.” (CLAVAL, 1999, p. 33).

Na abordagem da Nova Geografia, o conceito de paisagem é retomado do ponto de vista sistêmico ainda vigente (CLAVAL, 1999), inclusive, em muitos casos, o conceito de geossistemas foi utilizado como substituto da paisagem. (RISSO, 2008). Esta abordagem é utilizada principalmente pela geografia física e geociências porque proporciona a análise das categorias da paisagem de forma dinâmica, conforme aponta Risso (2008). Os principais representantes desta linha são Bertrand (1971)⁴⁵, Sotchava (1977)⁴⁶, Christofolletti (1999)⁴⁷, Troppmair (2000)⁴⁸, Tricart (1977)⁴⁹, entre outros autores. (RISSO, 2008). Considera-se que estes estudos sistêmicos da paisagem são importantes porque valorizam a interdisciplinaridade.

⁴² LA BLACHE, P. V. de. **Princípios de geografia humana**. 2.ed. Lisboa: Cosmos, 1954.

⁴³ RATZEL, 1909. *AnthropoGeographie*.

⁴⁴ LA BLACHE, P. V. de. **Princípios de geografia humana**. 2.ed. Lisboa: Cosmos, 1954.

⁴⁵ BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. **Cadernos de Ciências da Terra**, São Paulo: USP/IGEOG, n.13, 1971.

⁴⁶ SOTCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. **Métodos em Questão**, São Paulo, n. 16, p.1-50, 1977.

⁴⁷ CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.

⁴⁸ TROPMAIR, H. **Geossistemas e geossistemas paulistas**. Rio Claro: Editora do autor, 2000.

⁴⁹ TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

Já na geografia humanista, de acordo com Claval (1999), o conceito de paisagem é resgatado, considerando os aspectos subjetivos da paisagem, através da análise de seu significado.

Nesta abordagem humanista, “o ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta.” (MELO, 2001, p. 33). Pode-se considerar, então, que os estudos de percepção ambiental ou de percepção da paisagem sejam fundamentais para analisar os sentimentos e os valores em relação às paisagens, já que, neste sentido, a percepção do indivíduo e dos grupos sociais ou a subjetividade da paisagem passa a ser estudada, visando à compreensão do significado que a sociedade atribui ao espaço. (RISSO, 2008).

Assim visto, uma paisagem não é apenas o que se vê. É o real, o vivido, é o sentido diferentemente para cada ser humano e estes elaboram seleções pessoais, julgamentos de valor de acordo com a análise individual da percepção. (BOLSON, 2004). Essa pesquisadora ainda acrescenta que a análise individual de cada um sofre influências sociais, culturais, ambientais, emocionais conforme o tipo de uso da paisagem.

“A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo que, por sua vez, é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente.” (GOMES, 2001). Ou seja, para cada observador a paisagem tem um sentido, seja de contemplação, utilitarista, estética e até mesmo indiferente. A atribuição de valores, inseridos pelos indivíduos nas paisagens, demonstra o quanto se está envolvido afetivamente com elas. (COLLOT, 1990, p.24). As pessoas veem seu entorno através das lentes da preferência e do costume e tendem a moldar o mundo a partir do que veem e sentem. (LOWENTHAL, 1968).

Para Bertrand (1971), paisagem não é uma determinada porção do espaço habitado, é o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem de uma paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. Esses “espaços habitados”, como ensina Bachelard (1993), transcendem o espaço geométrico [...] vivenciado, ou seja, as relações que são tecidas neles podem se constituir em variadas leituras, com diferenciados significados e valores.

A paisagem, em síntese, pode ser considerada como “o suporte físico no qual se estrutura a sociedade”, cuja “morfologia é resultante da lógica própria dos

processos do suporte e da lógica própria dos processos sociais e culturais”, “é tudo o que vemos e sentimos, o resultado da acumulação de ações de muitas gerações.” (BLEY, 2006).

Bachelard (1993) salienta que a paisagem é muito mais do que o visível, para ser valorizada ela precisa ser sentida por todos os órgãos sensoriais que podem ser mediadores da experiência humana. Por este sentido, a paisagem é vivida a partir de um atributo invisível de sensação, é uma paisagem sentida, experimentada, provada, saboreada, a qual permite estabelecer sua essência. É por esta qualidade de essência que Bley (1996) afirma que quanto mais modos o indivíduo tem de ver a paisagem, mais próximo se estará da descrição da essência do fenômeno. A paisagem vai além de um modo de ver o mundo, tal como vista fenomenologicamente por Besse (2006), é proximidade e envolvimento: é a forma própria do homem pensar e sentir o mundo.

As sensações individuais são uma extensão do corpo que media a relação homem-paisagem, portanto uma projeção cultural, uma paisagem valorizada. (MACHADO, 1996; BLEY, 1996). Dessa forma, paisagem pode ser considerada um elemento imprescindível ao desenvolvimento e impulso da atividade turística. Pode-se dizer, que o turista na verdade é um colecionador de paisagens. Segundo Meneses (2002), a paisagem deve ser considerada como objeto de apropriação estética, sensorial. Para o autor, o primeiro contato do turista com o local visitado acontece por meio da visão da paisagem. É durante uma viagem que o visitante se depara com uma diversidade de paisagens, sejam naturais, culturais ou construídas; são essas imagens que permanecem no seu inconsciente e, ao voltar para casa, o turista se recorda dos lugares, das pessoas e das paisagens visitadas. (MENESES, 2002). Segundo Boullón (1997), por mais diferente que seja o resultado de uma viagem, ela é o acúmulo de experiências e lembranças dos lugares por onde o indivíduo passou.

Cruz (2002) ainda faz uma reflexão, que complementa essa questão perguntando: o que é uma paisagem turística? As paisagens turísticas, só existem em relação à sociedade. Elas não existem *a priori*, como um dado da natureza [...] é a ação social que dá sentido às paisagens, não o contrário. (CRUZ, 2002). Seguindo esse raciocínio, pode-se pensar que toda paisagem pode ser turística, depende apenas do seu observador e de como ele percebe e interpreta o sentido de cada paisagem.

Na sequência será apresentado o tema percepção geográfica do turismo, demonstrando a importância da paisagem como elemento de percepção e essencial na atividade turística.

2.2.5 Percepção Geográfica do Turismo

O estudo da percepção geográfica do turismo tem como base a geografia humanista e que se utilizam fundamentos da fenomenologia, que valorizam as experiências e as atitudes do homem em seu local de moradia e nos lugares visitados, os espaços turísticos. Percebe-se ainda que o conhecimento do espaço geográfico se relaciona também ao psicológico, estudado pela percepção. (XAVIER, 2007).

Na percepção geográfica do turismo, tem-se considerado a perspectiva psicológica no conceito de espaço geográfico que oferece subsídios para um maior entendimento das pessoas com os espaços que vêm sendo organizados pelas atividades do turismo, encarando-as como um fenômeno social e geográfico. (GOULART, 2006). Diante de esse pensar, para os estudos de percepção geográfica do turismo, devem-se levar em consideração os valores culturais e comunitários, os relacionamentos interpessoais e as relações que um indivíduo possui com o ambiente.

Capel (1973) argumenta que normalmente a percepção do visitante se reduz a compor quadros da paisagem, e o nativo, ao contrário, apresenta uma atitude complexa, fruto de sua relação de total imersão com o meio ambiente.

Para Tuan (1980, p. 73), “o ponto de vista do visitante, pode ser simples, e facilmente enunciado, já que em sua percepção não há interferência da cultura local e a confrontação com a novidade também pode levá-lo a manifestar-se”. Por outro lado, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, do conhecimento. (TUAN, 1980).

Sobre esta relação entre o visitante e o lugar, o autor afirma que os contatos do homem com a natureza, enquanto turista, são superficiais e pouco têm de autênticos, e prossegue mencionando que “o turismo tem uma utilidade social e beneficia a economia, porém não une o homem à natureza.” (TUAN, 1980, p. 73).

Para ele, a “apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica.” (TUAN, 1980, p. 109).

Conforme Xavier (2007, p. 9), para o desenvolvimento da percepção, deve-se considerar:

a experiência e a visão do mundo, já que permitem a construção do espaço percebido do turismo. O indivíduo se integra ao local por meio de suas ações e percepções, assumindo atitudes ao perceber seu mundo vivido, modificado positivamente, ou de modo impactante pelo turismo.

Os estudiosos da geografia procuram utilizar duas abordagens para o estudo da atividade turística. Uma delas é a abordagem crítica, que considera a atividade turística um produto social resultante das condições econômicas, políticas e sociais da atualidade, visando à denúncia dos abusos cometidos contra o meio ambiente em nome do turismo, ou à abordagem neopositivista, com o apoio de informações mensuráveis, por meio de técnicas estatísticas, buscando analisar o fenômeno que acontece no espaço geográfico. (XAVIER, 2007).

Xavier (2007) ainda destaca a importância de se considerar a abordagem da percepção geográfica, ressaltando “a importância dos fatores culturais e comunitários e da percepção das pessoas na elaboração das paisagens e, ainda referenciar o mundo vivido das pessoas que, de qualquer forma, estão envolvidas com o fenômeno turístico.” Esse pesquisador pondera que as maneiras como as pessoas percebem e avaliam os lugares turísticos são variadas e, do mesmo modo, são inconstantes as atitudes das pessoas, pois refletem as variações individuais, bioquímicas, psicológicas, antropológicas e, de modo relevante, seu estilo de vida.

Assim, estudos sobre a percepção geográfica do turismo podem fornecer subsídios para o conhecimento das relações entre o homem e a natureza e entre os grupos humanos que são envolvidos na atividade turística. Seus fundamentos são orientados pela percepção do meio ambiente, “uma vez que essa estratégia oferece explicações das dimensões dos fatos geográficos e do arranjo espacial da paisagem geográfica, além de ser de fundamental importância para o conhecimento das preferências ambientais.” (XAVIER, 2007, p. 4).

Estudos sobre a percepção do turismo tornam-se relevantes na medida em que se estudam as comunidades dos centros receptores de turistas e se preocupam em conhecer e explicar as atitudes e os valores da comunidade em relação ao local. (GOULART, 2006). Considera-se que esse local receptor de turistas é o espaço no qual se desenvolvem, ao mesmo tempo, o mundo vivido da comunidade e o espaço turístico para o turista e onde, muitas vezes, coincide o espaço de lazer dos dois grupos.

Analisa-se que, em muitas vezes, uma comunidade desconhece a atividade turística, não sendo capaz de aproveitar as oportunidades de desenvolvimento que esta pode oferecer para melhorar sua qualidade de vida. Sem compreender a atividade turística, uma comunidade pode até trabalhar com ela, mas permanecerá sem atribuir-lhe valor. (XAVIER, 2007).

Portanto o conhecimento do espaço turístico, de seus componentes e dos movimentos que nele ocorrem, conforme Vernon (1971) deve ser valorizado, já que possibilita a sensação de segurança e permite o aparecimento de respostas apropriadas nos momentos de tomadas de decisão. Para Xavier (2007), por meio de informações e de experiência, o homem procura conhecer os lugares e apreende formas de ação para seu uso.

Percebe-se, então, que as relações das pessoas com os lugares turísticos, dos quais fazem parte, processam-se a partir da percepção que os indivíduos possuem deles, das atitudes que nestes locais são tomadas e dos valores a eles atribuídos.

Tuan (1980) afirma que os significados de percepção, de valores e de atitudes se superpõem e se tornam claros no contexto expresso em cada um desses processos. Ele ainda reintera que a atitude assumida perante o mundo é formada por longa sucessão de percepções e experiências. Considera-se então, que as atitudes adotadas pelas pessoas com o turismo podem refletir seus interesses e seus valores.

Para Xavier (2007), os fatores culturais do meio ambiente físico interferem na visão de mundo e para conhecer a preferência ambiental de uma pessoa, é necessário examinar sua herança biológica, sua educação, seu trabalho e seus arredores físicos. E, ainda de acordo com Xavier (2007), a experiência e visão de mundo desempenham papel relevante no desenvolvimento da percepção, pois o contato direto com o meio ambiente permite ao indivíduo construir seu espaço

perceptivo, justificando, assim, a importância da percepção geográfica no estudo dos lugares turísticos.

Oliveira (1977) também comenta sobre essa percepção, mostrando que ela deve ser encarada como uma fase da ação exercida pelo sujeito sobre o meio ambiente, pois as atividades não se apresentam justapostas, mas encadeadas uma às outras. A percepção, ao se processar, além de permitir a interação do indivíduo com seu espaço, permite também, que sejam elaboradas respostas apropriadas às mudanças e às incertezas que o espaço oferece, respostas estas que se evidenciam pela cognição e pela inteligência. (OLIVEIRA, 1977).

As análises sobre percepção são complementadas com o resultado do estudo dos conceitos de lugar e espaço vivido. Como se vê, “este meio de atuação habitual é o lugar e o seu extremo é o espaço, ou seja, o que começa espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (TUAN, 1985). Diante disso, considerou-se que a partir de tais conceitos era possível, ao final da concepção teórica e demais particularidades deste estudo, analisar os resultados dos questionários aplicados aos moradores e turistas de segunda residência, uma vez que esta foi a síntese dos tópicos abordados, em relação ao lugar, ao espaço e às diferentes relações do homem com o local.

2.2.6 Lugar como referência

Dentro da geografia humanista, o termo lugar surge como uma unidade espacial e é uma das categorias de análise mais importante desse segmento. Para Christofolletti (1985), é num lugar onde as pessoas colocam seus anseios e suas experiências, onde vivem o seu cotidiano, mantêm relações simbólicas, identitárias e históricas do grupo social que ali reside, é onde desenrolam suas paixões. É onde o ser humano se encontra ambientado, integrado, “não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas.” (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).

Tuan (1983, p. 6) afirma que lugar é sinônimo de segurança e, a partir dele, o indivíduo se sente seguro para alçar voos distantes, rumo ao desconhecido: “a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa.” Ainda, deve-se acrescentar:

Espaço e lugar diferem pelo fato de que o espaço é mais abstrato do que o lugar, já que o espaço começa indiferenciado, sem valor ou relações com o indivíduo. Na medida em que o indivíduo dota o espaço de valor e estabelece vínculos emocionais, ele se torna lugar. (TUAN, 1983, p. 6).

Considerou-se também relevante salientar a importância da avaliação da paisagem dos lugares para o turismo. Segundo Boullón (2002), para a apreciação estética da paisagem, o que vale é o que a pessoa capta por meio de seus sentidos, apreciação e estado de espírito. Ele faz referência à qualidade estética e aos diferentes elementos da paisagem urbana sobre a experiência turística, podendo esta qualidade estética despertar o interesse do observador em apreciá-la e contemplá-la, tornando a experiência turística enriquecedora, sendo ele morador ou turista. As condições de visibilidade do observador em relação à paisagem no momento da observação são relevantes para a apreciação da paisagem, podendo interferir diretamente na intensidade do desfrute e posterior vínculo afetivo para com aquela experiência. (BOULLÓN, 2002).

Lowenthal (1985, p. 136) ressalta que “raramente diferenciamos entre pessoas, lugares ou coisas, até que tenhamos um interesse sobre elas”. Isto faz com que o lugar esteja associado às experiências íntimas e pessoais que se alteram de indivíduo para indivíduo e de cultura para cultura. (TUAN, 1980).

Conforme Tuan (1983, p. 180), “muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente.”

A criação de um lugar depende, então, da experiência que, para Tuan, é “um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.” Esta realidade não diz respeito, necessariamente, a um longo tempo de duração, pois “viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas.” (TUAN, 1983, p. 204).

Assim, a formação do sentido de lugar para um indivíduo depende da relação que ele tem com o mesmo, através da experiência, das brincadeiras no espaço coletivo, da convivência com os demais, da sensação de apego, de bem estar, de sentir-se em casa. (GOULART, 2006).

Como um lugar depende da atribuição de valores e afetividade por parte de um indivíduo ou grupo, se ocorrer uma mudança nestes valores e conceitos, tal lugar pode deixar de ser “lugar” e, então, aparecerão novas normas de conduta (TUAN, 1983). Isto significa que os lugares podem ser eternos, mas também transitórios, já que assim como se transforma um espaço em lugar, este lugar também pode voltar a ser espaço, através das “metamorfoses” operacionalizadas pelos homens [...]. (MELO, 2001).

Nessa perspectiva, Tuan (1983, p. 203) afirma:

O homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação de lugar é superficial [...]. “Sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais.

Portanto, de acordo com Tuan (1983), não se pode simplesmente denominar uma localidade turística de lugar, pois há a necessidade de “repetição” no encontro com o lugar. Se o turista apenas percorre uma vez as ruas de uma determinada cidade, como chamá-la de lugar? Por sua vez, considera-se que aquele turista que ao longo dos anos visita a mesma cidade, percorre diversas vezes os mesmos caminhos, relaciona-se com as pessoas da comunidade e cria vínculos com espaço, tem mais condições de estabelecer um relacionamento afetivo com o local, que, para ele, deixa de ser um espaço e torna-se um lugar. E isso, conseqüentemente, acontece com os segundos residentes, que já possuem “outro lar” neste espaço e nele criam vínculos afetivos e legais.

Uma característica atrelada a um lugar é a valorização que o indivíduo lhe confere, pois, conforme Carlos (1999, p. 28) a relação entre o homem e o lugar depende de ambos: “aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida.”

Para Tuan (1983, p. 44), “as pessoas, em todos os lugares, tendem a considerar sua terra natal como o ‘lugar central’, ou o ‘centro do mundo’”. Como base da reprodução da vida, um lugar pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar, que aponta a valorização do corpo, que habita e se apropria de um

espaço (TUAN, 1983), ou seja, o homem percebe o mundo através do seu corpo, de seus sentidos, apropriando-se de um espaço e tornando-o lugar.

As experiências vividas cotidianamente pelos indivíduos em seus locais de moradia, trabalho, lazer e de fluxo fazem com que os espaços se tornem lugares, tendo “uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos.” (MELLO, 1990, p. 102).

Buttimer (1985, p. 166) salienta “a importância do lar na construção do lugar, afirmando que habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço.” Portanto, significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construindo um lar, que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa.

O recorte espacial abordado nesta pesquisa foi o município de Guaratuba. Neste lugar, ocorre a atividade turística, em que se valoriza o turismo de sol e praia, as festas religiosas e a pesca. A praia é um lugar, também, se considerada em relação ao município, pois muitos moradores e segundos residentes a consideram um “lugar especial”, distinto dos demais bairros, referindo-se às questões de deslocamento como, “vou à Praia Central” ou “vou à Praia Brava”. Estas relações humanas com o lugar foram abordadas no decorrer deste estudo, principalmente, quando das análises da pesquisa de campo. Neste contexto apareceu também o termo espaço vivido, ou seja, o lugar acabou se tornando o espaço vivido das pessoas que nele habitavam, conceito abordado a seguir.

2.2.7 Espaço vivido

A França foi o país onde se começou a estudar os espaços vividos de forma independente, desvinculado do humanismo fenomenológico anglo-saxão. (GOMES, 1996, p. 317). O autor demonstra que as bases dos estudos sobre espaço vivido, também chamado de mundo vivido, estão na escola francesa de geografia, sobretudo em Vidal de La Blache⁵⁰ e Deffontaines⁵¹. Pode-se acrescentar que foi

⁵⁰ LA BLACHE, P. V. de. **Princípios de geografia humana**. 2.ed. Lisboa: Cosmos, 1954.

⁵¹ DEFFONTAINES, P. O que é Geografia Humana. **Boletim Geográfico**. 6(3): 14- 17, 1943.

Frémont⁵² quem estudou as regiões sob o ângulo do espaço vivido, tornando-o uma dimensão da experiência humana dos lugares. Daí o espaço vivido ser “compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço.” (GOMES, 1996, p. 319).

Esta forma de pensar o espaço geográfico é também encontrada na corrente fenomenológica, cujas primeiras referências se encontram em Sauer⁵³, sem, no entanto, ter utilizado a expressão que o caracterizasse como engajado nesta corrente. Assim, a partir dos anos 1970, Relph (1976)⁵⁴ e Yi-Fu- Tuan (1980⁵⁵, 1983⁵⁶) aplicaram os conceitos de fenomenologia à geografia de forma mais clara.

Para Relph (1979), o mundo vivido se apresenta sob três aspectos: natural, social ou cultural e geográfico. O mundo vivido natural é pré-determinado, no qual coisas, formas e pessoas possuem modos variantes e sentimentos. Para ele, este mundo é visto e sentido pelas pessoas, no qual elas estão apenas implicadas numa situação que lhes é dada; é o mundo real do espetáculo, presente e não representado. O mundo vivido social ou cultural é constituído pelos seres humanos, suas ações, seus interesses, seu trabalho, suas lutas, seu cotidiano. (RELPH, 1979). É o mundo em que as pessoas se inter-relacionam, fazem uso de uma linguagem comum, relacionam-se com instituições sociais, culturais, edifícios, obras de arte, enfim, fazem parte de um mundo que não é pré-determinado, mas vai se fazendo de acordo com os acontecimentos da sociedade em sua intersubjetividade e sua interconexão com o meio ambiente. (RELPH, 1979). Não obstante, Relph (1979, p. 7) complementa, ponderando que “o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como focos de seu interesse”. Ele ainda reitera, mostrando que o mundo vivido geográfico é formado tanto do mundo natural quanto do construído pelo homem, constituindo-se em seu ambiente que provê sustento e uma moldura

⁵² FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Tradução António Gonçalves. Coimbra: Almedina, 1980.

⁵³ SAUER, Carl, Ortwin. The Morphology of Landscape. **University of California Publications in Geography** 2 (2), p.19-53, 1925.

⁵⁴ RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

⁵⁵ TUAN, Y. F. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambientel**. São Paulo: Difel, 1980.

⁵⁶ TUAN, Y. F. **Espaço e lugar – A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

para a existência; é ainda o mundo dos espaços, das paisagens, dos lugares, onde a vida cotidiana se faz, manifesta-se e se perpetua.

O espaço vivido passa a ser, portanto, tudo aquilo que se desenvolve no espaço geográfico, formado pelas pessoas, pelos objetos, pelas relações intersubjetivas e com as coisas, as instituições, os fluxos que levam mercadorias, ideias, pessoas, informações. (ROCHA; ALMEIDA, 2005). Este espaço vivido geográfico tanto pode ser o de uma rua, de uma cidade, de uma paisagem. (TUAN, 1983).

Relph (1979, p. 4) relata que “os fundamentos do conhecimento geográfico repousam na experiência direta e da conscientização do mundo em que vivemos.” Este pensamento está próximo ao de Lowenthal (1985), quando este comenta que qualquer um que examine o mundo ao seu redor é, de alguma forma, um geógrafo, já que desenvolve uma epistemologia geográfica, a qual é fundada nas experiências diretas, memória, fantasia, circunstâncias presentes e propósitos futuros. Isto se constitui no mundo/espaço vivido, cujo estudo é feito, na geografia, pelo viés da fenomenologia, corrente filosófica em que se procura “levantar as experiências concretas do homem e encontrar nestas experiências uma orientação que não as limite a uma simples sucessão.” (HOLZER, 1997, p. 78).

Em suma, para Relph (1979) a identidade de um lugar é formada de três componentes interrelacionados: características físicas ou aparências, atividades observáveis e significados ou símbolos. E, seguindo essa mesma linha, Tuan (1983), defende que o mundo geográfico é formado pela interrelação do espaço como experienciado, paisagem como a superfície que limita o espaço e o lugar vem como centro de significados no espaço e paisagem. Portanto, compreende-se que o espaço vivido é um dos enfoques com o qual a geografia humanista aborda o espaço e que permite ao pesquisador compreender como nasce a magia dos lugares, o amor, o encantamento, o esnobismo e a indiferença. (MELLO, 1990).

Machado (1996) considera que os significados do espaço vivido não são claros ou óbvios, eles têm que ser descobertos através de um vínculo com uma paisagem e um lugar, a fim de que estes não sirvam apenas como cenários ou panos de fundo, desprovidos de sentimentos e relações. E, conforme Bahl (2004a, p. 33), “a paisagem e sua extensão territorial entrelaçam de modo harmonioso componente humano e natureza, em estado de harmonia e equilíbrio.”

Percebe-se assim que é no espaço vivido de muitas pessoas onde se desenvolvem também as atividades turísticas. O lar do morador é também o espaço turístico do turista; fato este que gera conflitos devido às diferenças de atitude em relação ao local. Enquanto para o morador o lugar é o lar, para o turista ele geralmente é um cenário. (XAVIER, 2007).

Para Boullón (1997), é realizada nesse cenário a leitura da paisagem, e nesta não cabe as predileções e nem as deduções de certos elementos, pois essa leitura é efetuada a partir da presença de outros [...]. Boullón (1997, p. 99) afirma também:

A partir do enfoque visual, os tipos de paisagem são a consequência da combinação de numerosos elementos físicos de diferentes classes (uns naturais e outros artificiais), intimamente relacionados entre si; por isso podemos apreciá-los como um conjunto (Tradução nossa⁵⁷).

Para a percepção e apreciação estética da paisagem, vale o que o turista comum capta por meio de seus sentidos influenciados por seu estado de ânimo. (BOULLÓN, 1997, p.105).

Desta forma, já que o turismo faz parte do espaço vivido dos indivíduos que vivem em Guaratuba, considera-se que em um estudo fenomenológico deve preocupar-se em descobrir qual o sentido deste fato para as pessoas, porém sem ater-se ao fato em si. Ao aplicar este estudo, não se deve ater à qualidade dos serviços, à renda gerada ou às condições da infraestrutura, entre outros elementos, mas interessar-se pela percepção que se tem do turismo na localidade, ou seja, o valor dele e do ambiente para as pessoas que moram no lugar e para as que possuem casa de segunda residência e tenham suas vidas envolvidas neste processo. A partir daí, pode-se retornar à atividade turística e concebê-la com base no contexto de um espaço vivido, de acordo com aquilo que é percebido/vivido como essência deste fenômeno. O enfoque proporcionado pela fenomenologia parte de não encará-la como uma ciência exata, fato que se constitui no cerne deste trabalho científico. Assim, não se deve utilizar metodologias convencionais quantitativas baseadas em estatísticas de turismo coletadas por questionários fechados, isto, no entanto, sem a intenção de desmerecer a importância destes métodos como ferramentas essenciais para analisar diversos aspectos da atividade turística,

⁵⁷ “Desde el enfoque visual, ambos tipos de paisaje son la consecuencia de la combinación de numerosos elementos físicos de diferentes clases (unos naturales y otros artificiales), íntimamente relacionados entre si; por eso, podemos apreciarlos como um conjunto.”

sobretudo aqueles ligados a questões econômicas, de marketing turístico entre outras.

2.3 RESUMO DO APORTE TEÓRICO

O turismo, como sendo o movimento de maior escala de produtos, serviços e pessoas que a humanidade alguma vez assistiu (PETROCCHI, 2008), é reconhecido como uma força econômica e social das sociedades contemporâneas, o que o torna um fenômeno complexo. Por outro lado, enquanto parte do sistema dinâmico da sociedade contemporânea, o turismo constitui uma área científica multidisciplinar (BENI, 1998) e, por isso, tem sido estudado em várias ciências, ou seja, pela sociologia, psicologia, antropologia, geografia, história, entre outras. Numa perspectiva sociológica, o turismo é uma característica da sociedade contemporânea (KRIPPENDORF, 1989), já que poder ser visto como uma prática social em que as viagens e os destinos turísticos constituem microcosmos pelos quais a sociedade se revela nas suas motivações, contradições, desigualdades, códigos comportamentais e pluralidade de estilos de vida.

O turismo e os enclaves das férias constituem universos complexos de sociabilidade em que indivíduos e grupos sociais se encontram. Mas o turismo não é apenas o encontro de turistas com outros turistas. Como uma experiência verdadeiramente humana, para Krippendorf (1989), o turismo está também, e muito, relacionado com a interação entre turistas e residentes (sendo eles segundos residentes ou não). Ambos se tornam parte integrante do sistema turístico (BENI, 1998), sendo fundamentais para uma melhor compreensão do turismo e dos comportamentos em turismo. Durante a estada no destino turístico, os turistas são simultaneamente turistas e residentes (temporários) e quando turistas e residentes se encontram, ambos têm a oportunidade de vislumbrar como os outros vivem e de refletir sobre as suas próprias vidas através dos olhos dos outros.

A dimensão e importância que o turismo alcançou resultam das mudanças operadas na sociedade e na evolução das formas de vida que elas produziram. Desta forma, o desenvolvimento do turismo não pode ser dissociado do contexto histórico que o configurou, já que as características econômicas, políticas, sociais e culturais dos diversos quadros temporais modelam a expressão das motivações,

percepções e aspirações do turista e do morador e acrescentam-lhe outras, produzindo novas atitudes e novos comportamentos sociais que se refletem no turismo e no seu desenvolvimento do lugar onde a atividade acontece. (KRIPPENDORF, 1989).

Permanentemente dinâmico, o turismo se vive atualmente em novos desafios, fruto da evolução das formas de organização social do trabalho, da possibilidade de novas experiências no contato com a realidade associada ao desenvolvimento das tecnologias da informação, ou da emergência de novas preocupações sociais e ambientais. (CONCEIÇÃO, 1998). Estes fatos traduzem-se numa profunda alteração em nível de consumo do turismo. O estilo de vida das sociedades contemporâneas, combinado com as motivações para satisfazer novas necessidades e preferências individuais, impulsiona os turistas, além das viagens longas, hospedagem em hotéis e pousadas, a buscar alternativas, bem como a aquisição da segunda residência em um local para lazer e descanso, usufruindo-a não apenas nos períodos de férias, mas também em feriados e finais de semana.

Vera (1997) afirma que o turismo em área litorânea é a forma mais comum e diferencial de desenvolvimento turístico, e é a que gera a maior parte dos movimentos turísticos internacionais, já que o litoral é o principal destino de férias para muitas pessoas no mundo. Nesse contexto está Guaratuba, um município litorâneo do Estado do Paraná, considerado turístico, pois alia descanso e lazer junto ao mar.

No litoral paranaense, a instalação das segundas residências, está intimamente ligada à dinâmica das classes média e alta, normalmente pessoas vindas da capital, Região Metropolitana de Curitiba e interior do Estado que, a partir da década de 1970, passaram a ocupar a região da orla, em especial nos municípios de Matinhos e Guaratuba. (ANGULO, 2000). Nesse segmento de caráter capitalista, o turismo de segunda residência tem como principal ativo o espaço geográfico e seus recursos naturais tendo em vista a relação entre natural-urbano que esse turismo gera, pois os segundos residentes buscam um lugar para lazer e ócio próximo às áreas naturais, mas sem perder o conforto.

Assim, possuir uma segunda residência para usufruir aos finais de semana e feriados pode ser um fator sociocultural característico da sociedade contemporânea. A redução da jornada de trabalho, a degradação do meio urbano e o advento do automóvel particular contribuíram para a eclosão do fim de semana como o principal

período de aproveitamento do tempo livre, sobretudo, via segunda residência (ASSIS, 2003). Normalmente, os segundos residentes iniciam suas migrações com destino às segundas residências nas sextas-feiras à noite, após a jornada de trabalho semanal ou na manhã do sábado, aproveitando assim, o sábado e o domingo, e retornando, geralmente, à tarde ou à noite do domingo para as suas residências permanentes. (ASSIS, 2003).

Portanto, Guaratuba pode ser considerado um município com alto índice de turismo de segunda residência e também sazonal. Em Scheuer (2010b), consta que Guaratuba se caracteriza como um município sazonal, com suas peculiaridades em relação ao turismo e que ainda depende essencialmente do turismo de sol e praia, sofrendo com as causas e os efeitos advindos da sazonalidade, já que os fatores climáticos e estruturais atraem as pessoas para Guaratuba no verão e esses mesmos fatores, afastam-nas no inverno, determinando o tipo de sazonalidade existente, ou seja, ligada ao clima e a questões institucionais.

Diante da evidência de que o turismo está intimamente ligado à geografia e às suas correntes humanista e cultural, entre outras, neste estudo busca-se embasamento na geografia cultural e na humanista com abordagem fenomenológica para trabalhar com percepção, toponímia, paisagem, lugar e espaço vivido.

Dentro da abordagem da geografia cultural, Claval (2002a) buscou entender a experiência dos homens no meio de vivência para compreender os significados que estes dão a este meio e qual o sentido dele nas suas vidas. Portanto, quando da abordagem cultural na geografia, procura-se trazer as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica.

No enfoque cultural, a natureza, os grupos sociais, os sistemas de representação não se mostram iguais em todas as partes. Assim, o discurso do investigador se adapta à situação e a sociedade se molda a partir das suas experiências. (CLAVALL, 2002b). E um dos enfoques da geografia cultural é o humanista, de fundo fenomenológico, em que se consideram as subjetividades, a dimensão psicológica e mental da cultura e as percepções individuais, valorizando a experiência, a intuição, a imaginação e os sentimentos. (NITSCHE, 2007).

Assim surge a importância de se investigar sobre a percepção daqueles que vivem nos espaços e/ou lugares para o estudo da geografia e do turismo. Os moradores e turistas estão cada vez mais experientes e evidenciam uma maior sensibilidade para com o meio ambiente, levando-os a perceber certas nuances e se

relacionar mais profundamente com esses locais, criando fortes ligações e gerando o sentimento topofílico, ou seja, de afeto por estes lugares.

Dentro deste contexto turístico, surge a paisagem. Indubitavelmente, ela é um elemento imprescindível e, muitas vezes, responsável pelo desenvolvimento da atividade turística em função do interesse de visita que pode despertar e nos efeitos causados quando da sua visita. Cada observador tem um julgamento de valor diferente em relação à determinada paisagem, cada um lhe dá um sentido. Assim, as paisagens podem valorizar e dar sentidos aos lugares.

A nova perspectiva do sentido de lugar enfatiza a compreensão dos significados subjetivos emocionais e simbólicos associados aos lugares naturais e à ligação das pessoas a esses lugares. (TUAN, 1980). Esse autor deixa realçado que os lugares são mais do que cenários geográficos com características físicas, são fluidos transformáveis, contextos dinâmicos de interação e memória, e por isso são passíveis de diferentes ligações/relações. Assim, percebe-se que esta ligação com os lugares não pode ser entendida sem uma análise multidimensional, afinal ela tem sido explicada pela compreensão dos laços afetivos que unem pessoas ao ambiente, ou seja, a topofilia, que demonstra a relação afetiva ou simbólica com um lugar ou se refere à ligação funcional a um lugar, despertando o senso de identidade com este mesmo lugar.

A relação entre a geografia e a fenomenologia foi estabelecida por Relph, no livro *Place and Placelessness* (1976), no qual ele afirma que um lugar deve ser analisado a partir das experiências diretas do mundo e da consciência que se tem do ambiente em que se vive. O espaço geográfico é “uma profunda e imediata experiência do mundo que é ocupado com significados e, como tal, é a própria base da existência humana.” (RELPH, 1979, p. 5). Assim, o conceito de lugar adquire para a geografia humanista um papel importante, pois é nele que se articulam as experiências e as vivências no espaço. O que conduz ao pensamento de que diferentes grupos socioculturais, moradores e segundos residentes, podem produzir distintas relações no mesmo lugar e podem atribuir valores e significados diferentes, todavia podem possuir o mesmo sentimento de afeto pelo lugar, embora os moradores tendam a possuir uma ligação psicoterritorial mais profunda.

Buttimer (1985) trouxe à noção de mundo/espço vivido aprofundando o elo entre os procedimentos geográficos e fenomenológicos. Como destaca Relph (1979), o conceito de espaço vivido exprime uma relação existencial, portanto

subjetiva, que o indivíduo, ou grupo social, estabelece com os lugares, refletindo seu pertencimento a um determinado grupo num determinado lugar. Logo, para a geografia humanista, é o sentido de tempo de cada um, suas experiências e seus rituais que criam o sentido de lugar e de comunidade. Para Relph (1979), uma relação afetiva com um lugar é tão necessária, e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas, pois a existência humana sem tais relações, embora possível, ficaria desprovida de grande parte do seu significado.

Dessa forma, entendeu-se que o método fenomenológico dependeria mais de uma atitude do pesquisador, não havendo um modelo de pesquisa a ser seguido, o que demonstrou a importância de se trabalhar com a observação assistemática participante e com a aplicação de questionários com perguntas abertas como se deu na metodologia de pesquisa deste estudo.

Porém, já que o turismo faz parte do espaço vivido dos indivíduos que vivem em Guaratuba, antes de fazer uso do método fenomenológico, embasado na geografia cultural e na humanista e no intuito de analisar qual o sentido deste fato para as pessoas, sem ater-se ao fato em si, tornou-se necessário conhecer o município de Guaratuba, objeto (cenário) deste estudo.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Neste capítulo, buscou-se caracterizar o perfil do município de Guaratuba para melhor compreensão da análise dos dados coletados, bem como, contextualizar geográfico e economicamente onde está inserido esse município, ou seja, no Litoral do Estado do Paraná.

3.10 LITORAL DO PARANÁ

A apropriação das orlas das praias é um fenômeno recente na história dos assentamentos costeiros e decorre de um interesse específico pelos litorais, não presente anteriormente como manifestação cultural, que é o uso da forma de ocupação baseada em balneário (SAMPAIO, 2006). Corbin (1989) afirma que a praia também se abre ao prazer da conversação. Nela há um sutil equilíbrio entre o retiro solitário e a massa tumultuosa, que implica na escolha de algumas pessoas em evitar o tédio da solidão e o peso da multidão, procurando estar junto ao mar para refrescar-se e sair da rotina.

A sedução do repouso provocado pelo retiro, a prática da meditação e da conversação, o devaneio favorecido pelo ambiente, certas formas de engajamento do corpo, a fascinação exercida pelas vibrações luminosas do espelho aquático, compõem uma gama de prazeres do lugar. (CORBIN, 1995, p. 33).

Conforme Sampaio (2006), o litoral do Paraná está vinculado a cidades próximas que concentram a produção do capital e onde residem permanentemente seus frequentadores, os veranistas. Assim, o uso desta forma de ocupação no formato de balneários tem gerado assentamentos que se caracterizam, sobretudo, pela presença dominante das segundas residências, de utilização temporária, e pela ocupação longitudinal das orlas, que configuram manchas urbanas estreitas e alongadas e que tendem a ocupar toda a extensão das praias, conforme se mostra na figura 2.



FIGURA 2 – OCUPAÇÃO CONTINUADA DO LITORAL PARANAENSE

FONTE: Imagem de satélite LANDSAT – INPE, adaptada por SAMPAIO (2006, p. 184).

Conforme dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES (2008), a forma de ocupação baseada em balneários iniciou-se no Estado do Paraná apenas na década de 1920, mas se desenvolveu a partir de 1950, por um processo intenso de apropriação que dominou as orlas oceânicas ao sul da baía de Paranaguá. Com isso, derivaram danos, bem como, a erosão costeira, o comprometimento de cursos e corpos d'água e da paisagem e a expulsão de colônias de pescadores, além de problemas urbanos, como a desordem viária e a baixa qualidade ambiental dos assentamentos.

Essa forma de ocupação nos espaços litorâneos se define contemporaneamente pelo desejo dos banhos de mar e do estar à beira-mar para os “banhos de sol”, o caminhar, o relaxamento, a prática de esportes, o encontro, e esses desejos têm nas praias seus locais de realização e, principalmente no verão, suas efetivações, conforme Sampaio (2006). Porém a ocupação traz consigo duas características determinantes, conforme esse autor:

Primeiro, o interesse do estabelecimento junto às praias, do que tem derivado a apropriação de suas orlas (o que não ocorria por outros usos), e, segundo, a sazonalidade, da qual decorre a presença concentrada em certos períodos – nas vilegiaturas, notadamente, mas também nos feriados e finais de semana – e o vazio, na maior parte do tempo, o que produz, por sua vez, a ociosidade de sua base construída – habitações, comércio, serviços e infraestruturas técnicas e sociais – nessas ausências, e, particularmente em países ou regiões subdesenvolvidos, a sobrecarga e a incapacidade de atendimento nos picos de frequência, com consequências especialmente graves para o meio ambiente. (SAMPAIO, 2006, p. 170).

Nesse contexto de sazonalidade, pode-se dizer que grande parte Litoral do Paraná sofre com as altas demandas no decorrer da temporada de verão e sofre com a ociosidade durante todo o resto do ano, gerando graves problemas de ordem social, ambiental, cultural, econômica e administrativa (SCHEUER, 2010b).

No Paraná, as praias se localizam ao longo da faixa atlântica e em alguns trechos das embocaduras de duas baías, isto é, na Baía de Paranaguá e na Baía de Guaratuba. São 126 km, distribuídos de noroeste a sudeste, conforme IPARDES (2013b), sendo: 31,0 km no Superagui; 12,6 km na Ilha das Peças; 0,2 km na Ilha das Cobras (Baía de Paranaguá); 26,0 km na Ilha do Mel; 42,6 km na Orla continental entre as Baías de Paranaguá e de Guaratuba (planície de Praia de Leste); 13,6 km na Orla continental ao sul da Baía de Guaratuba (Planície do Saí).

Do ponto de vista administrativo, o litoral paranaense é formado por sete municípios: Guaraqueçaba, Antonina, Morretes, Paranaguá, Pontal do Sul, Matinhos e Guaratuba (IPARDES, 2013b). Até meados do século XVII, a área total do litoral paranaense pertencia ao Estado de São Paulo, tendo Paranaguá se desmembrado em 1853, juntamente com o Estado do Paraná. Pontal do Paraná foi o último município a ser criado no litoral paranaense, em 1997 (PARANAGUÁ, 2010). São municípios próximos à Curitiba, capital do Estado: Antonina, o mais próximo, a 63 km, e o mais distante, Guaraqueçaba, 158 km (IPARDES, 2013b). Antonina e Morretes, localizados no fundo da Baía de Paranaguá, não alcançam o mar aberto; já Matinhos é o único que tem costa exclusivamente limitada pelo mar. De extensão bastante desigual, este é o menor município, com 111,5 km² (2% do total litorâneo), e o maior, Guaraqueçaba, com 2.159,3 km² (35% do total) (IPARDES, 2013b).

Percebe-se que o espaço e a população permanente estão distribuídos de forma desigual, apresentando densidades municipais bem diferentes. Paranaguá, com apenas 11% da superfície total, concentra 54% dos habitantes (140.469), e Guaraqueçaba, com 35% da superfície total, tem apenas 4% da população (7.871

habitantes), segundo dados do IBGE (2010). A densidade populacional média é de 38 hab/km², mas varia entre 4 hab/km², em Guaraqueçaba; 24,69 hab/km² em Guaratuba e 217 hab/km², em Matinhos; seguido por Paranaguá, com 191 hab/km² (IPARDES, 2010).

Conforme Sampaio (2006), o curso da ocupação foi o mesmo nos diferentes trechos da orla e, no que diz respeito à modalidade de assentamento, foram sempre parcelamentos do solo, na forma de loteamentos, chamados balneários, com predominância quase absoluta de localização com frente para a praia, e, na maioria das vezes, sem continuação continente adentro por outro empreendimento.

Notadamente, percebe-se a importância do uso balneário em praticamente boa parte da costa paranaense. Conforme Pierri *et al.* (2006), o uso balneário acarreta dois grandes processos que envolvem populações diferentes e que acontecem em diferentes ritmos e, até certo ponto, em diferentes espaços. Por um lado, a afluência dos turistas, sejam os que constroem suas segundas residências, impulsionando a urbanização mais próxima ao mar, ou aqueles que visitam o litoral sem possuir casa própria. Trata-se de uma população de presença concentrada na temporada de verão e feriados próximos, e, em muito menor grau, nos fins de semana do resto do ano (SCHEUER, 2010a). Há, por outro lado, a entrada permanente de pessoas que vêm de outras regiões para viver no litoral, com expectativas de melhorar sua renda e qualidade de vida (SCHEUER, 2010b).

Um elemento desse processo de ocupação é o fluxo de turistas na temporada. As estatísticas da Secretaria de Estado do Turismo – SETU (2010) informam que atingiu uma média de 1.518.826 pessoas nas temporadas do período 2000 a 2006, com um mínimo de 1.365.885 turistas em 2002, e um máximo de 1.643.892, em 2005. Vale destacar que a estatística apresentada anteriormente foi a última publicada pelo Estado do Paraná com relação à demanda do Litoral Paranaense.

No conjunto dos dados, SETU (2010) analisou que o uso turístico do litoral estava servindo, principalmente, aos moradores do Estado e destes, particularmente, àqueles que moravam na capital dos quais, grande parte mencionaram possuir casa própria no litoral. Isso vem devido a pouca distância e às estradas em condições relativamente boas, permitindo-se frequentá-lo assiduamente.

Considera-se, dessa forma, que o litoral do Paraná pode ser definido como uma grande área de conservação (82% de seu território) (IPARDES, 2010). E ainda que é destinada boa parte de seu território para o uso balneário e ao uso pesqueiro. No que se refere ao primeiro, o uso serve para o desfrute principal dos cidadãos curitibanos e de outras regiões que escolhem esse lugar para descanso e lazer em certas épocas do ano; já a outra forma de uso representa o único meio de sobrevivência de pescadores que moram no litoral (SAMPAIO, 2006). Ainda se pode destacar a agricultura: produção de mandioca, banana, frutas entre outras culturas (SCHEUER, 2010a).

É dentro desse contexto que se apresenta a caracterização do município de Guaratuba onde o estudo aconteceu.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GUARATUBA – PR

Considera-se ser importante relatar alguns dados sobre o município de Guaratuba, localizado na região Sul do litoral do Paraná, pois ele é o cenário perceptivo onde acontecem as interações entre os moradores e o ambiente e os segundos residentes e o ambiente, além de ter servido como cenário nesta pesquisa.

3.2.1 Histórico de Guaratuba

O histórico do município de Guaratuba reúne acontecimentos e datas, a serem tratados resumidamente a fim de contemplar panoramicamente o objetivo de se entender os motivos e os processos que envolvem o início desse município como vila, bem como fatos que no decorrer do tempo marcaram a história de Guaratuba. Vale mencionar que as informações históricas sobre a região são escassas e que o trabalho “A História do Município de Guaratuba”, de Joaquim da Silva Mafra (1952), tornou-se fonte essencial para se discorrer sobre a maioria dos assuntos relacionados aos aspectos históricos desse município.

A história da fundação da Vila começou, segundo Mafra (1952), quando Afonso Botelho, dando cumprimento às ordens de D. Luiz, fez uma convocação aos

moradores das proximidades de São Paulo para que povoassem uma nova vila, na enseada de Guaratuba. O autor comenta que foram reunidos 200 casais, dando-lhes ferramentas necessárias e demarcando-lhes as terras, de acordo com as necessidades e as possibilidades de cada um.

Quando se efetivou o auto da criação da Vila de Guaratuba, em 1771, já havia muitas casas, sendo nessa ocasião acesas fogueiras nas ruas à noite, para servirem de iluminação (MAFRA, 1952). Segundo esse mesmo autor, em 13 de maio de 1768, D. Luiz mandou construir a Igreja que serviria como posto espiritual à população e, em 29 de abril de 1771, deu o nome à vila: Vila de São Luiz de Guaratuba da Marinha. No que se refere às solenidades de fundação do município, houve a celebração de uma Santa Missa e, ainda de acordo com Mafra (1952), em 30 de abril de 1771, foi eleita a primeira câmara municipal, com a aprovação da Vila e do ouvidor geral.

De acordo com Saint-Hilaire (1964), Guaratuba possuía apenas quarenta casas em 1820, sendo que cerca de quinze delas achavam-se situadas em semicírculo à margem da enseada e as outras, atrás das primeiras, em torno de uma praça. Em sua maioria, eram casebres construídos de pau a pique e se encontravam em mau estado de conservação. O autor ainda relata que pouco tempo antes de sua viagem, haviam construído algumas casas de pedra e que estas eram bem bonitas.

Saint-Hilaire (1964) acrescenta que os habitantes, em sua maioria, descendiam de portugueses e de índias, descrevendo-os como sendo preguiçosos, muito pobres, que viviam quase unicamente de peixe seco e farinha de mandioca e que se vestiam comumente com umas calças de tecido de algodão, camisa usada à maneira de blusa, por cima das calças, e chapéu de copa arredondada e aba muito estreita; além disso, passavam grande parte do tempo no mar e conduziam suas canoas com extraordinária destreza. O mesmo autor também cita a existência de sambaquis, relatando o seguinte:

Existem perto de Guaratuba terrenos quase unicamente constituídos de terra preta, a que se acham misturadas em abundância cascas de ostras e de uma espécie miúda de moluscos. Esses terrenos, denominados sambaquis pelos moradores do lugar, são muito férteis. Fabrica-se cal com as cascas de ostras extraídas dos sambaquis, sendo elas separadas da terra por meio de peneiras de taquara; mas, até a época de minha viagem, essa cal era apenas empregada no local, não sendo ainda mandada para fora. (SAINT-HILAIRE, 1964).

Com a Proclamação da República, em 1889, segundo Mafra (1952), elegeu-se o primeiro prefeito de Guaratuba, Senhor Manoel Antônio de Souza, que assumiu e se manteve no cargo até 1892. Nesta condição legal, a localidade esteve até 20 de outubro de 1938, quando foi extinto o município, passando a fazer parte de Paranaguá, mas como simples distrito. Mafra (1952) ainda menciona que, em 10 de outubro de 1947, o município teve sua autonomia restaurada e Berilo da Cunha Padilha passou a ser o primeiro prefeito desta segunda fase administrativa. Também, que o município de Guaratuba fez parte da Comarca de Paranaguá até 1954, quando passou a representar o Distrito Judiciário da Comarca de São José dos Pinhais. A Comarca de Guaratuba foi criada pela Lei 8280/86 e sua instalação ocorreu em 03/02/1986, através da Portaria nº 747/86 (MAFRA, 1952).

A denominação do município de Guaratuba vem do idioma tupi, ou seja, “guará” (ave de plumagem avermelhada), e de “tuba” que significa “em quantidade excessiva”, conforme consta em Mafra (1952). Os guarás (FIGURA 3) são aves marinhas de cor vermelho escarlata, com asas longas e largas e a cauda bastante curta (SEMA, 2001). Essas aves permanecem com a plumagem vermelha por conta da alimentação à base de caranguejos e, quando em cativeiro, sua plumagem perde a cor tornando-se rosa apagado, conforme Secretaria de Estado do Meio Ambiente - SEMA (2001).



FIGURA 3 - GUARÁ
FONTE: REICHERT, Z. (2011).

Conforme dados Secretaria de Estado do Meio Ambiente - SEMA (2001), no século XVII, foi decretada uma lei que proibia a molestação desses animais e de seus ninhos na região de Guaratuba, pois a espécie começava a se extinguir. Não obstante, essa medida foi uma das primeiras exigências governamentais brasileiras em prol da conservação da natureza. As populações de guarás foram gradativamente declinando até que, em 1979, deu-se o último registro desta espécie no Estado, sendo uma ave considerada ameaçada de extinção. (SEMA, 2001).

Segundo relatos informais de moradores mais antigos do município e de Joelson Correa Travassos⁵⁸, que forneceu dados não tratados pela prefeitura, o município começou a receber os primeiros turistas para uso das praias, lazer e descanso, a partir da década de 30. Conforme Guaratuba (2014), nos anos 50, começaram as primeiras caravanas de turistas e somente nas décadas de 70 e 80, foi que se iniciou a vinda de segundos residentes e do turismo mais massificado. Assim, percebe-se que o uso efetivo da orla para fins turísticos e de lazer iniciou-se na década de 70 e continua em franco crescimento.

Ainda segundo Travassos⁵⁹, o município não possui dados estatísticos de demanda turística anteriores à década de 90 e de número de segundas residências anteriores aos anos 2000. Dados coletados até 28 de outubro de 2014, mostram que o município possuía 19.224 residências, sendo 6.431 (33,4%) imóveis de moradores e 12.793 (66,54%) imóveis de segunda residência; dos 12.793, 61% são de proprietários de Curitiba e 39% de outros municípios (GUARATUBA, 2014). Percebe-se assim que a maioria dos segundos residentes é da capital do estado.

3.2.2 Principais vias de acesso

Guaratuba se interliga com o Paraná e outros estados do Sul do Brasil por meio das seguintes estradas estaduais e federais: PR-407; PR-412; BR-277 (FIGURA 4). A construção e a pavimentação das vias de acesso até Guaratuba iniciam-se a partir da década de 60, gerando-se novas condições de fluxo e

⁵⁸ Funcionário Concursado da Secretaria de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Guaratuba. Guaratuba, Prefeitura Municipal, 20 de outubro de 2014.

⁵⁹ *Idem.*

ocupação do litoral (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Primeiramente foi concluída a Estrada do Café e, em 6 de abril de 1968, houve a inauguração da BR-277, estrada de acesso ao litoral paranaense, que facilitou o acesso ao porto de Paranaguá. (CONSELHO DO LITORAL, 2002).



FIGURA 4 – ACESSO RODOVIÁRIO À GUARATUBA

FONTE: <http://www.guiageo-parana.com/guaratuba/acessos.htm>. (2015)

Segundo Guaratuba (2013c), a década de 1970 foi importante para o início da intensificação da ocupação urbana e da intensificação do fluxo de pessoas no município de Guaratuba, e também, que em 1º de janeiro de 1970 foi implantada a PR-407, que liga a BR-277 à Praia de Leste, e ainda, em 1971, no dia 10 de maio, inaugurou-se a pavimentação do trecho da BR-376 entre Curitiba e Garuva (Santa Catarina). A PR-412, que interliga Guaratuba a Garuva e Guaratuba a Pontal do Sul (Paraná), só foi disponibilizada em 1974, todavia é de significativa importância para esse município paranaense (CONSELHO DO LITORAL, 2002), já que a sua construção viabilizou um acesso de maior facilidade à região, evitando a travessia com o *ferry-boat*, e, como eixo indutor, contribuiu para o aumento da ocupação urbana no município. A PR-412 está ligada à rodovia federal, BR-376, que dá acesso à parte do litoral do estado de Santa Catarina e ao do Rio Grande do Sul.

3.2.3 Situação Geográfica

O município de Guaratuba localiza-se na região sul do litoral paranaense (FIGURAS 5 e 6), contido na folha cartográfica Guaratuba MI – 2858-4, coordenadas no sistema de projeção UTM – 680.000, 740.000 e 7.120.000, 7.170.000 (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Segundo dados de IPARDES (2013a), a sede do município está localizada a 15 m de altitude, possui área de 1.328,480 km² e dista 117,73 km de Curitiba, capital do Estado, 65 Km de Joinville, em Santa Catarina, e 54 Km da cidade de Paranaguá. Possui 32.088 habitantes (IBGE, 2010), sendo 89% na área urbana e 11% na área rural. Seu clima é tropical super úmido, sem estação seca definida, com temperatura média de 22°C no verão e 18°C no inverno. Essa mesma fonte mostra ainda que a latitude é 25° 52' 58" Sul e a longitude é 48° 34' 29" Oeste. E também que se limita ao norte com os municípios de Morretes e Paranaguá, a oeste com o de São José dos Pinhais, a leste com o de Matinhos e Oceano Atlântico e ao sul com os municípios de Itapoá e Garuva no estado de Santa Catarina.



FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO DO PARANÁ
FONTE: ABREU, R. L. de. (2006) Parana_MesoMicroMunicip.svg.

Já a figura 6, apresenta Guaratuba localizada na região sul do litoral paranaense e suas limitações com os demais municípios litorâneos.

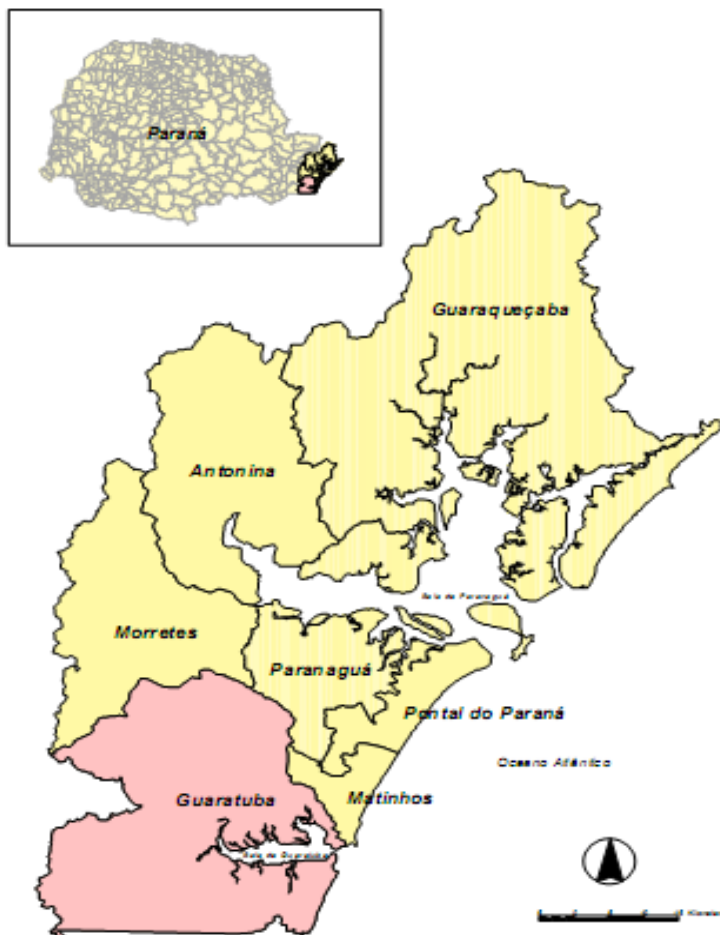


FIGURA 6 – CARTOGRAMA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO
FONTE: CONSELHO DO LITORAL (2002, p. 18).

3.2.4 Geologia

No Paraná, a Planície Litorânea, ou Planície Costeira, estende-se desde o sopé da Serra até o oceano e tem um comprimento de aproximadamente 90 km e uma largura máxima em torno de 55 km na região de Paranaguá. (ANGULO, 2000).

Conforme Conselho do Litoral (2002) a planície está profundamente recortada pelos complexos estuarinos das baías de Paranaguá, Laranjeiras, Pinheiros e Guaratuba, resultando em várias ilhas, como as ilhas das Peças, do Mel, Rasa, da Cotinga e Rasa da Cotinga. A planície tem em geral uma altura inferior a 20 metros sobre o nível do mar. Em diversos locais, há morros e colinas isolados na planície,

com altitudes que podem alcançar centenas de metros, tais como os morros: Grande (479m) e do Canudal (245m). Em geral, a altura da planície aumenta da costa para o continente, alcançando as maiores altitudes no sopé da serra (ANGULO, 2000).

De maneira geral, a planície costeira é constituída por sedimentos continentais e costeiros (ANGULO, 2000). Esse autor comenta que dentre os primeiros, destacam-se os sedimentos associados a encostas, tais como leques, talus, colúvios e sedimentos fluviais. Os depósitos continentais incluem duas unidades que receberam denominação estratigráfica formal: a Formação Alexandra e a Formação Iquererim (GUARATUBA, 2009). Os sedimentos costeiros pertencem a dois tipos de sistemas principais: o de planície costeira, com cordões litorâneos, e o estuarino. Ambos são representados por ambientes antigos e atuais (praias, planícies de maré, deltas de maré e dunas frontais), conforme Ângulo (2000).

3.2.5 Hidrografia

A região litorânea do Paraná abrange principalmente duas bacias hidrográficas: a de Paranaguá, com aproximadamente 3.882 km² de extensão, e a de Guaratuba, com uma área em torno de 1.393 km² (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Essas bacias podem ser divididas em diferentes sub-bacias. Completam as bacias da região litorânea, a do rio Saí-Guaçu, ao sul, no limite com o estado de Santa Catarina, a do Mar de Ararapira, ao norte, no limite com o Estado de São Paulo, e bacias de pequenos riachos, que drenam diretamente para o mar, conforme dados da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Guaratuba (2009).

A bacia hidrográfica de Guaratuba possui rios que nascem nas serras dos Castelhanos, da Prata, da Igreja, Araraquara (rio Cubatão com seus afluentes Cubatãozinho, Arraial, São João, Guaratubinha e Castelhanos) e, na planície, rios de menor magnitude como o do Pontal, Taquaraçu, do Meio, Vitória e Claro (CONSELHO DO LITORAL, 2002). As serras da Igreja, Canavieiras e da Prata constituem um divisor de águas com drenagem para as baías de Paranaguá e Guaratuba, originando a maioria dos afluentes do rio Cubatãozinho (Canavieiras, Furta Maré, Rasgado, Henrique, Guarajuran, Alegre das Onças) e outros que vêm do sul e deságuam na Baía de Guaratuba (FIGURA 7). São importantes ainda os rios Descoberto e Boguaçu (CONSELHO DO LITORAL, 2002).

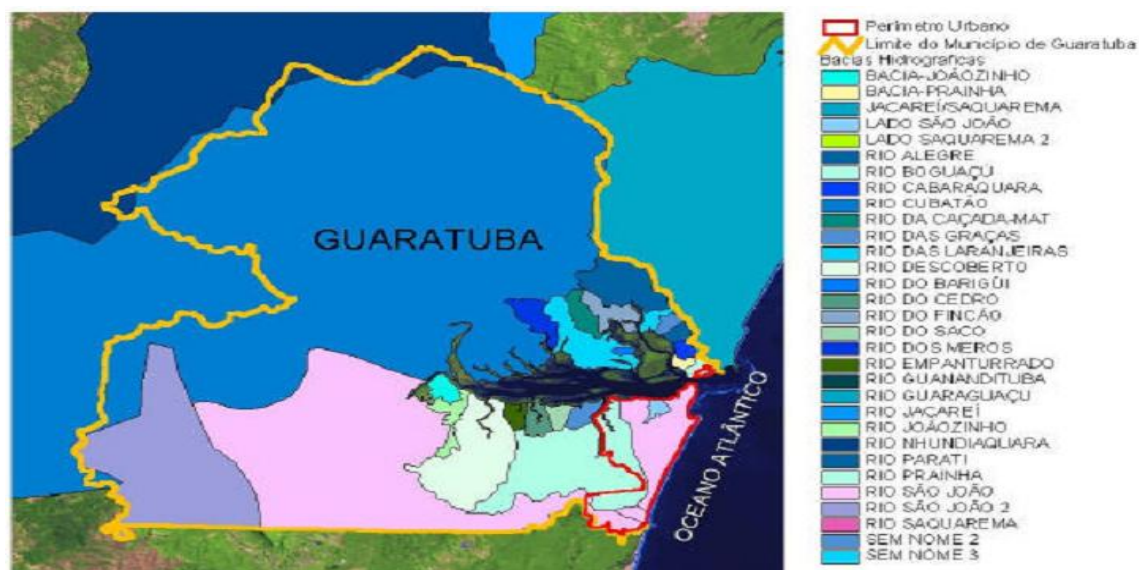


FIGURA 7 – BACIAS HIDROGRÁFICAS DO MUNICÍPIO DE GUARATUBA.
 FONTE: CONSELHO DO LITORAL (2002, p. 20).

3.2.6 Unidades de Conservação

O litoral paranaense, cujo patrimônio natural é de grande expressão, tem no Tombamento da Serra do Mar o primeiro ato institucional de reconhecimento de seu valor ambiental, único e especial. Ocorrido em 25 de julho de 1986, esse tombamento é um marco na cultura preservacionista paranaense (PARANAGUÁ, 2010). Com área total de 376 mil hectares, o perímetro de Tombamento inicia no cruzamento da Rodovia Garuva - Cubatão, na divisa do Estado do Paraná e Santa Catarina, e inclui áreas dos municípios de Guaratuba, Matinhos, Paranaguá, Morretes, Antonina, e Guaraqueçaba (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Mas como explicou Rodolfo Ângulo na época (1987), responsável pela equipe técnica que realizou o trabalho de delimitação da área de tombamento, “a Serra do Mar não tem limites precisos, é uma denominação geográfica regional que não tem, necessariamente, um limite físico definido.”⁶⁰

O Bioma Floresta Atlântica, onde está situada a Serra do Mar, foi reconhecido internacionalmente no ano de 1993, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, por decisão do Bureau do Conselho

⁶⁰ Extraído do livro “Cadernos de Tombamento da Serra do Mar”, Secretaria de Estado da Cultura. Curitiba, 1987, p. 84.

Internacional de Coordenação do Programa o Homem e a Biosfera. Dessa forma, foi criada a Reserva da Biosfera da Floresta Atlântica⁶¹, englobando áreas do litoral paranaense, São Paulo e Rio de Janeiro (SEMA, 2001). Essa mesma fonte ainda relata que essa área integra a Rede Internacional das Reservas da Biosfera, pelo reconhecimento de sua biodiversidade, identidade histórica e cultural e equilíbrio ecológico da Serra do Mar e de sua paisagem.

Em face da elevada qualidade paisagística do seu território, a singularidade de sua baía e de seus rios, a diversidade biológica e a excepcionalidade dos complexos florestais de restingas e manguezais que exigem proteção, Guaratuba possui três Unidades de Conservação, conforme Conselho do Litoral (2002): Área de Proteção Ambiental, Parque Estadual do Boguaçu, Parque Nacional de Saint Hilaire/Lange (FIGURA 8).



FIGURA 8 – LOCALIZAÇÃO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO EM GUARATUBA
FONTE: CONSELHO DO LITORAL (2002, p. 81).

No que se refere à esfera municipal, o local conhecido como Lagoa do Parado e seus afluentes, no ano de 1996, foi declarado de utilidade pública para fins de implantação do Parque Municipal da Lagoa do Parado (GUARATUBA, 2013b).

⁶¹ Reserva da Biosfera é um modelo, adotado internacionalmente, de gestão integrada, participativa e sustentável dos recursos naturais, com os objetivos básicos de preservação da diversidade biológica, o desenvolvimento de atividades de pesquisa, o monitoramento ambiental, a educação ambiental, o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida das populações. – Lei Federal 9985/00.

Na sequência são apresentadas as áreas de conservação pertencentes ao município de Guaratuba.

3.2.6.1 Área de Proteção Ambiental – APA de Guaratuba

Conforme dados de Guaratuba (2013b), a APA de Guaratuba, declarada como área de proteção ambiental em 27 de março de 1992, através do Decreto Estadual n.1234, tem como objetivo resguardar os aspectos biológicos, cênicos e culturais de uma extensão aproximada de 199.596,50 hectares de Floresta Atlântica e ecossistemas associados (FIGURA 9). Seu perímetro inicia na linha de Tombamento da Serra do Mar e abrange parte dos municípios de Guaratuba, Matinhos, Tijucas do Sul, São José dos Pinhais e Morretes (GUARATUBA, 2013b).

De acordo com Conselho do Litoral (2002), a APA de Guaratuba tem como objetivo compatibilizar o uso racional dos recursos ambientais da região e a ocupação ordenada do solo e, além desses, proteger a rede hídrica, os remanescentes da Floresta Atlântica e de manguezais, os sítios arqueológicos e a diversidade faunística. Objetivou-se também, com a criação da APA de Guaratuba, disciplinar o uso turístico e garantir a qualidade de vida das comunidades caiçaras e da população local, já que essa APA abrange aproximadamente 98% da área territorial rural de Guaratuba e mais 24 loteamentos urbanos.

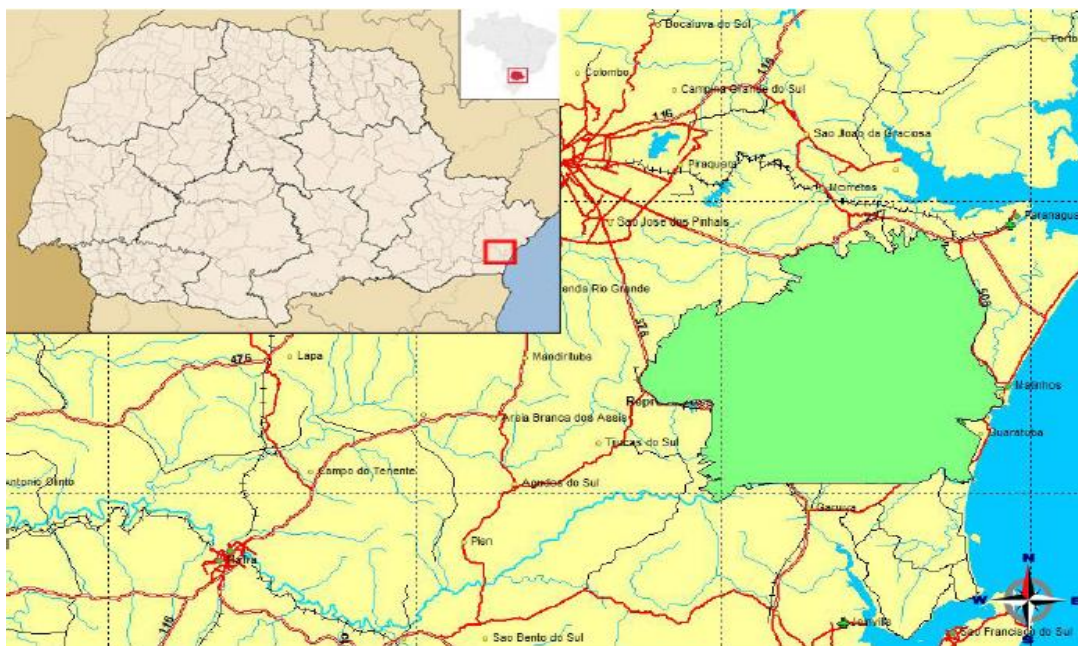


FIGURA 9 – LOCALIZAÇÃO DA APA DE GUARATUBA NA PLANÍCIA LITORÂNEA DO ESTADO DO PARANÁ, ESCALA 1: 20.000.000
 FONTE: IAP (2013).

Conforme o Instituto Ambiental do Paraná - IAP (2010), o Decreto de criação da APA estabelece a necessidade de Zoneamento de Uso e Ocupação para área e proíbe a implantação de atividades industriais potencialmente poluidoras, capazes de afetar mananciais de água e o complexo estuarino da baía. O IAP (2010) ainda remete à elaboração de Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental – EIA/RIMA, à abertura de vias de comunicação, canais e projetos de urbanização, visando ao controle do potencial poluidor das atividades de uso humano.

De acordo com o Plano de Manejo⁶² da APA de Guaratuba (PARANÁ, 2006), é vedada a realização de obras ou atividades que importem em alteração das condições ecológicas, erosão das terras e/ou assoreamento da rede hídrica; além disso, proíbe-se o uso de biocida, quando em desacordo com as técnicas e normas vigentes. Esse Plano de Manejo não permite a construção de edificações que não comportem, simultaneamente, tratamento primário do esgoto e captação de água para abastecimento, quando não houver rede de coleta e tratamento de esgoto e

⁶² De acordo com a Lei Federal 9985/00, Plano de Manejo é o documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade.

rede de abastecimento de água. Também está proibida a retirada de areia e material rochoso e não é admitido construções de qualquer natureza, exceto embarcadouros, nos terrenos da marinha e acrescidos. (IAP, 2010).

A competência legal e a administração da APA de Guaratuba são da Diretoria de Biodiversidade e Áreas Protegidas - DIBAP, do Instituto Ambiental do Paraná – IAP (CONSELHO DO LITORAL, 2002).

3.2.6.2 Parque Estadual do Boguaçu

Conforme dados fornecidos por Guaratuba (2013b), o Parque Estadual do Boguaçu, que foi criado pelo Decreto Estadual 4.056, de 26 de fevereiro de 1998, possui uma área de 6.052 ha e tem por objetivo assegurar a preservação dos ecossistemas de manguezal e restinga do entorno do Rio Boguaçu e Boguaçu Mirim. Esse parque está localizado nos limites das atuais áreas urbanizadas, incluindo partes de nove loteamentos regularmente aprovados (GUARATUBA, 2013b). Os loteamentos atingidos pelo Parque Estadual do Boguaçu são: Jardim Village, Jardim dos Estados, Jardim Rosana, Nereidas de Guaratuba, Nereidas 2, Nereidas 3, Nereidas Novo, Nereidas 4 e Cidade Balneária Brejatuba. (FIGURA 10) (CONSELHO DO LITORAL, 2002).



FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL DO BOGUAÇU
 FONTE: CONSELHO DO LITORAL (2002).

O Parque Estadual do Boguaçu, além da importante função de preservação dos ecossistemas de mangue e restinga, poderia se constituir também em equipamento urbano de lazer e cultura, voltado para a conscientização da comunidade da importância e notabilidade da paisagem litorânea (SCHEUER, 2010b).

Segundo contido em Conselho do Litoral (2002), o Parque Estadual não possui Plano de Manejo, é considerado uma UCUS (Unidade de Conservação de Uso Sustentável) e a competência legal de sua administração é da Diretoria de Biodiversidade e Áreas Protegidas - DIBAP, do Instituto Ambiental do Paraná (IAP).

3.2.6.3 Parque Nacional Saint Hilaire/Lange

Conforme dados fornecidos pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio (2010), o parque Nacional Saint Hilaire/Lange foi criado pela Lei Federal n. 10.227, de 23 de maio de 2001, e tem como objetivo proteger e conservar os ecossistemas da Floresta Atlântica e o equilíbrio ambiental dos

balneários e comunidades; além disso, objetiva ainda, a proteção dos mananciais de abastecimento público e a conservação da qualidade de vida das populações litorâneas. Situa-se na porção sul da Serra do Mar, no maciço da Serra da Prata, com altitudes que variam de 50 até 1460 metros, de beleza cênica expressiva (ICMBio, 2010). A mesma fonte menciona que o sistema vegetacional desse parque é composto por uma Floresta Ombrófila Densa (Submontana, Montana e Altomontana). Situado entre as latitudes sul 25°32'19" e 25°32'49" e longitudes oeste de 48°41'52" e 48°32'23", abrange partes do município de Guaratuba, Matinhos e Paranaguá, estando a sua sede administrativa em Matinhos. (ICMBio, 2010).

O Parque Nacional de Saint Hilaire/Lange, também chamado de Parna Saint Hilaire/Lange (FIGURA 11), foi criado há 13 anos, mas não um possui Plano de Manejo. A competência de sua administração, que era do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), está atualmente a cargo do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (ICMBio, 2010).

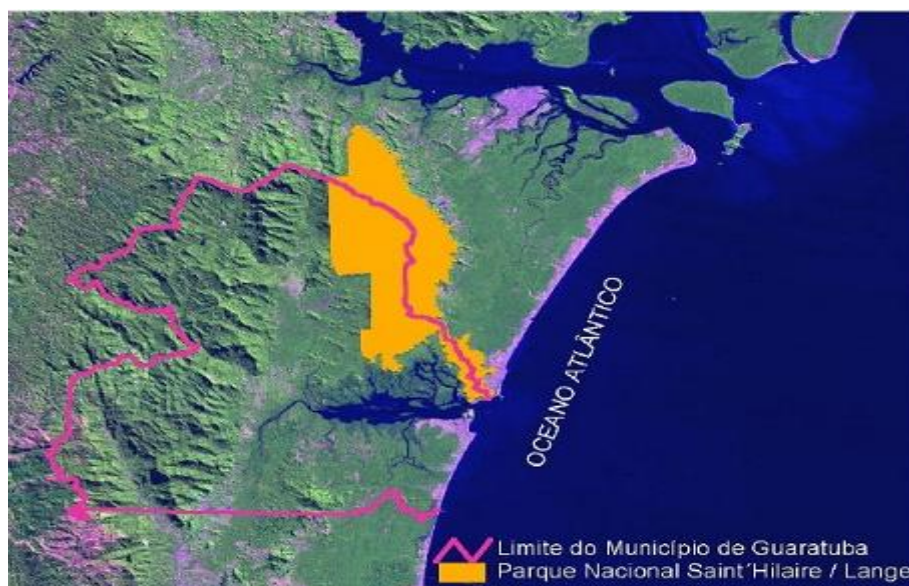


FIGURA 11 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NACIONAL SAINT HILAIRE/LANGE
FONTE: CONSELHO DO LITORAL (2002).

3.2.6.4 Parque Natural Municipal da Lagoa do Parado

Conforme dados fornecidos por Guaratuba (2013b), em 10 de dezembro de 1996, o Decreto Municipal n.1.626 declarou de utilidade pública a área que abrange a Lagoa do Parado e seus afluentes para fins de implantação do Parque Natural

Municipal da Lagoa do Parado. A Lagoa do Parado, considerada berçário natural de organismos marinhos, possui uma paisagem diferenciada. Situada nas coordenadas médias no sistema de projeção UTM – 730.000 e 7.150.000 – essa Lagoa está inserida no ecossistema Floresta Atlântica. (GUARATUBA, 2013b).

De acordo com Conselho do Litoral (2002), para a efetiva implantação do Parque Municipal da Lagoa do Parado (FIGURA 12) se fez necessário estabelecer regulamentação específica e definição do seu perímetro. A declaração de utilidade pública da área abrangida pela Lagoa foi o marco para a concretização de uma importante Unidade de Conservação de caráter municipal. (CONSELHO DO LITORAL, 2002).



FIGURA 12 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL DA LAGOA DO PARADO
FONTE: CONSELHO DO LITORAL (2002).

Após apresentar a história e as características físico-ambientais de Guaratuba, serão demonstrados na sequência dados sobre a infraestrutura básica, sobre a socioeconomia e sobre o turismo no município.

3.2.7 Caracterização da infraestrutura básica do Município de Guaratuba

A partir de dados fornecidos por Guaratuba (2013b), faz-se a seguinte análise: a área central de Guaratuba tem a maior concentração de equipamentos e

serviços, possuindo rede coletora de esgoto, abastecimento de água, ruas pavimentadas e sinalizadas. Ainda a partir dessa mesma fonte, considera-se que nas áreas rurais as infraestruturas são as estradas vicinais de leito natural, compondo um emaranhado de vias, com pouca ou nenhuma sinalização, dificultando para quem não as conhece o deslocamento entre as diversas localidades do município. Também se percebe que as escolas rurais, sendo a maioria de ensino fundamental do primeiro ao quarto ano, estão localizadas nas principais comunidades: Descoberto, Alto da Serra, Caovi, Empanturrado, Limeira, Parati, Pedra Branca, Potreiro, Rasgadinho, Rio Bonito, Riozinho, Pirizal, Três Barras e Cubatão.

Os dados provenientes de Guaratuba (2013c) revelam também que a baía de Guaratuba e a longa faixa de praia, que se estende de Caieiras até o limite sul do município, são os principais locais de turismo e lazer e que esses pontos turísticos induzem o crescimento urbano ao longo das faixas de praia e no entorno sul da baía. Constata-se que essa ocupação se caracteriza por um adensamento marcadamente horizontal.

Dentre as obras construídas para atender esse crescimento estão: a captação de água para o abastecimento urbano, que é feita no Rio do Melo, localizado no Morro do Melo; o aterro sanitário municipal, localizado na bacia do Rio Boguaçu; a estação para o tratamento do esgoto – ETE, situada na porção centro-sul da área urbana entre a Avenida Paraná e Rua Afonso Pena. (GUARATUBA, 2013b).

Não tão próxima da área urbana central, está a comunidade do Cabaraquara, localizada ao norte da baía, que conta com estradas vicinais que acessam a PR-412, ligação pavimentada dessa comunidade ao município de Matinhos, onde se localizam os principais serviços dos quais a população do Cabaraquara faz uso (CONSELHO DO LITORAL, 2002).

3.2.8 Caracterização socioeconômica do município de Guaratuba

Por ser um município considerado turístico e de prestação de serviços, os setores primários e secundários são menos relevantes, mas têm a sua participação na economia de Guaratuba. As atividades agrícolas que apresentam um número

expressivo, segundo o IPARDES (2013a), é a aquicultura, a lavoura permanente (arroz, banana, cana de açúcar, feijão, mandioca, milho e tangerina), a pecuária e a criação de outros animais.

No que diz respeito à produção industrial, o município recebe os *royalties* do governo federal, como forma de compensação financeira pela produção de petróleo e outros minerais (IPARDES, 2013a). O setor industrial de Guaratuba está presente em todo o município através das atividades ligadas à construção civil, que representam aproximadamente 70% dos estabelecimentos industriais do município (IPARDES, 2013a). Há também, de acordo com essa fonte, uma ligeira diversificação para o ramo mobiliário, particularmente marcenaria, serralheria, alumínio, e fabricação de alguns produtos alimentares.

Quanto à educação, segundo dados do IPARDES (2013a), em 2013, o município possuía aproximadamente 8.938 alunos entre o ensino infantil e o ensino médio e aproximadamente 308 alunos matriculados nos dois estabelecimentos de ensino superior (particulares).

No que se refere ao abastecimento, conforme dados de 2012, 24.498 habitantes estavam sendo atendidos pela Copel (energia elétrica), 18.948 possuía água tratada (SANEPAR) e 8.917 faziam uso da rede de esgoto interligada ao sistema (SANEPAR), o que demonstra que menos da metade das pessoas que possuíam água tratada usufruíam da rede de esgoto, fato que pode justificar a poluição de rios e mares. (IPARDES, 2013a).

Guaratuba possui o 4º IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano) do litoral do Paraná, correspondendo a 0,717, e uma densidade demográfica de 25,85 hab/km² (IPARDES, 2013a). No *raking* do IDH-M do litoral paranaense, Paranaguá encontra-se em 1º lugar com índice de 0,750, seguido por Matinhos com 0,743 e em 3º lugar está Pontal do Paraná com 0,738 (IPARDES, 2013a). De acordo com o Censo do IBGE (2010), a renda *per capita* no município era de R\$ 682,24 (Valor de referência: R\$ 510,00 – salário mínimo em 2010).

Conforme IPARDES (2013c), nas atividades comerciais predominavam aquelas voltadas para a comercialização de alimentos, respondendo a praticamente 50% do total dos estabelecimentos comerciais cadastrados no município; há ainda o destaque para o setor da construção civil, representado pelos estabelecimentos que comercializam materiais de construção, dado os contínuos investimentos na construção e reformas de edificações. Na configuração do comércio local, destaca-

se a presença de supermercados, farmácias, lojas de vestuário, artigos de praia e postos de combustíveis (IPARDES, 2013c).

No que se refere à oferta de serviços, nota-se uma maior diversificação, embora a natureza do serviço prestado alinhe-se às características gerais do município. Neste sentido, constata-se que predominam os serviços voltados à hospedagem e alimentação, reparação, conservação, limpeza e diversão pública (GUARATUBA, 2013a).

Para IPARDES (2013c), o setor terciário, que é a base da economia guaratubana, encontra-se estruturado para atender a atividade de veraneio com lojas de materiais de construção, condomínios náuticos, bares e restaurantes, panificadoras, aviários, autopeças, distribuidoras de bebidas, açougues, farmácias, vídeo locadoras, academias de ginástica, dentre outros.

O envolvimento da comunidade com o turismo em Guaratuba iniciou-se nas décadas de 1950 e 1960, quando os primeiros veranistas, vindos de Curitiba e Norte do Paraná, passaram a frequentar as praias do litoral do Estado, viagens facilitadas pela construção de rodovias como a BR-277 e BR-376 (CONSELHO DO LITORAL, 2002). A partir deste momento, começou a interrelação entre turistas e comunidade local, iniciando, desta forma, o turismo de segunda residência e, principalmente, a prestação de serviços, bem como, jardinagem, serviços domésticos, comércio de produtos caseiros, de produtos da pesca e de pequenos serviços. (SCHEUER, 2010a).

3.2.9 Turismo e Lazer

Pode-se afirmar que Guaratuba é um município turístico e com potencial ao crescimento dessa atividade. Suas paisagens e ecossistemas, de relevante biodiversidade, são vistos pela legislação em vigor como sendo especiais para fins de proteção (CONSELHO DO LITORAL, 2002). O oceano, as faixas de praia, a baía, o complexo estuariano, as serras, os morros e a vegetação de grande diversidade compõem um cenário expressivo, e indicam um território que é principalmente utilizado para o turismo e às atividades ligadas a ele. (SCHEUER, 2010b).

Em Guaratuba, o turismo de massa tem como principal atividade o lazer e a recreação nos seus 15 km de praia, ou seja, o “turismo de sol e praia” que se

estende desde a localidade de Caieiras até a Barra do Saí; inclui-se ainda a Prainha, balneário situado ao norte da baía de Guaratuba (SCHEUER, 2010a). Com faixas que variam de 6 a 280 metros de largura, as praias guaratubanas são os maiores atrativos do turismo e geração de atividade econômica na temporada de verão no município (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Ainda, verifica-se que Guaratuba apresenta uma diversidade de ambientes cujo potencial turístico é relevante, ressaltando-se por seu grau de importância o complexo estuariano da baía e, em especial, o Rio Boguaçu e seus afluentes.

3.2.10 Atrativos Turísticos

Quanto aos atrativos turísticos, Guaratuba é um município com muitas praias, eventos locais, lugares religiosos, rios, quedas d'água, com condições para a prática do turismo náutico, ecológico, de pesca e até mesmo de aventura. A seguir serão apresentados alguns atrativos para ilustrar a potencialidade do município.

3.2.10.1 Praia de Caieiras, Encantadas ou dos Amores

Conforme dados de Guaratuba (2013b), a praia de Caieiras – também conhecida como Encantadas ou dos Amores (FIGURA 13) – localiza-se entre a ponta do Johnscher e as pedras de Caieiras (Praia do Prosdócimo), com acesso rodoviário pela PR-412, e hidroviário pela baía, possuindo 1 km de extensão e é própria para a pesca de arremesso. Esse bairro originou-se de uma colônia de pescadores, que ainda são maioria entre os seus habitantes. Das pedras, quando a maré está baixa, pode-se ver a proa do Vapor São Paulo que encalhou quando voltava da Guerra do Paraguai, em 1868. Esse vapor era comandado pelo então marido da compositora e pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Jacinto Ribeiro do Amaral que era Oficial da Marinha Imperial Brasileira (GUARATUBA, 2013b).



FIGURA 13 – PRAIA DE CAIEIRAS
FOTO: SCHEUER (Outubro, 2013)

3.2.10.2 Praia Prosdócimo

A Praia Prosdócimo (FIGURA 14) inicia-se nas pedras de Caieiras prolongando-se até o Hotel Villa Real. Nela começa a Avenida Atlântica. Sua extensão forma uma meia lua e segue em direção ao Morro do Cristo (GUARATUBA, 2013b).

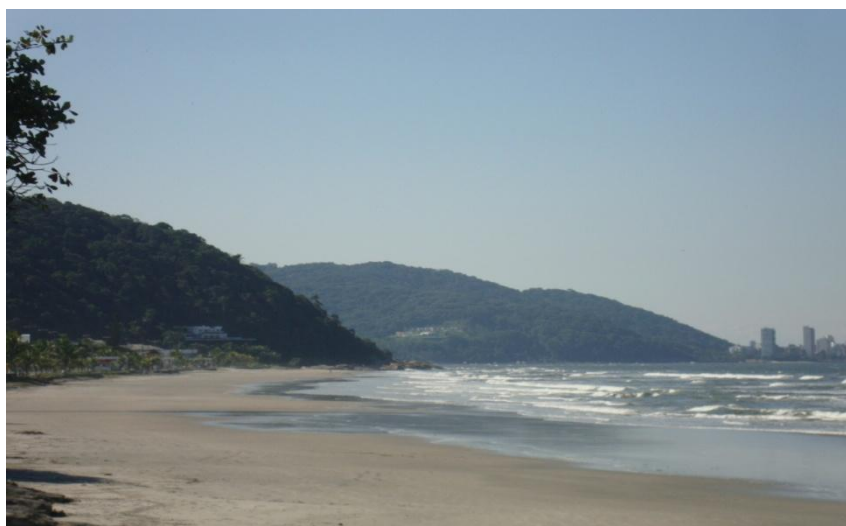


FIGURA 14 – PRAIA PROSDÓCIMO
FONTE: SCHEUER (2010b)

3.2.10.3 Praia Central

Com o início no Hotel Villa Real e prolongando-se até o Morro do Cristo, a Praia Central é também conhecida como as praias do Cristo, dos Pescadores e dos Turcos (GUARATUBA, 2013b). Praia de meia enseada, localizada no final da Avenida Atlântica, ideal para banhistas, pois tem mar calmo e é nela que se encontra o Morro do Cristo, bastante procurado pelos turistas (GUARATUBA, 2013b). Conforme observações da autora, em 2009, a Praia Central (FIGURA 15), passou por um pequeno processo de revitalização, mas em 2010 sofreu com a ressaca que destruiu boa parte do seu muro de contenção e atualmente (2015), encontra-se adequada para atender os turistas, pois passou por um novo processo de revitalização no final de 2014.



FIGURA 15 – PRAIA CENTRAL
FOTO: SCHEUER (Agosto, 2013).

3.2.10.4 Praia do Brejatuba

Conforme dados de Guaratuba (2013b), a Praia do Brejatuba é uma praia de mar aberto, com águas bastante agitadas e vegetação natural preservada. Em direção ao sul, após o Morro do Cristo, há 14 km de praia onde cada balneário recebe uma denominação como: Estoril, Bonança, Eliana, Nereidas, Cidade

Balneária, Santa Helena, Coroados e Barra do Saí, divisa com Santa Catarina. A praia do Brejatuba (FIGURA 16) se destaca pelos campeonatos de *surf* que nela são realizados no decorrer do ano; com ondas médias de oito pés, pratica-se também a pesca de arremesso (GUARATUBA, 2013b).



FIGURA 16 – PRAIA DO BREJATUBA
FOTO: SCHEUER (2013).

3.2.10.5 Morro do Brejatuba/ Morro do Cristo

A inauguração da estátua do Cristo no morro do Brejatuba/Cristo, segundo Guaratuba (2013b), aconteceu em 23 de junho de 1953. A imagem foi fundida por João Fedatto e seu filho Iswaldo, partindo de uma fotografia. Fizeram o molde de barro, com um metro de altura; em seguida, outro de gesso e cimento na obra final. A estátua foi feita em dez anéis para que se pudesse levá-la com mais facilidade ao alto do morro (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Conforme dados de Guaratuba (2013b), durante o transporte, feito em cima de talhas de madeira, para o cume do morro, três desses anéis despencaram e foram levados para Curitiba para serem reparados e, após a recuperação, a imagem foi retocada e executada com cimento, já aumentada para o tamanho definitivo. A estátua foi um presente e uma homenagem da viúva do professor João Cândido Ferreira, Senhora Josefa Amaral Ferreira (sua participação para execução da obra foi das mais importantes) (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Toda a família de Josefa participou do ato inaugural, demonstrando muito entusiasmo pelo que se estava oferecendo à cidade

de Guaratuba. O ato ocorreu no ano do centenário de emancipação política do Paraná, cujo governador era Bento Munhoz da Rocha Netto (GUARATUBA, 2013b).

Em 13 de maio de 2000, houve uma revitalização da imagem. Neste trabalho, ela foi deslocada de sua base original (deixando de ser voltada para a baía de Guaratuba e voltando-se para a cidade), ganhando um pedestal de 6,5 metros de altura, dentro do qual há uma sala da memória e um oratório e, no alto do pedestal, um mirante (CONSELHO DO LITORAL, 2002). Segundo dados de Guaratuba (2013b), mais de 1.500.000 pessoas já visitaram este atrativo desde a sua inauguração; no coração da imagem foi colocado um frasco contendo água benta.

O Morro do Brejatuba/ Morro do Cristo é um mirante natural, com 38 metros de altura, oferece uma visão ampla do Oceano Atlântico e uma vista privilegiada de toda a região. O acesso ao morro é feito por uma escadaria de 199 degraus (GUARATUBA, 2013b). Ainda consta que no alto do morro (FIGURA 17), a imagem do Cristo Redentor, com 8,30m de altura, mantém um braço estendido em direção à cidade, em sinal de bênção, e outro sobre o corpo, com a mão no coração.



FIGURA 17 – MORRO DO CRISTO
FONTE: SCHEUER (2010b).

3.2.10.6 Baía de Guaratuba

Segundo dados de Guaratuba (2013b), a baía de Guaratuba é um estuário encaixado na planície costeira do litoral do Paraná e é a segunda maior do Paraná. Com 48,72 km² de extensão, por ela é feito o acesso entre Matinhos e Guaratuba, pela travessia com o *ferry-boat*. Ainda segundo essa mesma fonte, a baía de Guaratuba (FIGURA 18) é própria para passeios de barco, pesca e esportes náuticos, além de ser rica em fauna e flora e é uma área de proteção ambiental. Era pela baía, o único acesso que a comunidade dispunha para chegar à "Vila de Guaratuba", no começo da colonização do município (MAFRA, 1952). Na área que circunda a baía, ocorre uma agricultura intensiva através do cultivo de banana, com alta tecnologia de produção (GUARATUBA, 2013b).



FIGURA 18 – BAÍA DE GUARATUBA
FOTO: SCHEUER (Outubro, 2013).

3.2.10.7 Salto Parati

Ao fundo da Baía de Guaratuba, ao pé da Serra do Mar, há o Rio Parati, ladeado pela mata Atlântica totalmente preservada. De acordo com dados de Guaratuba (2013b), a melhor opção de acesso a esse rio é pela baía, utilizando barcos de pequeno porte para os passeios até o Salto (FIGURA 19). Os passeios

são realizados durante o ano todo (principalmente durante o verão) e o trajeto de barco leva 25 minutos do centro pela baía até o Rio Parati, aportando em um local chamado Porto. Após aportar, faz-se necessária uma caminhada de 40 minutos, por trilhas de vegetação nativa e paisagens típicas do litoral. O caminho passa por várias casas de moradores locais e por um Sambaqui - depósitos de conchas, restos de cozinha e esqueletos acumulados por tribos indígenas que habitavam o litoral, algumas delas há mais de 5 mil anos (GUARATUBA, 2013b).

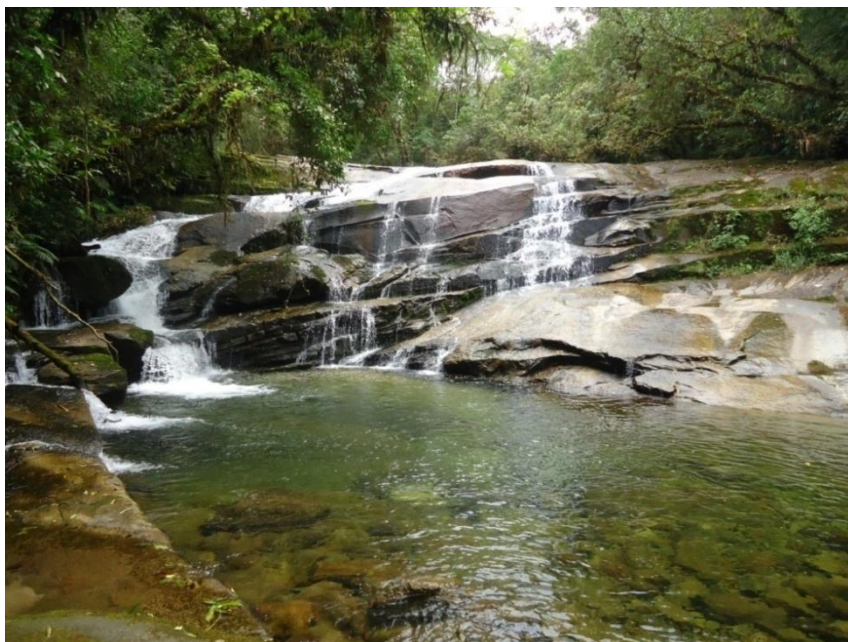


FIGURA 19 – SALTO PARATI
FOTO: SCHEUER (Outubro, 2011).

Guaratuba ainda conta com outros atrativos de menor relevância, mas que são procurados frequentemente pelos turistas, como Largo Nossa Senhora de Lourdes, Largo da Carioca, o Bairro do Cabaraquara, que se localiza do outro lado da Baía de Guaratuba, a região do Rio Cubatão, a Barra do Saí, as Ilhas, e atrativos histórico-culturais, bem como: a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso, tombada pelo Patrimônio Artístico Nacional, e o Casarão do Porto, construção do século XVIII, localizado na Praça dos Namorados (GUARATUBA, 2013b).

3.2.11 Eventos

Constata-se que o município possui vários eventos durante o ano e, principalmente, na temporada de verão. Acontecem eventos na praia, encontros musicais, náuticos, dentre outros. Os eventos mais relevantes e tradicionais de Guaratuba são a Festa do Divino e o Carnaval, conforme dados fornecidos por Guaratuba (2013c).

A Festa do Divino acontece na igreja matriz. Fronteiro ao Altar de São Luiz, o Altar do Divino Espírito Santo traz uma imagem que foi encontrada por um devoto que a levou para ser banhada na Fonte do Itororó (Largo Nossa Senhora de Lourdes), sendo depois recolhida para a igreja. Como consequência, posteriormente, essa fonte passou a ter valor de curas, que os devotos ainda cultuam (GUARATUBA, 2013b).

Os dados a seguir sobre a festa do Divino foram coletados junto à Diretoria de Turismo de Guaratuba em 2013. O Divino Espírito Santo é festejado em Guaratuba todos os anos na segunda quinzena do mês de julho. A festa, que reúne grande número de fiéis, é previamente anunciada pelas Bandeiras Branca e Vermelha, da Santíssima Trindade e a do Divino Espírito Santo, respectivamente. Elas saem pelos sítios, levando cada uma, quatro foliões, que compõem o bando e que são: o mestre, o contra, o rabequista e o triple, com os instrumentos, respectivamente, a viola, o tambor e a rabeca. Começam as Bandeiras a sua peregrinação pelos sítios e povoados distantes, recebendo donativos para o custeio das despesas da festa, em data que se fixou em 3 de maio de cada ano, dia de Santa Cruz. (GUARATUBA, 2013b). A aproximação é anunciada pelo toque simbólico do tambor, passando, ao aproximar-se da casa, ao som da cantoria. A dona da casa vai então ao seu encontro, recebendo a bandeira do seu condutor, leva-a para o interior da casa onde, ao chegarem os Foliões, com a música dos seus instrumentos, cantam o verso iniciado pelo mestre, que é acompanhado pelo Contra e o Triple (GUARATUBA, 2013 b).

São 10 dias de festa que proporcionam aos visitantes espaços com vários tipos de produtos, apresentações musicais e de dança e uma feira gastronômica. O evento acontece na Praça Coronel Alexandre Mafra, em frente à Igreja Matriz. Além do que é oferecido no evento, os devotos participam de orações e novenas diariamente (GUARATUBA, 2013 b).

No município, ainda ocorrem outros eventos fora da temporada de verão, como é o caso da “Paixão de Cristo”, outras festas religiosas e também eventos esportivos, sendo que estes não fazem parte do calendário de eventos fixos: Festa de São Joaquim – agosto; Feira Caiçara – setembro; Festa de São Francisco de Assis - Final de Setembro; Festa de Dança Primavera – setembro; Festa de Santo Antônio – junho; Festa Perpétuo Socorro – junho; Festa Junina Municipal - final de junho; Festa da Tainha – junho; Campeonato de Pesca ao Robalo – julho; Campeonato de pesca submarina – maio (GUARATUBA, 2014). Acrescenta-se ainda o boi de mamão⁶³, que acontece no interior do município. Conforme Furlanetto (2011), o Boi de Guaratuba foi constituído aproximadamente na década de 1960, quando o pai e alguns tios de Nelson Tobler, imigrantes de Santa Catarina, vieram residir no litoral paranaense. Apesar das dificuldades financeiras, a família continua mantendo viva essa tradição (FURLANETTO, 2011).

Outro evento relevante em Guaratuba é o Carnaval, que é um dos mais tradicionais do Paraná (GUARATUBA, 2013b). São cinco noites de folia nas ruas da cidade nas quais as pessoas têm a oportunidade de acompanhar os trios elétricos e a Guaratubanda (Banda de Guaratuba), que desfila sempre na noite de segunda-feira. O município recebe anualmente em torno de 300 mil foliões nos dias de festa (GUARATUBA, 2014). Algumas festas de carnaval também são promovidas por estabelecimentos privados que atraem milhares de pessoas. O carnaval é considerado o evento que encerra a temporada de verão (GUARATUBA, 2014).

3.2.12 Caracterização dos equipamentos e serviços de apoio ao turismo

Conforme dados fornecidos pelo IPARDES (2013c), Guaratuba possuía 936 estabelecimentos relacionados aos meios de hospedagem, alimentação, manutenção, reparo, radiodifusão e televisão. Em consulta à Diretoria de Turismo

⁶³ Boi de mamão: O espetáculo constitui uma espécie de ópera popular, resultante da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena, no qual o boi é a principal figura de representação. A temática se desenvolve, basicamente, em torno de um rico fazendeiro (elemento branco) cujo boi de estimação é roubado por Pai Francisco, negro escravo da fazenda, que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer a língua do boi. Pajés e curandeiros (elemento ameríndio) são convocados para reanimar o animal e, quando o boi ressuscita urrando, todos os brincantes cantam e dançam em redor do boi, em uma enorme festa para comemorar o milagre. FURLANETTO, B. H. Boi-de-mamão no litoral paranaense: que tradição é essa? **Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte**. Curitiba: Embap, 2011.

(2014) do município, chegou-se a conclusão de que Guaratuba possuía (catalogados) 13 hotéis, 2 motéis, 17 pousadas, 5 alojamentos para excursões, 4 *campings* e 7 associações recreativas, totalizando 48 meios de hospedagem, que trabalham o máximo de suas capacidades de carga durante 2 meses de temporada e que enfrentam ociosidade em outras épocas do ano. Verificou-se que, dos meios de hospedagem citados, nenhum hotel fechava fora de temporada de verão, mas que todos trabalhavam com um número menor de colaboradores, e muitos deles fechavam algumas alas e trabalhavam apenas com alguns apartamentos e que os motéis permanecem abertos durante todo o ano. Quanto às pousadas, 5 delas fechavam no início de maio, abrindo apenas para excursões até o mês de setembro. Os *campings* permanecem abertos, mas a demanda, segundo o Diretor de Turismo de Guaratuba “é quase zero”. Ainda conforme dados da Diretoria de Turismo (2014), estavam em processo de construção mais algumas pousadas.

Em consulta à Associação Comercial e Empresarial de Guaratuba - ACIG (GUARATUBA, 2013a), o presidente Vilmar Faria argumentou que os meios de hospedagem em época de baixa temporada ficam muito ociosos e onerosos, pois a manutenção desses equipamentos torna-se alta. Afirmou o presidente que a taxa de ocupação dos meios de hospedagem chega a quase 100% na alta temporada, 30% no máximo durante a baixa temporada (março, abril, julho, setembro, outubro e novembro) e nos meses de maio, junho e agosto, a ocupação não chega a 10%. Ainda, segundo ele, muitos empresários do ramo hoteleiro procuram a Associação para que esta promova a capacitação e qualificação de mão de obra e ajude o município a promover eventos para atrair mais visitantes em outras épocas do ano fora do verão.

Em 2014, conforme o Diretor de Turismo de Guaratuba, a cidade possuía mais de 30 restaurantes de relevância turística, todos trabalhando com almoço e jantar durante a temporada, mas após o carnaval apenas 12 restaurantes trabalhavam durante o ano todo com almoço e jantar, o restante ficando apenas com o almoço. Ele mencionou que desses, 5 fechavam em maio e reabriam apenas em setembro, outros 3 abriam apenas nos finais de semana e feriados. Já o presidente da ACIG argumentou que os proprietários de estabelecimentos de alimentação reclamam da falta de mão de obra qualificada e dizem ser muito difícil manter tais estabelecimentos abertos fora de temporada, pois a demanda da cidade fora de temporada é muito pequena para manter a estrutura necessária para a temporada.

Ainda de acordo com Guaratuba (2013c), o município possuía 5 empresas de transporte terrestre, todas trabalhando com receptivo na temporada (pouco), mas a principal demanda era a de estudantes que se deslocavam para outras cidades em busca de estudo e qualificação durante o ano letivo. “Como em Guaratuba a maioria dos visitantes possui transporte próprio ou se desloca com ônibus coletivo e/ou táxi, os serviços dessas empresas eram poucos utilizados na alta temporada”, conforme Senhor Nelson (2013), proprietário de uma empresa de transporte de pessoas. Havia também 4 empresas que faziam transporte náutico, segundo Guaratuba (2013c), mas que estas trabalhavam apenas na temporada de verão ou em passeios agendados. Ainda conforme a mesma fonte, havia no município 2 agências de turismo: uma delas trabalhando com receptivo durante a alta temporada e com emissivo durante o resto do ano, mas segundo a proprietária da agência, o fluxo fora de temporada é bem pequeno; quanto à outra, trabalhando apenas com emissivo, principalmente com viagens de compras e venda de pacotes aéreos e rodoviários.

Através desses dados, pode-se afirmar que a sazonalidade turística interfere economicamente na maioria dos estabelecimentos envolvidos com a atividade. Em Guaratuba, a queda da demanda turística afeta os pequenos e médios empresários, gerando um efeito multiplicador, ou seja, quando há demanda, há empregos, renda, atividades, estrutura, entre outros, por outro lado, quando não há, faltam empregos, renda, atividades e estrutura para os cidadãos.

3.2.13 Caracterização da demanda turística (verão) de Guaratuba

Conforme Guaratuba (2013c), a média de população flutuante dos últimos cinco anos no município, nos meses de temporada de verão, foi de aproximadamente 400.000 pessoas por ano enquanto que, segundo IBGE (2010), a população fixa do município era de 32.088 habitantes em 2010. Comparando tais dados, percebe-se que a população de Guaratuba aumenta em mais de dez vezes durante a alta temporada.

Os dados sobre demanda turística que vêm a seguir foram fornecidos pela Secretaria de Estado do Turismo, num estudo realizado sobre o Litoral do Paraná entre 2000 e 2006 e publicados em 2008, em um documento chamado “Região Turística: Litoral do Paraná em dados”, e analisados pela autora. Após este estudo a

Secretaria de Estado do Turismo, não publicou mais nenhum dado sobre a demanda em Guaratuba.

Conforme SETU – PR, o maior centro emissor de turistas para Guaratuba foi Curitiba, com média de 53% dos entrevistados, seguida de outras regiões do Estado do Paraná, com 32%, sendo, em sua maioria, do sexo masculino. Os estrangeiros representaram 2,0% do total; o automóvel foi o meio de transporte mais usado pelos turistas que visitaram Guaratuba, em todos os anos desse estudo, chegando a 91,7%, em 2002, e a casa própria foi o meio de hospedagem mais utilizado, principalmente em 2006 com 41,5%. A média de idade dos turistas em Guaratuba, no ano de 2006, foi de 39,7 anos (média semelhante em todos os anos de pesquisa) e a permanência média também foi bem semelhante em todos os anos, em torno de 8 dias; além disso, o gasto médio diário aumentou de US\$ 12,90, no ano 2000, para US\$ 23,10, em 2006 (SETU, 2008). Os dados ainda apontam que a maioria dos entrevistados mencionou não ser a primeira vez que visitava o município (92,3%) e procurava viajar para Guaratuba em família (63%) (SETU, 2008).

O item de infraestrutura com melhor avaliação, em 2006, foi o comércio urbano, com 82,9% de conceito como sendo bom. Destaca-se também a infraestrutura de acesso, que cresceu 74,3% na avaliação entre os anos de 2004 e 2006, e os itens que atingiram de maior reclamação por parte dos entrevistados foram o do saneamento básico e do atendimento realizado nos estabelecimentos de apoio e comércio (SETU, 2008).

A partir dessa análise da demanda turística, pode ser traçado o perfil bem específico dos entrevistados, ou seja, pais de família, que viajam em seus automóveis e se hospedam em residências próprias (caracterizando segunda residência), de classe média alta que visitam o litoral em férias escolares, feriados e finais de semana (clima agradável). A partir de tal análise, confirma-se o perfil do turista que denota a sazonalidade no município.

Na sequência deste estudo serão apresentados os procedimentos metodológicos, onde a autora demonstra a metodologia utilizada, bem como a pesquisa de campo, com a análise dos resultados obtidos, para posterior conclusão da tese.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na elaboração e construção desta tese, foram fundamentadas duas dimensões interligadas, conforme abordadas por Severino (1996): a dimensão técnica, que trata das regras científicas definindo um objeto, como abordá-lo e como escolher os instrumentos mais adequados para a investigação; e a dimensão ideológica relacionada com as escolhas de um pesquisador sobre um tema, o que pesquisar, qual base teórica utilizar e como pesquisar. Analisou-se, portanto, que é relevante a opção pessoal de um pesquisador, pois se acredita que o conhecimento científico é sempre cultural e socialmente condicionado ao momento histórico daquele que empreende a observação.

A metodologia aplicada nesta pesquisa teve como base a abordagem humanística em sua vertente fenomenológica em direção aos conceitos de turismo, percepção geográfica do turismo, paisagem, lugar e espaço vivido. Em se tratando de um estudo sobre percepção, verificou-se ser a abordagem fenomenológica pertinente ao focar o homem como sujeito, dotado não só de razão, mas de sentimentos, crenças e valores. Ao atribuir-se sentido a um espaço, agregam-se os conceitos de turismo, paisagem, lugar e espaço vivido, tornando a análise espacial mais abrangente, rumo às análises da percepção do local a partir de dois grupos sociais heterogêneos, os segundos residentes e os moradores de Guaratuba.

O ponto central deste trabalho foi analisar a percepção do turismo no município de Guaratuba, Litoral do Paraná, perpassando por uma análise histórica e tendo como foco as diferenças de atitudes de dois diferentes grupos: por um lado, os moradores e, por outro, os turistas que possuíam segundas residências no município. A escolha dos dois grupos se deu pelo motivo de considerar que supostamente estes poderiam desenvolver o sentimento topofílico, ou seja, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.” (TUAN, 1980, p. 5).

Para Tuan (1980, p.72), “o visitante e o morador focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável, os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do meio ambiente não têm, talvez, muita importância”. Isso o torna diferente do visitante que possui um segundo lar nesse lugar, pois, como o morador, este acaba criando vínculos e talvez percebendo o meio ambiente de forma mais profunda e,

consequentemente, dotando este lugar de valor. Para Tuan (1980), a percepção do visitante não regular se reduz a usar os olhos para compor quadros, ao contrário do morador que tem atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. Já os segundos residentes, como não são simples visitantes ocasionais, passam (provavelmente) a ter pelo lugar sensações e percepções parecidas com as dos moradores, e também por não viverem na localidade podem contribuir com um novo olhar.

O enfoque humanista adotado tem em Tuan seu foco central ao atribuir sentido a um “lugar”, revelando que há uma relação afetiva do indivíduo com este, marcada pelas suas experiências pessoais ligadas aos valores e ao modo como percebe o meio onde vive. Assim, algumas reflexões levaram a questionar (problematizar) como o ‘lugar’ estava sendo visto: se as transformações trazidas pelo turismo em Guaratuba eram bem-vindas, rejeitadas, ignoradas, ou necessárias? Como as pessoas percebiam as modificações no seu espaço de vivência? Qual a importância da paisagem para essas pessoas? Quais sentimentos e experiências emanavam estando nesse lugar? Tuan (1983) afirma que os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente (*insider*), e relações externas, próprias do turista (*outsider*).

Para Rapoport (1978, p. 42):

[...] os seres humanos percebem os problemas e as soluções possíveis de diferentes pontos de vista: ademais, definem suas necessidades básicas, utilizando critérios também diferentes, e igualmente respeitam os padrões, o meio ambiente ideal etc., já que dão significados distintos à densidade, privacidade etc. O meio ambiente percebido e os esquemas imaginativos em que estão estruturados conformam a essência das percepções das pessoas [...], existindo sempre um laço de união entre a percepção e o comportamento. (Tradução nossa⁶⁴).

A análise das atitudes de um indivíduo é essencial para o estudo da percepção. Fazio (1990) apresenta o conceito de atitude como uma associação entre um objeto (situações sociais, indivíduos, problemas sociais entre outros) e uma

⁶⁴ “[...] los seres humanos perciben los problemas y las soluciones posibles desde diferentes puntos de vista; además, definen sus necesidades básicas, bajo criterios también diferentes, e igualmente respecto a Standards, medio ambiente ideal, etc., ya que ortogan significados distintos a la densidad, privacidad, etc. O medio ambiente percebido y los esquemas imaginativos em los que este está estructurado, conforman la esencia de las decisiones de las personas [...], existiendo siempre un lazo de unión entre la percepción y el comportamiento.”

avaliação relativa a esse objeto, que se encontra armazenada na memória. (tradução nossa⁶⁵). Para Eagly e Chaiken (1993, p. 1), as atitudes são “tendências psicológicas avaliativas expressas através da avaliação de uma entidade particular envolvendo um certo grau de favor ou desfavor.” (tradução nossa⁶⁶). Assim, as atitudes referem-se às experiências subjetivas e expressam o posicionamento de um indivíduo ou de um grupo, construído a partir da sua história.

Diante disso, surgiram as seguintes hipóteses de estudo: a) Que os moradores e segundos residentes percebiam e se relacionavam com o ambiente de maneira diferente; b) Que para moradores e segundos residentes, a atividade turística modificava e muitas vezes destruía o espaço de vivência das pessoas; c) Que as atitudes de moradores e segundos residentes eram diferentes; d) Que o morador percebia nuances mais fortes do ambiente, valorizando-o, enquanto que o segundo residente tratava o lugar apenas como cenário para suas férias e momentos de lazer e descanso.

Considerou-se que compreender as percepções a respeito do turismo em Guaratuba poderia contribuir para que novos elementos fossem desvendados e incorporados na produção do espaço da localidade que experimenta as intervenções do turismo nas suas relações pessoais, familiares e profissionais.

Desta forma, o presente trabalho possuiu como objetivo geral realizar um estudo e analisar a percepção dos moradores e visitantes de segunda residência sobre o turismo no município de Guaratuba, litoral do Paraná, estabelecendo o sentimento topofílico e, a partir de tal análise, relacionar implicações do estudo da percepção para a ciência e para o município de Guaratuba. Nesse sentido, para atingir tais propósitos, fez-se necessário contemplar os seguintes objetivos específicos: a) Situar Guaratuba e suas características no contexto do estudo; b) Buscar uma reflexão conceitual sobre turismo, geografia cultural e humanista, fenomenologia, topofilia e percepção, paisagem, lugar e espaço vivido e delimitar até onde deveria estender a análise; c) Escolher as variáveis que qualificassem e justificassem as análises e as devidas considerações provenientes destas; d) Aplicar questionário a moradores e visitantes de segunda residência sobre suas percepções

⁶⁵ “An association between an object (social situations, individuals, social problems and others) and an evaluation related to the object, which is stored in memory.”

⁶⁶ “Evaluative psychological tendencies expressed by an evaluation of a particular entity including a degree of favor or disfavor.”

em relação ao turismo de Guaratuba; e) Compilar os dados coletados e analisá-los e; f) Estabelecer implicações do estudo da percepção relacionadas à ciência e ao município de Guaratuba.

Com relação aos objetivos, esta pesquisa pode ser considerada exploratória e descritiva, pois segundo Gil (2008):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo como vista a formulação de problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente, envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (GIL, 2008, p. 27).

Para Dencker (1998), este tipo de pesquisa é indicado para as fases de revisão de literatura, formulação do problema, levantamento de hipóteses, identificação e operacionalização das variáveis.

Segundo preceitos de Gil (2008, p. 28), esta pesquisa se caracteriza como descritiva, pois esse tipo de pesquisa

tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título, e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados.

Dencker (1998) afirma que a pesquisa descritiva é indicada para orientar a forma de coleta de dados quando se pretende descrever determinados fenômenos.

A pesquisa foi realizada por meio de documentação indireta, o que, segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 48), “é a fase da pesquisa realizada com o intuito de recolher informações prévias e que é feita de duas maneiras: pesquisa documental (ou de fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias)”. Também pode ser caracterizada como pesquisa bibliográfica, pois “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, pesquisas, livros [...]”, conforme Marconi e Lakatos (2008, p. 48).

Com base na bibliografia analisada, foram feitas as devidas comparações com o que foi visto em campo, ou seja, utilizando a pesquisa de campo, já que, para

Marconi e Lakatos (2008, p. 69), “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ ou conhecimentos de um problema, para o qual se procura resposta [...]”. Essas autoras observam ainda que “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes para analisá-los.” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 69). Portanto, pode-se dizer que a pesquisa também se caracterizou como documentação direta, que “constitui-se, em geral, no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem.” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 69).

Esta pesquisa adquiriu caráter qualitativo, exigindo a sensibilidade da pesquisadora para coletar e processar informações, confluindo para uma abordagem que permitiu aproximar-se da vida cotidiana das pessoas pesquisadas. Assim, o método escolhido foi o da investigação ação participativa - IAP (MARCONI; LAKATOS, 2008), também chamada pesquisa-ação. (GIL, 2008). A IAP está sendo cada vez mais utilizada pelos pesquisadores sociais (MARCONI; LAKATOS, 2008), pois o enfoque é diferente do método tradicional de se fazer investigação científica, uma vez que conceitua as pessoas (tradicionalmente consideradas como meros objetos de investigação) como sujeitos participantes da interação com os pesquisadores. (TORRES, 2006).

Para Thiollent (2005, p. 98), o termo pesquisa-ação poderia ser substituído por relatividade observacional, pois para ele a realidade não é fixa e o observador e seus instrumentos desempenham papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados. Dessa forma, o relacionamento entre pesquisador e pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos acabam se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a ideia de objeto que caberia somente às ciências naturais (DEMO, 1981).

Assim, de acordo com Marconi e Lakatos (2008), o objetivo da IAP é conseguir que o sujeito da investigação consiga se autoconhecer, transformar-se e também transformar a realidade estudada. A IAP interessa, de maneira especial, por dinamizar a capacidade do pesquisado para que ele assuma interativa, consciente, reflexiva e criticamente, o curso de sua vida, uma vez que os indivíduos e a comunidade vão se construindo a partir do reconhecimento que esta vai fazendo de si e de suas possibilidades e potencialidades (MARCONI; LAKATOS, 2008). É

importante que o investigador, desde o começo, envolva-se com a população ou comunidade a estudar, despertando a confiança no grupo e no interesse pela pesquisa, com o intuito de transformar a realidade, visando a sua melhoria (TORRES, 2006).

Com relação à metodologia de coleta de dados, neste estudo se trabalhou observação participante assistemática natural e com a aplicação de questionários estruturados com perguntas abertas. Este tipo de observação conta com a participação real do pesquisador com a comunidade. “O pesquisador se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro que está estudando e participa das atividades normais deste” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 79). E é assistemática, já que também em alguns momentos foi:

Espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. [...] não tem planejamento e controle previamente elaborados (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.77).

O que a caracteriza como assistemática é que o pesquisador não possui anteriormente algo determinado ou quais são aspectos relevantes a serem observados, nem mesmo quais meios serão utilizados para observá-los. E dentro da observação participante, ainda pode-se afirmar que esta é natural, pois conforme Gil (2008, p. 103), a observação natural acontece “quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga”. As observações realizadas entre 2011 e 2014 (em períodos de alta e baixa temporada) foram utilizadas na análise de conteúdo dos questionários aplicados a alguns segundos residentes e moradores.

Quanto aos questionários, estes são considerados estruturados com perguntas abertas, pois se acreditou que estas dariam suporte às questões de ordem subjetiva e qualitativa junto a uma pesquisa empírica participante, buscando mais elementos para a compreensão do modo de como os entrevistados percebiam o espaço e/ou lugar.

Quanto à amostragem, esta aconteceu por acessibilidade ou por conveniência, pois é um tipo de amostragem menos rigorosa, ou seja, “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.” (GIL, 2008, p. 94). Deste modo,

a amostragem se caracterizou por ser não probabilística intencional e, muito menos, por saturação.

Na amostragem não probabilística intencional, o pesquisador está interessado na opinião (ação, intenção, atitude etc.) de determinados elementos da população [...] ele não se dirige 'à massa', mas a elementos representativos da população que segundo o seu entender pela função desempenhada, cargo ocupado, prestígio social etc., ou até mesmo pelo interesse da pesquisa, possam fornecer as informações desejadas (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.38).

E por saturação, pois quando os resultados começam a ficar parecidos, o pesquisador deve ter a sensibilidade de iniciar as análises e parar a aplicação dos questionários. (MARCONI; LAKATOS, 2008).

Para pesquisa de cunho quantitativo, Gomes (2005) sugere que, para uma população de aproximadamente 50.000 habitantes, com nível de confiança de 95%, com *split* 80/20 e com margem de erro de 10% para mais ou para menos, o número de indivíduos a serem questionados seriam 61. Como este estudo foi de cunho qualitativo, e o interesse maior era coletar a percepção e a opinião das pessoas sobre certos fenômenos, acreditou-se que 60 questionários eram adequados para coletar dados necessários.

Neste caso foram aplicados 60 questionários, 20 para segundos residentes (APÊNDICE 1) há mais de 10 anos e 40 para moradores (APÊNDICE 2). Dos segundos residentes, 11 retornaram o questionário completamente respondido. Dos 40 moradores, 36 responderam os questionamentos, sendo 14 nativos, 17 que estavam morando há mais de 10 anos em Guaratuba e 5 que viviam há menos de 10 anos no município. Lembrando que todos os moradores questionados possuíam algum tipo de relação com o turismo no município. Os questionários foram respondidos entre março de 2014 e janeiro de 2015. E pelo tipo de amostragem escolhido, caso este total de questionário não alcançasse os objetivos pretendidos, a pesquisadora poderia ter aplicado mais.

A aplicação dos questionários aconteceu por acessibilidade e o critério para a escolha dos moradores foi possuir algum tipo de relação direta ou indireta com a atividade turística no município. E para os segundos residentes, o critério foi possuir segunda residência a mais de 10 anos no município e conhecer a pesquisadora há pelo menos 5 anos. Tanto os moradores quanto os segundos residentes entrevistados sabiam da pertinência da pesquisa e participaram não apenas

respondendo o que foi questionado, mas muitos estiveram abertos a conversar, tanto antes de responder o questionário, para tirar dúvidas, quanto ao retornar o questionário completo. A autora, ao entregar o questionário (sempre pessoalmente) fez as devidas explicações sobre o seu preenchimento e sobre o prazo de entrega. Fez questão de frisar a importância do preenchimento de todas as perguntas, solicitando que as pessoas fossem “bem profundas” em suas respostas. A grande maioria respondeu o questionário no mesmo dia, mas alguns entregaram no dia seguinte.

Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, considera-se que sua análise também seja denominada de qualitativa, pois esta ofereceu a oportunidade de se trabalhar com um conteúdo mais dinâmico e subjetivo que, quando formalizado, permite mais flexibilidade e intensidade na interpretação dos fatos, realizando análise de conteúdo baseada em Bardin (2011), que se organiza em três polos cronológicos: a) a pré-análise; b) a exploração do material e; c) o tratamento dos resultados e a interpretação. Para Bardin (2011), o material dito “qualitativo” fornece um material rico e complexo.

O primeiro polo cronológico, de acordo com Bardin (2011, p. 125) é a pré-análise, ou seja:

A fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso para o desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise.

Ainda esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. (BARDIN, 2011).

O segundo polo cronológico, de acordo com essa autora, é a exploração do material. Neste momento depois de uma pré-análise convenientemente concluída, a fase de análise propriamente dita nada mais é do que a aplicação sistemática das decisões tomadas em relação ao material coletado. Esta fase consiste essencialmente em operações de codificação, decodificação ou enumeração, organização etc. (BARDIN, 2011).

O polo seguinte é o tratamento dos resultados obtidos, a inferência e a interpretação. A partir dos dados brutos, o analista trata de maneira a tornarem-se

significativos e válidos para o trabalho como um todo. (BARDIN, 2011). Podendo ser demonstrados por meio de quadros, figuras, diagramas e modelos, ou até mesmo textos analíticos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. Com este material, o analista pode propor interpretações para alcançar os objetivos propostos. (BARDIN, 2011).

Dentro das seguintes categorias de análise, turismo, paisagem, lugar e espaço vivido, foram utilizadas estas variáveis de percepção, conforme Lowenthal (1985): visão, audição, tato, paladar e olfato. As variáveis de inferência que foram levadas em consideração durante as análises foram: atitude, cognição e valor (AMORIM, 2003). Esse pesquisador descreve atitude como o modo de se comportar ou agir através de uma disposição interna ou por circunstância determinada. Já cognição é o ato ou processo de conhecer, inclui estados mentais e processos como pensar, a atenção, o raciocínio, a memória, o juízo, a imaginação, o pensamento, o discurso, a percepção visual e audível, a aprendizagem, a consciência, as emoções (AMORIM, 2003). Amorim (2003) ainda acrescenta que valor é uma qualidade que confere às coisas, aos feitos ou às pessoas uma estimativa, seja ela positiva ou negativa. Para esta tese o conceito de valor segue a corrente filosófica do materialismo, pela qual a natureza do valor reside na capacidade do ser humano em valorizar o mundo de forma objetiva.

Por fim, buscou-se analisar as pesquisas e seus os resultados sob o enfoque fenomenológico em que se “analisa as percepções dentro de uma realidade imediata, buscando o significado e os pressupostos dos fenômenos sem avançar em suas raízes históricas para explicar os significados” (SEVERINO, 1996), como será apresentado a seguir nos tópicos pesquisa de campo e discussão dos dados coletados.

4.1 PESQUISA DE CAMPO

Para operacionalizar o objetivo e analisar a percepção dos moradores e segundos residentes, baseando-se nas suas atitudes e valores acerca do lugar e do turismo neste lugar e suas implicações para a ciência e para a cidade de Guaratuba, utilizaram-se os dados empíricos que foram coletados, por meio de aplicação de questionários e observação com uma amostragem por acessibilidade ou

conveniência. Em seguida esses dados foram interpretados e dialogados com os conceitos balizadores da ciência geográfica, através das categorias turismo, paisagem, lugar e espaço vivido com a finalidade de compreender a percepção do turismo no município em questão, palco de vivência e práticas cotidianas. Como relatado anteriormente, a pesquisa de campo foi realizada a partir de questionários estruturados com perguntas abertas, aplicados aos moradores e segundos residentes e de observação participante assistemática natural, cujas análises serão apresentadas a seguir.

4.1.2 Questionário aplicado aos segundos residentes

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com 22 perguntas, respondidas abertamente pelos indivíduos. (APÊNDICE 1). Os segundos residentes foram indagados inicialmente com nome, data de nascimento, nível de escolaridade, profissão, cidade de procedência, quanto tempo frequentava Guaratuba, o que o motivou a escolher Guaratuba como segunda residência. Na sequência, foram questionados se iam à praia, se indicariam a praia/cidade a amigos, se mudariam de cidade para ter segunda residência e qual razão, o que poderia melhorar em Guaratuba, quais as alterações que haviam notado nos últimos anos, se foram boas ou ruins, o que faltava na infraestrutura turística e básica, se conheciam e o que conheciam do passado de Guaratuba e o que conheciam da cultura local. Também foi solicitada a descrição da paisagem, o local de que mais gostavam em Guaratuba e o que sentiam nele, a relação de Guaratuba com os cinco sentidos, para relatarem em uma frase ou palavra relacionada à Guaratuba e, finalmente, o que pensavam do futuro do município.

Importante ressaltar que a pesquisadora entregou os questionários pessoalmente na casa dos segundos residentes, sendo bem recebida e, na maioria das vezes, convidada para uma conversa informal (com oferecimento de bebidas e comida) com a família.

Iniciando a análise dos questionários respondidos pelos 11 segundos residentes e que possuíam casa de veraneio em Guaratuba há mais de 10 anos, a grande maioria mencionou frequentar o município e suas praias há mais de 30 anos, verificando-se que as segundas residências pertenciam desde então às mesmas

famílias e que os laços de amizade se estreitaram ao longo dos anos, resultando em atividades que uniam moradores e segundos residentes.

As primeiras seis questões foram referentes ao perfil e procedência do respondente, dos quais oito mencionaram ser de Curitiba - PR, um de Carambeí - PR, um de Paranaguá - PR e um de Ponta Grossa - PR, todos paranaenses. Ao todo, foram cinco mulheres e seis homens, cinco indivíduos com menos de 40 anos e seis com mais de 40 anos. Quanto à profissão, constatou-se serem as mais variadas, ou seja, uma pedagoga, um cientista político, um empresário, um funcionário público, uma advogada, um administrador, uma atleta, uma dentista, um médico, um empresário e um bioquímico. Sobre o tempo que frequentavam a cidade, a maioria mencionou frequentar a cidade há mais de 30 anos. Uma (que mencionou possuir 20 anos) frequentava a cidade desde quando nasceu; outros dois frequentavam há 10 anos.

A partir da pergunta sete, optou-se por colocar o questionamento para melhor compreensão e reflexão das análises propostas.

Pergunta 7. O que o motivou a escolher Guaratuba para segunda residência? Na sequência apresentam-se algumas respostas e posterior análise.

A minha família é de Joinville e desde quando eu era pequena a minha família vinha passar as férias de verão em Guaratuba e, em certo momento, meus pais resolveram comprar um apartamento para irmos com mais frequência e a partir daí começamos a vir sempre. Em 2004, meu pai faleceu, eu me mudei para Paranaguá com meu marido e filhos e na partilha dos bens do meu pai, acabei herdando este apartamento, que adoro (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Minha família possui apartamento há anos na cidade e venho passar as férias e feriados desde quando nasci. Não consigo passar as férias em outro lugar (Alessandra, atleta, Curitiba, 20 anos).

Já vinha para Guaratuba passar férias desde criança, mas há 30 anos comprei meu apartamento na cidade e ter o apartamento aqui me motiva a passar os finais de semana, férias e feriados (Rubens, empresário, Curitiba, 60 anos).

Os demais respondentes afirmaram que o que os motivava era a proximidade com a capital, as amizades formadas ao longo dos anos com outros segundos residentes e com moradores. Outro argumentou que a qualidade de vida era “ótima”. E houve ainda um que acrescentou que era a melhor praia do Paraná.

O que se percebeu na conversa informal e observando esses segundos residentes aos longos dos anos é que todos demonstraram orgulho de ter um segundo lar em Guaratuba, que muitas vezes aquela casa ou apartamento era o sonho de consumo da família e uma oportunidade de uni-la, interrompendo meses de afastamento familiar.

Assim, a posse de uma segunda residência não significava apenas a garantia de alojamento, mas também uma oportunidade de investimento, sendo um patrimônio que alcançava diversas gerações, garantindo *status* ao proprietário. Além disso, era um investimento afetivo, o que fazia com que muitas segundas residências nunca fossem alugadas, devido ao valor sentimental que lhes atribuíam. (TULIK, 1995).

Percebeu-se nesses indivíduos um forte sentimento de posse, do “meu”, do direito que os segundos residentes tinham em ir e vir, de frequentar a praia, pois construíram suas casas baseados em seus sonhos e esforços.

A partir das respostas, considerou-se ter sido possível identificar um vínculo afetivo temporal com o lugar, pois a maioria afirmou frequentar a cidade desde criança e não se imaginar tendo casa em outra localidade.

Neste caso, considera-se que foi possível verificar o sentimento topofílico, pois os entrevistados demonstraram o senso de pertencimento ao lugar mesmo não sendo um morador. Possuir um lar no local poderia trazer lembranças, memórias de infância e juventude, familiaridade e ser um motivador para a visita frequente.

Pergunta 8. Quantas vezes frequenta Guaratuba por ano?

Seis entrevistados afirmaram frequentá-la doze vezes ao ano ou mais. Três, em torno de cinco vezes e, apenas dois entrevistados, que a visitavam apenas na temporada de verão.

Venho sempre que tenho disponibilidade, umas 5 vezes por ano, se pudesse viria mais. Adoro estar em Guaratuba fora da temporada, pois me traz tranquilidade. Quando estou aqui, parece que tenho mais qualidade de vida. Não sei se é o ar, o sol, a praia... O local me faz bem (Oscar, bioquímico, Ponta Grossa, 60 anos).

Venho uma vez por ano por causa do meu trabalho. Passo as minhas férias inteiras aqui. Amo isso tudo, o cheiro da maresia, as pessoas, a simplicidade. Imagino que fora da temporada seja um paraíso. Se pudesse viria sempre (Angela, advogada, Curitiba 30 anos).

Pelo menos uma vez no mês, venho para cá recarregar minhas energias, mas geralmente passo a temporada de verão inteira em Guaratuba. Venho antes do Natal e fico até início de março, parece que tem um imã. Se pudesse moraria aqui (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Tuan (1983) afirma que para sentir um lugar, afeiçoando-se a ele, é necessário ter experiências repetidas, não fugazes, dia após dia, através dos anos com este lugar. “É a mistura singular de vistas, sons, cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar.” (TUAN, 1983, p. 203). Desta forma, um espaço indiferente pode tornar-se lugar, repleto de significado e sentimentos, com vínculos emocionais estabelecidos. Acredita-se poder afirmar que esse tipo de experiência mais duradoura é possibilitada pela posse da segunda residência, já que os proprietários podem frequentá-la diversas vezes ao ano, passando mais tempo, e que pode ser prolongado conforme a necessidade, vontade ou disponibilidade dos mesmos. Desta forma, as segundas residências oportunizam a criação de vínculos territoriais psicológicos, devido ao retorno periódico e constante ao lugar. (TULIK, 1995).

Buttimer (1985) ressalta a importância do lar na construção do lugar e encaminha os olhares da segunda residência para uma análise em direção ao lugar. De acordo com ela, o lar tem papel fundamental na formação do lugar, já que é um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa e também de sua família. Esta construção do lar ocorre tanto para a residência primária como para a segunda residência, já que é comum ver as famílias transferirem para a segunda residência todo o cotidiano da residência permanente.

Para Tuan (1980, p. 114), “a familiaridade engendra afeição ou desprezo.” A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. (TUAN, 1980). E essas pessoas possuem uma história neste lugar e a partir dessa história criaram-se os vínculos.

Pergunta 9. Vai à praia? De manhã/ tarde? Entra no mar?

Com esta pergunta se visava a conhecer as atitudes destes indivíduos em relação ao mar, espaço recreativo e de contemplação, acreditando-se que a praia também fosse um lugar motivador na localidade. Dez entrevistados disseram ir à praia e apenas um afirmou não ir. Todos os dez que mencionaram ir à praia e em algum momento entravam no mar.

Vou à praia sempre que tem sol, ou bem cedinho, ou depois das 16:00. Como meu prédio tem piscina, às vezes fico na piscina observando o mar, já que meu prédio é de frente para a praia. Quando estou na praia, geralmente, entro no mar, a não ser que esteja sujo ou muito bravo. Adoro caminhar na praia pela manhã e ao entardecer. (Janaina, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Sempre entro no mar, me traz energia. Estar em Guaratuba e não ir para praia não tem graça. O bom daqui é praia, essa paisagem, esse cheiro. Traz inspiração. Também pratico esportes na orla (Angela, advogada, Curitiba, 25 anos).

Vou à praia sempre que tem sol, me dá muita energia. Prefiro pela manhã, mas também vou à tarde. Sempre entro no mar, sou atleta de natação e treino todos os dias que estou aqui. Também gosto de correr na areia e na orla (Alessandra, atleta, Curitiba, 20 anos).

Para Tuan (1980, p. 131):

Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marítimas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Além disso, o corpo humano, que normalmente apenas desfruta do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia.

O que se percebeu nas respostas da pergunta nove é que a praia não foi vista somente como um cenário, ela era vivida, sentida, experimentada, seja entrando no mar, seja praticando esportes ou caminhadas na areia. A partir dessas respostas, percebe-se que a paisagem é valorizada porque recebe o olhar humano que a seleciona, ordena e valoriza. Isso a diferencia, em muitas vezes, da visão do turista ocasional que busca a praia para o banho de mar, para fugir do calor, para passar o tempo, para descansar, sem dotar este espaço de valor e afeto, sendo apenas um cenário para suas férias.

Pergunta 10. Indica a praia/ cidade para amigos?

Todos responderam que sim, demonstrando o afeto e o interesse de que outras pessoas conhecessem a “sua” praia e, de repente, sentissem as mesmas sensações e sentimentos que ele sente.

Indico geralmente para quem mora próximo daqui, pois não precisa de muito tempo para se deslocar e pode aproveitar um pouco da beleza dessa praia e desse mar (Angela, advogada, Curitiba, 25 anos).

Sim, as nossas praias são ótimas tanto para banho quanto para prática de esportes e lazer. Não deixa a desejar em nada para Santa Catarina, por exemplo (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Tuan (1980, p. 111) afirma que “a natureza produz sensações deleitáveis aos seres humanos”. E estes querem compartilhar com seus amigos, familiares e colegas tais sensações, que somente poderão ser compartilhadas se outras pessoas passarem pelas mesmas experiências que eles. Quando a sociedade alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza (TUAN, 1980 p, 118) querendo dividir esse sentimento romântico com quem os cercam.

Pergunta 11. Mudaria de cidade/ praia para ter segunda residência? Por qual razão?

Dez pessoas responderam que não mudariam de praia e uma colocou que mudaria por conta do acesso, principalmente por conta do *ferry-boat*. Das dez que responderam que não mudariam, apenas quatro colocaram a razão, que foram as seguintes:

Não mudaria de praia por conta da proximidade com Curitiba, por possuir minha casa aqui e ser cômodo para minha família vir para cá sempre que pode. Também me sinto muito bem e feliz estando aqui, é o lugar onde eu busco o equilíbrio em momentos difíceis (Ana Paula, dentista, Curitiba, 37 anos).

Não. Me criei vindo para cá e parece que se não for aqui as minhas férias, não será em lugar algum. Razão: Amo este lugar (Alessandra, atleta, Curitiba, 20 anos).

Já pensei várias vezes em ir para Santa Catarina, já que lá tem opções de lazer, além das praias. Mas sou muito apegada com Guaratuba e não pretendo possuir segunda residência em outra praia. Guaratuba é tudo de bom e remete à minha infância (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Não. Acho Guaratuba o melhor lugar para passar as férias e descansar. Acho a paisagem incrível e o cheiro desse lugar lembra a minha juventude. Sem contar que a qualidade de vida é ótima (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

Percebeu-se que apenas um segundo residente mudaria de praia e ainda por conta do acesso e não por outro motivo. Já os quatros que justificaram a não mudança de praia, relacionaram Guaratuba com a sua infância e juventude e afirmaram se sentir bem no local. Guaratuba estava relacionada às memórias de

infância e/ou juventude, ao sentimento de amor pelo lugar e às boas sensações. Tuan (1980), afirma que a topofilia é enriquecida através da realidade do meio ambiente e o que ele pode trazer de lembranças. E neste caso, a temporalidade desta relação também está envolvida neste sentimento pelo lugar.

Pergunta doze: O que poderia melhorar na cidade?

Nove indivíduos responderam que na temporada de verão a qualidade da água do mar não era boa e poderia ser melhor. Seis dos entrevistados relataram a necessidade da construção de uma ponte para melhorar o acesso, e oito ainda citaram que poderia melhorar as atividades de lazer e entretenimento, tanto na temporada de verão quando fora dela. Alguns ainda colocaram a questão médico-hospitalar e de segurança. Seguem alguns relatos:

Acredito que ainda precisa de investimentos em infraestrutura para atrair mais investidores e, com certeza, o acesso, principalmente a ponte (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Mais atividades de lazer para a população e para os turistas. A ponte e também um bom hospital. Se a saúde fosse melhor gerida e possuísse um bom hospital e bons médicos, com certeza muitas pessoas viriam morar aqui (Alessandra, atleta, Curitiba, 20 anos).

Melhorar a qualidade da água do mar na temporada, a organização e urbanização da orla, que este ano está melhor, mas ainda pode melhorar e a acessibilidade à praia (Ana Paula, dentista, Curitiba, 37 anos).

Precisa de uma ponte e um hospital descente (Andrea, empresária, Curitiba, 35 anos).

A ponte, um bom hospital. E também posso citar a falta de atrativos de lazer (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

Guaratuba já foi mais segura. Acho que poderia ser investido em segurança. Por exemplo: a iluminação pública é precária, há a falta de policiais fora da temporada, situações de assaltos e tráfico de drogas (Oscar, bioquímico, Ponta Grossa, 62 anos).

Analisando-se as respostas, percebeu-se que os segundos residentes se preocuparam mais com as questões que lhes atingiam mais diretamente, como a qualidade da água do mar, falta de segurança e urbanização, atividades de lazer, além da praia e acesso. Mas considera-se pertinente salientar que essas preocupações também eram preocupações dos moradores e que, por possuir esse elo afetivo com o lugar, o segundo residente acabava por querer que o local melhorasse.

Mesmo em contato com a natureza o turista quer ter acesso aos hábitos de prazer, conforto e consumo ao qual está habituado. Segundo Krippendorf (1989), a maior parte dos turistas não escolhe o lugar de suas férias em função das pessoas da comunidade ali existente, mas em função do meio ambiente, do clima e das atrações oferecidas pelo lugar. Sendo assim, é natural que o turista queira que o local escolhido para suas férias corresponda aos seus anseios de conforto, comodidade e infraestrutura, além, é claro, de apresentar beleza cênica e outros atrativos.

Rapoport (1978) mencionou acreditar que os seres humanos percebem os problemas e as soluções possíveis de diferentes pontos de vista e, deste modo, definem suas necessidades básicas vinculadas a critérios também diferentes, mas igualmente respeitando os padrões de meio ambiente ideal, dando significados distintos de acordo com seus interesses.

Pergunta 13. Que alterações notou em Guaratuba nos últimos anos? Boas/ruins?

Todos os respondentes colocaram que só perceberam alterações boas e todos escreveram sobre a revitalização da orla e que a infraestrutura básica e de apoio foi melhorada (como comércio, restaurantes e saúde). Considera-se ser importante descrever que todos perceberam alterações positivas, ninguém reclamou neste item, embora tenham colocado o que poderia melhorar na pergunta anterior e o que estava faltando na pergunta seguinte.

Melhoria na orla e na qualidade da água do mar (Oscar, bioquímico, 62 anos, Ponta Grossa)

A cidade melhorou bastante nos últimos 10 anos. A orla foi melhorada, os quiosques são mais higiênicos, Até a praia parece mais limpa, mesmo tendo mais pessoas. Percebi que houve mais investimentos nas vias de acesso à praia, mas ainda há muito a se fazer (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

Sim, a orla está mais urbanizada e a praia parece melhor que em outros anos; também percebi que existem mais comércios (Alessandra, atleta, Curitiba, 20 anos).

Olha, nos últimos 10 ou 12 anos, Guaratuba teve muitas mudanças, principalmente na orla e nos bairros. Primeiro, parece que a água do mar está mais limpa, a orla toda revitalizada, com quiosques e calçadão. Muitas ruas dos bairros foram asfaltadas. Sem contar com o aumento no comércio. Também poderia falar da saúde, com a reforma da Santa Casa. O que

posso falar é que Guaratuba melhorou bastante (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Pôde-se perceber entre os segundos residentes pesquisados que o desejo de uma orla mais urbanizada realizou-se, ou seja, que o lugar escolhido para o relaxamento e lazer foi alterado de forma positiva, fazendo com que nem percebessem, muitas vezes, as alterações ruins.

Considera-se pertinente também afirmar que apenas um dos entrevistados observou alterações no restante da cidade (boas ou ruins), revelando que o que importava, mesmo sendo um visitante frequente e que poderia ter outras observações, era a praia.

Pergunta 14. O que falta com relação à infraestrutura da cidade (turística e/ou básica)?

A maioria relatou a questão do saneamento básico que precisava melhorar e a falta de um bom hospital. Alguns relataram novamente a importância da construção da ponte. Outros gostariam que tivesse mais tipos de comércio, entretenimento e lazer, Shopping Center, um centro de eventos, mais e melhores restaurantes.

Melhorar o atendimento na orla. Ter mais restaurantes. Acho que um centro de eventos poderia melhorar as atividades fora de temporada (Gerson, médico, Curitiba, 70 anos).

A ponte e um bom hospital. Acredito que a ponte facilitaria o acesso tanto para turistas quanto para moradores da região. O hospital poderia atrair pessoas mais idosas para viverem aqui ou visitar com mais frequência, já que o clima é agradável o ano todo. Também posso citar a falta de atrativos de lazer. Guaratuba é uma cidade turística, mas infelizmente depende da praia para atrair turistas. Precisaria de muito mais (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

Por mais que tenha melhorado bastante, ainda há muito a se fazer, com relação ao esgoto que corre para o mar. Quando chove a cidade fica alagada, e algo deve ser feito. O comércio ainda poderia ser melhorado com novos restaurantes e atividades de lazer. Percebo que Guaratuba tem potencial, mas ainda faltam investidores e incentivo. Falta ser conhecida e reconhecida (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Tuan (1980) afirma que muitas vezes o visitante tem uma opinião ainda não influenciada pelo dia a dia e consegue enumerar mais facilmente as alterações necessárias ao lugar, visto que não está totalmente imerso em seu cotidiano, ao

contrário do morador, que já absorveu as mudanças e não é capaz de enumerá-las tão facilmente.

Os interesses dos segundos residentes estiveram relacionados a manter o seu conforto e as atividades do seu lugar de origem, o que nem sempre é viável no núcleo receptor. Ele visualizou aquilo que era importante para ele e sua família, muitas vezes, não se preocupando se a proposta era viável e de interesse para a população local (como Shopping Center, por exemplo).

Pergunta 15. O que conhece do passado de Guaratuba?

Cinco responderam nada conhecer. Quatro relataram ter conhecimento da erosão de 1968 e de alguns detalhes da orla; outros dois relataram lembrar-se da vila de pescadores.

Sobre a erosão de 1968. Quando vinha para cá pequeno, não havia a Avenida Atlântica e os carros ficavam estacionados na praia. Havia muita restinga na praia central e hoje não há mais nada (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

Apenas, que aqui onde é o meu prédio era uma área de restinga, que não havia a Avenida Atlântica os carros ficavam na areia. Da erosão da Baía no final dos anos 60, que desabou, e hoje é um local de entretenimento. E também sei um pouco da história da festa do Divino, que frequento há anos, e da Igrejinha matriz. (Janaina, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Percebeu-se que a maioria dos entrevistados não conhecia muito sobre o passado de Guaratuba e que nem se interessavam também em conhecer. Considerou-se ainda que pessoas mais velhas e, conseqüentemente, com mais tempo de vivência no lugar buscaram saber um pouco mais sobre a história e muitas vezes vivenciaram essa história, como é o caso de afirmar que existia restinga na orla da praia central e do grande desastre de 1968.

Para Tuan (1983), a sensação de tempo afeta a sensação de lugar e reativa a memória. Em muitas vezes, o cheiro, a paisagem, a companhia, uma música pode interferir na memória e no interesse de uma pessoa pelo lugar ou em manter este vínculo com o lugar.

Krippendorff (1989) afirma que conhecer a história local não é tão importante para o visitante quanto conhecer as distâncias a serem percorridas, os custos para manter uma segunda residência, os atrativos que uma região oferece para o lazer. Pode-se então considerar que é um tanto desanimador para a cultura local que o

segundo residente de tantos anos não tenha interesse em ter conhecimento de um pouco da história do lugar que escolheu para ter um segundo lar.

Pergunta 16. O que conhece da cultura local? Que festas conhece/frequenta?

Quanto à cultura local e as festas do município, três indivíduos responderam não conhecer nada da cultura ou das festas. Mas os outros oito relataram conhecer a festa do Divino e o carnaval (Banda de Guaratuba). No entanto, tornou-se pertinente observar que alguns relataram sobre outras festas locais e sobre a atividade pesqueira e o artesanato local.

Sobre a cultura, conheço pouco, mas sei que é uma comunidade que vive da pesca e do turismo. A maioria das pessoas que mora aqui veio de outras cidades. Quanto às festas, apenas frequento a festa do Divino, mas sei que há outras festas como a da Tainha e outras festas religiosas (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

Conheço muito pouco da cultura da população, mas sei que é um povo sofrido e trabalhador e também muito religioso. Sobre as festas, vou apenas à festa do Divino; procuro vir todos os anos. Também estou aqui sempre no carnaval. Não frequento, mas assisto (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

A partir dessas respostas, chegou-se a perceber que a cultura local estava vinculada à atividade da pesca, à festa do Divino e ao carnaval. Mas a cultura de um povo vai muito mais além do que festas e artesanato, envolve a história, a religião, os valores e o estilo de vida de um povo. (RAPOPORT, 1978).

Através das respostas dos segundos residentes, constatou-se haver pouco interesse do visitante em conhecer um pouco mais da cultura da comunidade. Muitas vezes, esse desinteresse foi instigado pela falta do estímulo dos gestores do núcleo receptor e até mesmo dos munícipes em demonstrar a sua cultura. Talvez esses visitantes conheçam muito mais da cultura de outras cidades, regiões e países do que do município que escolheram para ser sua segunda residência.

Krippendorf (1989) afirma que o turismo se tornou o primeiro instrumento de compreensão entre os povos.

Ele permite o encontro entre os seres humanos que habitam as regiões visitadas. Ele reúne. É graças ao fenômeno, em grande parte, que estes seres humanos conseguem estabelecer um diálogo, compreender a mentalidade e o interesse do outro, que de longe, lhe parece tão estranho, preenchendo, desta forma, o fosso que os separa (KRIPPENDORF, 1989, p. 104).

Diante disso, a preocupação maior dos responsáveis da atividade turística deveria ser o ser humano, proporcionar ao indivíduo a satisfação em visitar um local e manter as relações de aproximação entre os povos e, conseqüentemente, entre as culturas, afinal, se o indivíduo conhece e compreende a cultura e a dinâmica do lugar, é muito mais fácil dele manter uma atitude em relação a ele e, em conseqüência disso, dotá-lo de valor.

Pergunta 17. Como descreve a paisagem de Guaratuba?

Todos os respondentes utilizaram adjetivos positivos para descrever a paisagem, como por exemplo: bonita, linda, exuberante, a baía de Guaratuba é a mais linda do Brasil.

Linda e me traz paz. Adoro acordar cedo e olhar esse mar lindo (Alessandra, atleta, Curitiba, 20 anos).

“Olhe isso aqui” na nossa frente... Não é lindo? Quando tivemos que partilhar os bens do meu pai, eu insisti em ficar com este apartamento, não suportaria ficar sem contemplar esta paisagem. A vista é linda, o mar, o Morro do Cristo, as pessoas caminhando, passeando... a praia cheia, ou, no inverno, ela vazia. Esta paisagem me traz paz (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Percebeu-se em todas as respostas que os segundos moradores elogiaram a paisagem e ressaltaram a beleza da praia e da baía, demonstrando o carinho que sentiam pelo lugar, mas se esqueceram de outros locais do município, já que a pergunta se referia à Guaratuba como um todo e não apenas à praia ou à baía.

Tuan (1980, p. 110) afirma que “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos [...]”. O despertar profundo para a beleza ambiental, normalmente acontece pela visão e não depende muito de opiniões alheias e, também em grande parte, independe do caráter do meio ambiente, mas das experiências vividas neste lugar. Assim, o experienciar permite a construção de lugares e regiões de natureza subjetiva, não-material, porém, percebidos como parte de uma realidade vivenciada cotidianamente por vários grupos de populações, em diferentes estágios de civilização. (TUAN, 1980). É no universo subjetivo que estão incluídos os sentimentos em relação às paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades e territorialidades, que, segundo o tipo de experiência com a natureza, ou percepção, refletem diferentes sentimentos e

comportamentos em relação à mesma. Para cada pessoa ou grupo a paisagem terá um significado, porque, as pessoas atribuem valores e significados diferentes às suas paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento ou desapego aos lugares. Sobre isto, Relph (1976) mostra que as experiências pessoais, presentes nos lugares, são impregnadas de significados e valores.

Os laços que unem os seres humanos às suas paisagens, são formados por espaços experienciados sob múltiplas formas, imediatas ou não, em diversos níveis de interpenetração e interação. (TUAN, 1980). E o que se percebeu no segundo residente é que a paisagem não passava de um recorte de sua visão, todavia em muitas vezes trazia boas sensações, já que a descrição da paisagem pode ser traduzida em sentimentos.

Pergunta 18. Qual o lugar que mais gosta em Guaratuba?

Pergunta 19. O que sente estando neste lugar?

Como as questões são interrelacionadas, a análise dos resultados foi realizada de forma conjunta, como se vê a seguir.

Christofoletti (1985) afirma que o lugar é onde as pessoas colocam seus anseios e suas experiências, onde vivem o seu cotidiano, mantêm relações simbólicas, identitárias e históricas do grupo social que ali reside, é onde desenrolam suas paixões. Portanto, um município ou cidade podem ser o lugar onde todas essas experiências acontecem. E neste lugar existem espaços especiais, que realmente fazem o indivíduo se encontrar ambientado, integrado, “não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas.” (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).

Dos onze respondentes, três colocaram que a baía era o lugar de que mais gostavam; Já os outros oito relataram ser a praia. Considera-se que os sentimentos expressos como resposta à pergunta sobre o lugar preferido e o que sentiam quando estavam em Guaratuba refletiram o sentimento topofílico dos entrevistados, como visto a seguir:

A baía. Sinto Paz (Ana Paula, dentista, Curitiba, 37 anos).

A baía com vista para as ilhas, principalmente no pôr do sol. Sinto paz e tranquilidade (Gerson, médico, Curitiba, 70 anos).

A baía. Desapego aos bens materiais (João, cientista político, Curitiba, 38 anos).

A praia. Paz (Angela, advogada, Curitiba, 30 anos).

A Praia Central. Serenidade (Oscar, bioquímico, 62 anos, Ponta Grossa).

A praia. Paz (Andrea, empresária, Curitiba, 35 anos).

A praia. Muita paz e sossego (Luiz, empresário, Carambeí, 46 anos).

A praia. Tranquilidade (Christiano, funcionário público, Curitiba, 36 anos).

A praia. Vida, inspiração, amor, natureza (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

A praia. Vontade de viver (Alessandra, atleta, Curitiba, 20 anos).

A praia. Paz. Lembranças boas da minha infância (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

Sob a análise das respostas, chegou-se a percepção de que todos relacionaram o lugar à natureza e à tranquilidade, paz, sossego, e que apenas um relacionou o lugar às suas lembranças de infância. A sensação de paz foi citada e considerou-se que ela estava existindo para os respondentes, assim como a sensação de tranquilidade, sossego, serenidade, desapego..., pelo fato de que os segundos residentes consideraram aquele lugar, não importando nada mais, e seria provavelmente por conta deste lugar que ele mantinha a segunda residência em Guaratuba. Além disso, que poderia ser possível que essa segunda residência transmitisse todos os sentimentos de segurança que a residência permanente também transmite, somados aos sentimentos de relaxamento e sossego, conseguidos por se tratar de uma residência destinada ao tempo de lazer e descanso.

Os sentimentos expressos de satisfação, amor, paz, aconchego e relaxamento remetem à categoria de lugar, conforme visto no item “Lugar como referência”, no segundo capítulo deste estudo. Assim sendo, esses sentimentos demonstrados pelos segundos residentes se relacionaram com o amor ao lugar e, por conseguinte, com a topofilia.

Pergunta 20. Relacione Guaratuba com cada um dos 5 sentidos: visão/olfato/tato/audição/paladar.

Para Lowenthal (1985), os cinco sentidos são variáveis de percepção. Tuan (1980, p. 6) afirma que “corremos o risco de não notar o fato de que, por mais

diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente, como membros da mesma espécie, estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira e geralmente usando os sentidos”.

De todas as perguntas feitas, esta foi a que mais necessitou de explicações. Muitas pessoas não tinham certeza de como relacionar ou com o que relacionar Guaratuba. Mas durante as explicações a autora fez questão de frisar a importância desta resposta, assim todos fizeram a relação. Para tornar mais fácil a leitura dos dados, eles foram apresentados em forma de quadro (QUADRO 3) e na sequência foram apresentadas as análises.

AUDIÇÃO	VISÃO	PALADAR	TATO	OLFATO
Ondas (9)	Bela, linda (8)	Frutos do mar Peixe e camarão (10)	Areia (8)	Maresia (8)
Silenciosa	Mar (2)	Bons restaurantes	Água do mar (3)	Mercado de peixe
Barulho da água do mar e da chuva, pois chove muito.	Morro do Cristo			Cheiro ruim na orla no verão
				Cheiro da esteira de praia

QUADRO 3 – CINCO SENTIDOS – SEGUNDOS RESIDENTES

FONTE: Pesquisa de campo (2015).

Quanto às palavras que, pensando em Guaratuba, os segundos residentes relacionaram, obteve-se: a audição com o barulho das ondas; uma relação com o silêncio existente aqui, e outra ainda relacionou com o barulho da chuva. Quanto à visão, a maioria relacionou com beleza, dois com o mar, e um com o Morro do Cristo, ou seja, usando recorte de paisagem. Sobre o paladar, todos relacionaram a cidade com frutos do mar e o tato com a areia; três, com a água do mar. Já o olfato foi o único sentido em que se relacionou algo ruim, ou seja, oito relacionaram com a maresia, um ao cheiro da esteira de praia, que também remete à maresia e areia, mais duas pessoas relacionaram ao cheiro ruim da orla na temporada de verão e ao cheiro do mercado de peixe, que muitas vezes não era agradável.

Tuan (1980, p.12) acrescenta que:

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder

inato para experienciar. O órgão do sentindo mais exercitado, varia de indivíduo para indivíduo e de cultura.

Mediante esse pensamento, os cinco sentidos são essenciais para a percepção humana, cada sentido reforça o outro, de modo que, juntos esclarecem as sensações das pessoas, revelando a sua essência.

Pergunta 21. Em uma palavra/ frase, dizer o que é Guaratuba para você.

Alguns a relacionaram com férias e finais de semana, prazer, relaxamento, refúgio, qualidade de vida, energia. Um dos indivíduos disse que Guaratuba era a sua segunda cidade, seu lugar de sossego e felicidade.

Analizou-se que todos os respondentes relacionaram Guaratuba com adjetivos favoráveis de contemplação e afetividade. Guaratuba foi considerada como sinônimo de tranquilidade, fuga do dia a dia, descanso e prazer junto ao mar, demonstrando mais uma vez o sentimento topofílico dos segundos residentes. Tuan (1980) afirma que o meio ambiente natural e a visão de mundo estão estreitamente ligados. Dessa forma, atrelar Guaratuba ao lazer, ao descanso e ao sossego, garante que no seu lugar de vivência estes indivíduos possuam uma vida muito mais movimentada e, comparativamente, Guaratuba seria muito mais tranquila. O que pode não se refletir a percepção do morador. Dessa forma, considera-se ter ficado evidenciado que certos lugares possuem certo poder de despertar sentimentos topofílicos, podendo não ser a causa direta da topofilia, entretanto fornecendo o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às alegrias e ideais das pessoas. (TUAN, 1980).

Pergunta 22. O que pensa sobre o futuro de Guaratuba?

Apenas um respondente não anunciou um futuro bom para Guaratuba ao relatar o seguinte:

O pior possível. Impostos altíssimos, preços exorbitantes. Segurança inexistente (a não ser no verão). Saúde péssima (não existe sequer atendimento médico descente). A droga dominando os locais públicos. A poluição à baía pela pesca predatória (Gerson, médico, Curitiba, 70 anos).

Todos os outros foram mais otimistas com o futuro do lugar em que possuíam segunda residência e pretendiam continuar com seus segundos lares nele. A maioria afirmou que Guaratuba deveria continuar linda e receber novos investimentos, tendo

um futuro promissor. Alguns se preocuparam com a invasão de pessoas na temporada de verão e associaram-na com a falta de infraestrutura para receber essas pessoas, porém acreditavam que tinha tudo para melhorar.

Acredito em uma cidade com muita segurança, política social para a população carente e serviço de saúde com qualidade. Também visualizo a construção da ponte, que é uma necessidade para o desenvolvimento (Oscar, bioquímico, Ponta Grossa, 62 anos).

Tem muito para crescer e para investir. Com certeza será uma cidade muito próspera (Janaína, pedagoga, Paranaguá, 45 anos).

Acredito no potencial e torço muito pelo seu crescimento, mas planejado e ordenado. Gostaria que ponte fosse construída. Vejo o turismo crescendo cada vez mais na cidade. Penso até em investir aqui, não apenas com imóveis, mas com um comércio (Rubens, administrador, Curitiba, 60 anos).

O que se percebeu nas respostas das pessoas, é que a maioria visualizou um futuro próspero para a cidade, seja por possuírem uma segunda residência e essa ser mais valorizada, seja pelo desejo de vê-la mais bela e estruturada. Tuan (1980, p. 130) acrescenta “que as pessoas sonham com lugares ideais” e Guaratuba pode ser o lugar ideal dessas pessoas que possuem este vínculo afetivo. “A nenhum ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas. Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra.” (TUAN, 1980, p. 130).

A partir do momento em que o segundo residente demonstra se preocupar com a estrutura da cidade, ele acaba se preocupando com a atividade turística e com os turistas, para que eles tenham mais conforto e opções de lazer. São preocupações que se relacionam também com o dia a dia da comunidade e seu desenvolvimento, o que remete mais uma vez ao sentimento topofílico.

A seguir será apresentada a análise dos questionários aplicados aos moradores, para posterior análise e discussão dos dados.

4.1.3 Questionário aplicado aos moradores

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com 22 perguntas, respondidas abertamente pelos indivíduos (APÊNDICE 2). Cada morador respondeu inicialmente sobre nome, data de nascimento, nível de escolaridade, profissão,

sobre o tempo que morava na cidade, onde passava as férias, se ia à praia durante o ano e se achava a praia poluída. Na sequência, foram questionados se entravam no mar, se indicariam a praia/cidade aos amigos, o que poderia melhorar em Guaratuba, quais as alterações que haviam notado nos últimos anos, se eram boas ou ruins, o que faltava na infraestrutura turística e básica, se conhecia e o que conhecia do passado de Guaratuba e o que conhecia da cultura local. Também foi solicitada a descrição da paisagem, o lugar que mais gostava em Guaratuba e o que sentia naquele lugar, para relacionar Guaratuba com os cinco sentidos, relatar em uma frase ou palavra o que era Guaratuba para ele e, por fim, o que pensava do futuro do município e dos turistas de segunda residência.

A maioria dos questionários foi entregue pessoalmente aos comerciantes e prestadores de serviço, que dependiam economicamente do fluxo turístico, aos professores do curso técnico de turismo e hotelaria, aos professores do curso de bacharelado em administração (que trabalhavam com disciplinas vinculadas à atividade turística), aos estudantes destes cursos e às pessoas que atendiam aos turistas de uma forma geral. A maioria retornou no mesmo dia e alguns vieram até o estabelecimento comercial da família da pesquisadora para entregar. Outros questionários foram entregues e também retornados a este estabelecimento, o que demonstrou a interação da pesquisadora com a comunidade.

Primeiramente, considerou-se pertinente relatar que havia pessoas de várias faixas etárias, ou seja, desde adolescentes de 16 anos até pessoas idosas com mais de 60 anos de idade. Quanto ao sexo, foram 18 mulheres e 18 homens. Como dito anteriormente, eram 14 nativos, 17 que vivem em Guaratuba há mais de 10 anos e 5 que moravam há menos de 10 anos. Quanto à escolaridade: 8 possuíam apenas o ensino fundamental completo; 10 possuíam o ensino médio completo, mas não estavam cursando o ensino superior; 7 estavam cursando o ensino superior; 8 possuíam o superior completo e; 3 eram pós-graduados e mestres.

Quanto às profissões, foram as mais variadas: 1 gerente de hotel; 4 professores; 6 comerciantes; 2 administradores; 4 estudantes; 3 empresários; 1 auxiliar administrativo; 1 motorista; 1 recepcionista de hotel; 2 auxiliares de enfermagem; 4 vendedores; 2 auxiliares de serviços na marina; 2 marinheiros; 2 zeladoras; 1 engenheira florestal.

A partir da questão seis, as análises serão apresentadas em tópicos para melhor compreensão.

Pergunta 6. Onde passa as férias?

A maioria, 24 indivíduos, responderam que passavam as férias em Guaratuba. Os outros 12 relataram passar as férias em Santa Catarina ou no interior do Paraná. Apenas, um relatou passar algumas férias no Nordeste, ou buscar lugares diferentes; outra pessoa afirmou passar as férias em Buenos Aires ou Foz do Iguaçu, pois possuía família nestas duas cidades.

Talvez tais respostas se expliquem por Guaratuba ser uma cidade turística e atrativa e, diante disso, os moradores preferirem passar suas férias em casa e apreciar o que a cidade pode oferecer. Em muitos casos, os moradores estão trabalhando durante a temporada de verão e tiram férias em outros períodos, o que não estimula a saída para lazer e descanso em outra localidade. Preferem ficar no município para aproveitar o que não puderam na temporada de verão.

Em uma localidade turística, é muito comum que a população residente encontre-se trabalhando durante os períodos tradicionais de férias (janeiro e julho). (SCHEUER, 2010b). Os moradores trabalham para que os turistas possam curtir suas férias. Nesse caso, o que é sinônimo de férias para uns pode ser sinônimo de trabalho para outros.

O morador de uma cidade turística tende a querer passar seus momentos de ócio na própria cidade para, provavelmente, ter as mesmas sensações que o turista tem quando nela está. Muitas vezes, ele quer entender o que o visitante percebe de tão especial nos lugares que ele não percebe.

Mas, também, a ideia de passar as férias em casa remete à sensação de segurança, em ficar próximo ao seu lar, que segundo Tuan (1983) pode ser chamado de lugar íntimo e, para esse autor, “os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção.” (TUAN, 1983, p. 152). Kohlsdorf (1997, p. 17) afirma que “a nossa cidade é o lugar propício à troca de informações, à segurança, às transformações. A cidade é o lugar da história.”

Pergunta 7. Vai à praia durante o ano?

Pergunta 8. O que pensa da praia? Poluída/ limpa?

Pergunta 9. Vai à praia? De manhã/ tarde? Entra no mar?

As perguntas sete, oito e nove foram condensadas para facilitar as análises. Apenas seis pessoas responderam não ir à praia durante o ano; já as demais

relataram ir à praia e sempre que iam entravam na água, pois geralmente iam quando havia sol. Dez mencionaram gostar de praticar esportes, oito de passear na areia e entrar no mar na sequência, e catorze preferiam ficar na areia contemplando a natureza para depois entrar na água. Um dos respondentes relatou gostar de fotografar a paisagem em dias bonitos. Julgou-se pertinente ressaltar que as 6 pessoas que não costumavam entrar no mar eram nativos, ou moravam desde criança na cidade. Uma delas, inclusive, relatou que não sentia interesse e nem vontade de ir para a praia ou mar. Para ela, é como se a praia não existisse.

Todos os respondentes relataram achar a praia limpa durante o ano, mas que na temporada de verão, algumas áreas, pareciam poluídas. Uma pessoa afirmou que muitas vezes observou áreas com óleo na praia de Caieiras, que se encontra próxima ao ponto de travessia do *ferry-boat*. De qualquer forma, a percepção dos moradores com relação à praia era a de um lugar limpo, agradável e contemplativo.

Para Tuan (1980), as orlas marítimas atraem os seres humanos [...] o corpo humano, que normalmente apenas desfruta do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia, e assim como os visitantes os moradores também sentem a necessidade deste contato com o mar. Tornou-se importante ressaltar, conforme comentário feito anteriormente, que o que é muitas vezes espaço e cenário para o turista é espaço vivido para o morador. Assim como, que a praia não é vista somente como um cenário, ela é vivida, sentida, experimentada, seja praticando esportes, caminhadas na areia ou entrando no mar. Para Relph (1979) o espaço vivido é aquele que é interpretado com familiaridade e dotado de valor.

No que tange à percepção sobre a poluição da praia, percebeu-se que o morador, muitas vezes, por estar acostumado a ver a praia sempre daquele jeito, acaba percebendo que a mesma é/ou está sempre igual, sem avaliar profundamente o problema. Segundo Tuan (1980), o visitante e o morador focalizam aspectos diferentes do meio ambiente, pois muitas vezes o morador está também tão imerso na totalidade do seu meio que acaba não percebendo certas situações que se tornam corriqueiras.

De qualquer forma, segundo o Instituto Ambiental do Paraná (2015), as praias de Guaratuba permaneceram, durante as férias de verão, apropriadas para o banho. Apenas em dias de turismo massivo (final de ano), algumas áreas estavam impróprias ao banho. Isso mostra que a percepção dos moradores vem ao encontro com aquilo que foi divulgado pelo órgão ambiental do Estado.

Pergunta 10. Indica a praia para amigos? Por quê?

Dos 36 respondentes, 34 afirmaram indicar a praia para amigos e apenas dois que não. Um dos indivíduos que escreveu não, disse que seus amigos já conheciam a praia e a cidade; já o outro não gostava muito da praia e afirmou que no verão a água e a orla não se encontravam muito limpas. A seguir algumas respostas dos que disseram sim:

Sim, pois é um lugar que gosto (Thaís, vendedora, 19 anos).

Sim, é a orla mais bonita que conheço (Angela, comerciante, 48 anos).

Sim, pela questão da beleza das praias (Eliezer, empresário, 32 anos).

Sim, principalmente para clientes (Jéssica, comerciante, 24 anos).

Sim, para quem tem tempo para aproveitar é muito boa (Neimar, estudante, 20 anos).

Indico, apesar dos problemas ainda considero a praia de Guaratuba uma das mais belas para ser visitada (Clodoaldo, auxiliar administrativo, 41 anos).

Sim, momento de lazer para quem quer descansar (Jefson, professor, 36 anos).

Sim. Um bom lugar para se divertir e relaxar (Luiz, vendedor, 21 anos).

Sim, indico somente alguns locais, para prática de surf e lazer (Gabriel, recepcionista de hotel, 21 anos).

Sim, porque é uma praia grande e bonita e em determinadas épocas a água é bem cristalina (Rodrigo, motorista, 20 anos).

Sim, indico a praia de Caieiras, o local é pitoresco e possui águas calmas, ideal para famílias com crianças (Fabiano, professor, 36 anos).

Com certeza, porque moro aqui, trabalho aqui e quero que a cidade tenha mais e mais turistas (João, gerente de hotel, 32 anos).

Indico sim, pois acredito que Guaratuba tem um grande potencial apesar de ainda ter muito que melhorar. Os pontos turísticos são lindos e devem ser bem divulgados para as pessoas tomarem conhecimento do que temos aqui (Regis, comerciante, 21 anos).

Indico sim, porque as praias de Guaratuba são bonitas e estão bem cuidadas durante grande parte do ano, inclusive durante a temporada de verão (Elisa, comerciante, 34 anos).

Percebeu-se que a maioria dos respondentes indicaria principalmente pela beleza das praias e por ser um local para relaxar, se divertir e contemplar a natureza.

As pessoas gostam de compartilhar com amigos e familiares as sensações vividas no meio ambiente, ainda mais se este se apresentar como sendo belo aos seus olhos. Querem que tais pessoas tenham as mesmas sensações e experiências, para poder dividir seus sentimentos. Tuan (1980) afirma que a natureza traz boas sensações aos seres humanos e que quanto mais complexo é o ambiente diário, mas simples a natureza se torna.

Neste contexto de beleza, pode-se citar a importância da paisagem. As paisagens estão marcadas pelo universo subjetivo criado pelos seres humanos. Berque (1998, p. 84) considera a paisagem como a “dimensão sensível e simbólica do meio ambiente”; portanto, ela é uma marca, “pois expressa uma civilização” e uma matriz porque “participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.” (BERQUE, 1998, p. 85). Ela “determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política”, conforme Berque (1998, p.86).

Assim, a ligação das pessoas com os lugares é um fenômeno complexo que envolve, além dos quadros de paisagens, as interpretações sociais, psicológicas e culturais, bem como significados construídos sobre a interação indivíduo-lugar. (RELPH, 1979).

As respostas às questões onze e treze eram muito similares a as respostas se mesclavam:

Pergunta 11. O que poderia melhorar no turismo de Guaratuba?

Pergunta 13. O que falta em relação à infraestrutura da cidade (turística e básica)?

Sobre essas perguntas, as respostas dos moradores foram muito mais profundas do que as dos segundos residentes, já que os moradores procuraram escrever as suas angústias e o que gostariam que realmente acontecesse com a cidade onde viviam.

Para melhor análise dos dados coletados, a seguir foi apresentado um quadro condensando as respostas dos indivíduos divididas em melhorias de infraestrutura básica e infraestrutura turística (QUADRO 4).

MELHORIAS DE INFRAESTRUTURA BÁSICA	MELHORIAS DE INFRAESTRUTURA TURÍSTICA
• Postos de saúde	• Acesso até a praia
• Transporte público	• Qualidade no serviço
• Educação	• Limpeza da praia na temporada de verão
• Pavimentação e manutenção das ruas	• Meios de hospedagem
• Iluminação pública	• Um plano eficaz de turismo que seja executável e executado
• Coleta de lixo na temporada de verão	• Centrais de atendimento e informações aos turistas
• Saneamento básico nos bairros	• Gastronomia
• Segurança pública	• Programa de atividades de lazer e esportes, com lugar específico. Para temporada e para os moradores.
• Emprego	• Construção de um Centro de Eventos
• Aumento do número de lixeiras na praia na temporada	• Diversificação do produto turístico
• Coleta seletiva e programa de reciclagem	• Divulgação da cidade
• Melhorar os banheiros públicos e chuveiros da praia	• Guia de informações (atualizado todos os anos)
• Sinalização	• Utilização e divulgação do camping municipal
• Serviço social aos andarilhos	• Sinalização turística
• Polícia ambiental ser mais eficiente e eficaz	
• Acesso ao município (construção da ponte e melhoria das estradas)	

QUADRO 4 – MELHORIAS NA INFRAESTRUTURA BÁSICA E TURÍSTICA

FONTE: Pesquisa de campo (2015)

Após a análise das respostas dadas a essas duas perguntas, notou-se que os moradores perceberam muito mais problemas a serem solucionados do que os segundos residentes. Neste caso, observou-se a importância do tempo para o sentimento topofílico e para o estudo da percepção. Quanto mais tempo se vive em um lugar, mais as pessoas o querem melhor. Tuan (1980) afirma que a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital pela qual são claramente registrados certos fenômenos. “Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.” (TUAN, 1980, p. 4).

As necessidades dos moradores vão além das suas vontades e desejos. Os moradores querem o lugar melhor para si, mas também para o turista, demonstrando um sentimento topofílico mais aguçado. Tuan (1980) acrescenta que o visitante e o morador focalizam aspectos bem diferentes de um lugar, preocupando-se com aquilo que lhes é mais pertinente e importante. Enquanto o visitante quer ter um lugar adequado para as suas férias e para o seu descanso, o morador quer e precisa de muito mais do que isso. Ele precisa do mínimo de segurança, conforto e

qualidade de vida para viver com dignidade e poder servir os visitantes da localidade.

Tuan (1980) ainda argumenta que atitude do morador é mais complexa, pois somente ele pode expressar seus sentimentos através das dificuldades, do comportamento e da tradição local, como conhecimento legítimo.

A percepção de um lugar pelo morador é, portanto, “a experiência sensitiva mais direta e imediata do meio ambiente, sendo também é afetada pela memória e pela cognição”, conforme Rapoport (1978, p. 172). (tradução nossa⁶⁷).

A percepção sempre se relaciona com a ação pelo que ela tem de envolvente e participativa e está relacionada com a motivação e com o significado. A qualidade do ambiente é difícil de definir, pois implica em elementos sociais e físicos, gente e coisas. Sempre há muito mais informação do que se pode assimilar (tradução nossa⁶⁸). (RAPOPORT, 1978, p. 172).

O resultado da percepção sublimar do morador pode ser importante nas relações globais em relação a um determinado lugar, pois demonstra a importância de conhecer suas angústias e necessidades em prol de um lugar melhor para se viver.

Pergunta 12. Que alterações notou em Guaratuba nos últimos anos? Boas/ ruins?

Enquanto os segundos residentes apenas perceberam alterações na orla e nos seus locais de lazer e descanso, os moradores promoveram uma análise mais crítica e perceberam alterações significativas, boas e ruins, por toda a cidade como apresentadas no quadro 5.

⁶⁷ “La experiencia sensitiva más directa e inmediata del medio ambiente, y – aunque afectada por memoria y cognición.”

⁶⁸ “La percepción siempre se relaciona con la acción por lo que tiene de envolvente, participativa y relacionada con la motivación y el significado. A cualidad de ambiente és difícil de definir pero implica en elementos sociales y físicos, gente y cosas. Hay siempre mucha más información que la que puede asimilarse.”

ALTERAÇÕES POSITIVAS	ALTERAÇÕES NEGATIVAS
<ul style="list-style-type: none"> - Mais turistas; - Mais estabelecimentos comerciais (lojas, restaurantes etc.); - Iluminação na praia; - Revitalização da orla; - Asfaltamento de ruas por toda a cidade; - A aparência da praia; - Melhoria na distribuição de água e coleta de esgoto; - Infraestrutura em geral melhorou; - Praias revitalizadas; - Retirada do estacionamento da praia Central; - Crescimento da construção civil e oferecimento de novas moradias; - Sinalização; - Aumento perceptível da população (migração de pessoas para a cidade), embora não haja dados estatísticos ainda; - Abertura de franquias do ramo alimentício; - Melhorias de acesso à praia e à cidade; - Construção da Avenida Paraná que desviou o trânsito do centro da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Piorou a saúde; - Segurança está ruim; - Aumento da criminalidade; - Pontos de restinga estão sendo destruídos pela permissão de carros nesses lugares; - Mais lixo e coleta mais lenta; - A revitalização da orla é algo bom, mas como foi feita deixou a desejar, ou seja, asfalto da ciclovia em desnível, meio fio mal construído, <i>pavers</i> mal colocados etc., o que poderá trazer problemas a médio prazo.

QUADRO 5 – ALTERAÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS

FONTE: Pesquisa de campo (2015).

Analizando os resultados da questão doze, notou-se que a percepção dos moradores em relação à cidade foi muito mais avaliativa e prática do que a percepção dos turistas de segunda residência. O morador quer um lugar ideal para viver, mas também deseja proporcionar ao seu visitante um bom espaço para as férias, feriados e finais de semana; além disso, que o turista goste do que é oferecido e retorne. Para Kohlsdorf (1997), o espaço urbano é passível de conhecimento e percepção, como qualquer outro fenômeno da realidade. Ela ainda mostra que o termo espaço urbano abriga diversas interpretações que variam do espírito prático até as vertentes científicas, referindo-se a diferentes finalidades e mecanismos de conhecimento. Enquanto o visitante estabelece um modo de conhecer superficial, o morador pode estabelecer três processos de conhecimento relacionados ao lugar onde vive, que são:

O senso comum, realizado a partir de experiências vivenciadas e de natureza empírica; a ideologia, que entende a realidade por meio de certas visões de mundo, significando justificativa e adesão a ideias; e a ciência, que objetiva a explicação dos fenômenos reais pelas teorias (KOHLSDORF, 1997, p.41).

Observou-se que muitas alterações percebidas pelos moradores, em muitas vezes, iam além do senso comum. Ainda foram relatadas questões ideológicas e/ ou questões técnicas (como é o caso da restinga, da importância do saneamento básico entre outros). Dessa forma, considerou-se que o sentimento topofílico do morador é certamente mais aguçado que do segundo residente e este mesmo sentimento é que faz o morador desejar um lugar melhor para viver.

Além disso, verificou-se que as atitudes dos moradores em relação ao lugar e ao que ele oferece ao visitante foram muito mais práticas e associadas aos vários fatores sociais, ambientais e estruturais, já que as atitudes se referiram às experiências desses moradores e expressaram seu posicionamento e avaliação em relação ao seu lugar de vivência.

Portanto, como Guaratuba é o espaço vivido dessas pessoas, as suas percepções são descobertas através de um vínculo com a paisagem e o lugar, a fim de que estes não sirvam apenas como cenários ou panos de fundo, desprovidos de sentimentos e relações. Relph (1979, p. 7) afirma que o espaço vivido é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como focos de seu interesse, e dotando dessa forma esse(s) lugar (es) de importância e valor.

Pergunta 14. O que conhece do passado de Guaratuba?

Pergunta 15. O que conhece da cultura local? Que festas conhece/frequenta? De que se trata? Descreva o que sente.

Como as respostas das perguntas foram parecidas, a autora achou pertinente condensar essas mesmas respostas.

Sobre o passado de Guaratuba, a grande maioria dos respondentes mencionou conhecer sobre a história da fundação da Vila de São Luiz de Guaratuba da Marinha por meio das aulas de história do colégio, a mesma história contada pelo livro de Joaquim Mafra “A história do Município de Guaratuba”, publicado em 1952. Alguns citaram o processo de colonização e, quase todos, abordaram a catástrofe de 1968, quando houve a erosão de uma parte de baía de Guaratuba (FIGURA 20 e 21); mesmo fato que alguns segundos residentes relataram.

A erosão da Baía de Guaratuba foi um fato muito marcante para as pessoas que viviam na época, tanto que muitos ainda comentam, pois o local onde ela

aconteceu era de convívio social, religioso e político, já que alguns órgãos públicos situavam-se ali. (MAFRA, 1952).



FIGURA 20 - VISTA DO MURO DE ARRIMO E TRAPICHE, ANTES DA EROSÃO.
FONTE: BIGARELLA *et al.* (1970).



FIGURA 21 - EROSÃO DA BAÍA DE GUARATUBA – 23 DE SETEMBRO DE 1968.
FONTE: O Cruzeiro⁶⁹, 1968 *apud* CONSELHO DO LITORAL (2002, p. 15).

Quanto à cultura local e às festas tradicionais, todos os moradores entrevistados citaram a Festa do Divino como um festejo tradicional e enraizado na cultura local. Alguns, além desta festa, descreveram sobre outras festas religiosas e

⁶⁹ O CRUZEIRO. 12 out. 1968.

dos pescadores, como São José Operário, Nossa Senhora do Bom Sucesso, a festa do Cubatão, a festa da Tainha, respectivamente.

Dez dos entrevistados escreveram sobre o artesanato local realizado com cipó e com couro de peixe; apenas seis pessoas citaram o carnaval como festa tradicional, já que “o Carnaval é uma festa para os turistas virem e para os moradores aumentarem seus ‘caixas’”, conforme uma das respondentes.

Constatou-se que cinco indivíduos citaram a festa do Boi de Mamão. Segundo Furlanetto (2011), essa festa era algo bem tradicional do litoral paranaense, mas que quase nenhuma pessoa da cidade conhece ou frequenta. Os que mencionaram sobre o boi de mamão afirmaram frequentá-lo e que era uma boa opção de lazer e cultura tradicional. Cabe salientar que uma das respondentes citou o patrimônio arqueológico do município como algo bem importante para a cultura local, mas que as pessoas não conheciam, não sabiam que esse tipo de patrimônio existia e, em algumas vezes, quem tinha conhecimento dessa existência não se interessava. Ela também acrescentou que esse patrimônio encontrava-se em completo abandono e depredado, faltando uma gestão eficaz e preservação para que esse patrimônio pudesse ser valorizado pela população e pelos turistas.

A partir desses dados, pode se ver nas respostas dos moradores um conhecimento maior do passado e cultura de Guaratuba do que o dos segundos residentes, que apenas ligaram a cultura da cidade àquilo que interessava para eles e para o seu passeio. Os moradores, ao contrário possuíam várias lembranças de épocas de escola e do que estudou sobre o seu município. Tuan (1983, p. 114) afirma que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. E também relata que a história é responsável pelo amor ao lugar onde se vive e, conseqüentemente, pelo sentimento topofílico que nasce com o tempo. Por isso que o morador possui esse sentimento de pertença muito mais forte que o segundo residente, pois ele está constantemente no lugar, experienciando, observando, e se relacionando neste lugar a ponto de identificar-se com ele.

De acordo com Lee (2001), os locais servem para “encarnar” e evocar identidades e, numa perspectiva sociológica, os estudos indicam que os lugares são importantes para a criação e partilha de identidade do indivíduo ou do grupo. Acrescentando à ideia de Lee, a identidade pode ser vista como um lugar que corresponde à relação única que a pessoa tem com um ambiente físico, o qual ajuda a criar, a manter e preservar a própria identidade. As pessoas estabelecem laços

emocionais com os lugares por meio da relação com esses espaços ao longo do tempo e de suas memórias.

A nova perspectiva do sentido do lugar enfatiza a compreensão dos significados subjetivos emocionais e simbólicos associados aos lugares e à ligação das pessoas com esses lugares. Para o morador, que conhece mais profundamente a cultura e o passado do lugar, esses lugares são mais do que cenários com características físicas, são fluidos transformáveis, contextos dinâmicos de interação e memória e, por isso, passíveis de diferentes ligações e relações.

Dessa forma, a ligação das pessoas aos lugares é um fenômeno complexo que envolve interpretações sociais, psicológicas e culturais, bem como significados construídos sobre a interação indivíduo-lugar. (RELPH, 1979). Isso permite pensar que a experiência pessoal, a interação social e a história pessoal com um lugar são dimensões fundamentais na ligação que os indivíduos formam com os lugares, tornando-os parte da sua própria identidade.

Pergunta 16. Como descreve a paisagem de Guaratuba?

Todas as respostas remetiam para adjetivos positivos, bem como: bonita, simplesmente maravilhosa, magnífica, lindíssima, arborizada, exuberante e preservada, deslumbrante ao pôr do sol, bela, alimento para a alma, privilegiada, paraíso, sem igual, natural (mar e verde), agradável. Dentre as respostas, quatro chamaram maior atenção:

Única, visto que é raro termos baía e praia em uma mesma cidade (Annelise, estudante, 24 anos).

Linda, mas a paisagem é pouco aproveitada como atrativo turístico (Jéssica, comerciante, 24 anos).

Ímpar. Ver o nascer do sol na praia durante o verão ou ver o contorno da serra do mar no fim do outono na baía são alimentos para a alma (Clodoaldo, 41 anos, auxiliar administrativo).

Diversificada! Pois temos aqui paisagem natural, modificada, organizada, cultural. Contudo dinâmica e agradável (Rosane, 37 anos, professora).

Percebeu-se que, como os segundos residentes, os moradores também só atribuíram adjetivos positivos à paisagem de Guaratuba, demonstrando a satisfação de nela viver e poder contemplar a beleza natural diariamente.

A paisagens emergem de uma única paisagem, segundo as experiências e percepções das pessoas. Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido, cristalizam em suas respectivas imagens as estruturas das dimensões espaço-temporais pelas quais a realidade é formada pelo real e imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos. (GUIMARÃES, 2002).

Mediante essas marcas, são definidos os lugares inscritos em cada ângulo da paisagem, que, para Tuan (1983), constituem espaços diferenciados em sua gênese e identidade. Assim, as sequências das imagens destes lugares variam conforme as experiências ambientais, sejam estas individuais ou coletivas, sendo transformadas no decorrer do tempo em termos do seu significado e das formas de valorização dos seus componentes.

De acordo com Guimarães (2002), essa relação entre a sociedade e a natureza acontece por meio do processo de percepção e cognição ambiental (que, por sua vez, é influenciado pelos aspectos culturais e pelo inconsciente), que resultarão na atribuição de valores e nas condutas perante o meio.

A atribuição de valores, inseridos pelos seres humanos nas paisagens, demonstra o quanto estão envolvidos afetivamente com elas. Este também é o caso dos moradores e dos segundos residentes de Guaratuba, que demonstraram estar realmente envolvidos com a paisagem natural da cidade. Por isso, Collot (1990, p. 24) afirmou que a paisagem “se apresenta como uma unidade de sentidos; ela fala a quem olha.”

Os valores que se atribui às paisagens compreendem a relação estabelecida entre o indivíduo e a paisagem. Por sua vez, esta relação provém dos processos de percepção e cognição ambiental, que resultarão em sentimentos e significados em relação à determinada paisagem, valorizando-a ou desvalorizando-a. (GUIMARÃES, 2002). No que se refere ao município de Guaratuba, foi demonstrada a valorização por parte dos pesquisados. Embora, ainda que inserido no contexto de uma determinada cultura, para que um indivíduo possa ter uma percepção diferente em relação ao meio, geralmente são observáveis certos padrões de comportamento que ocorrem em relação à paisagem de uma cultura. (GUIMARÃES, 2002). No caso deste estudo, percebeu-se que, mesmo sendo de grupos sociais heterogêneos, a paisagem de Guaratuba foi percebida da mesma forma e possuindo praticamente o mesmo valor.

Desta forma, esta paisagem está carregada de significações positivas e, se ela faz sentido, como diz Collot (1990, p. 25), é porque foi “repentinamente analisada visualmente, vivida e desejada.” Como a paisagem “fala a quem olha” (COLLOT, 1990, p. 24), ela é o resultado deste relacionamento entre os moradores e o lugar e entre os segundos residentes e o lugar ao longo do tempo.

Em complemento, os conceitos de paisagem, dentro da linha fenomenológica assumem destacada importância para a geografia cultural, pois contribuem para a análise da pesquisa, fazendo ver que a paisagem contém os valores e os sentimentos que uma comunidade possui em relação à natureza.

Pergunta 17. Qual o lugar que mais gosta em Guaratuba?

Pergunta 18. O que sente neste lugar?

Para demonstrar melhor os resultados das questões dezessete e dezoito, estes foram apresentados em forma de quadro (QUADRO 6), com as preferências e sensações dos moradores.

MORADOR	LUGAR PREFERIDO	O QUE SENTE NESTE LUGAR
Lucas – 16 anos	Centro da cidade	Paz e tranquilidade
Jéssica – 24 anos	Praia de Caieiras	Tranquilidade
Natália – 61 anos	Morro do Cristo	Tranquilidade
Elayne – 21 anos	Da cidade como um todo	Sentimento de lar, onde nasci e me criei. Minha casa!
Pedro – 16 anos	Praia	Emoção de estar num lugar como este
Thaís – 18 anos	Baía	Tranquilidade
Angela – 47 anos	Praia Central	Encantamento
Indiarai – 41 anos	Praia	Aconchego
Gustavo – 21 anos	Baía	Tranquilidade
Giovanna – 18 anos	Praia dos Paraguaiois	Liberdade e paz
Simone – 35 anos	Morro do Cristo	Paz
Jonatas – 21 anos	Baía	Alegria
Fernando – 26 anos	Praia	Me sinto bem
Rodrigo R – 36 anos	Praia	Bem estar
Gisele – 33 anos	A orla	Paz, tranquilidade, a presença de Deus
Genoveva – 62 anos	Largo N. Senhora de Lurdes	Felicidade por morar em Guaratuba
Domingos – 68 anos	Baía	Paz, tranquilidade
Isabela – 17 anos	Balada	Me sinto bem e feliz
Ivan – 35 anos	Baía	Ar puro, paz e contato com a natureza
Regis – 21 anos	Praça dos Namorados, principalmente no pôr do sol	Paz por ser um lugar calmo
João – 32 anos	Praça dos Namorados	Muita alegria e vontade de viver e ser feliz
Rodrigo Trevizan – 20 anos	Praia	Muito bela e serve para encontrar os amigos, conversar e tomar um banho
Gabriel – 20 anos	Praia dos Magistrados	Bem estar
Luiz – 20 anos	Praia	Paz
Jefson – 36 anos	Calçadão da orla	Calma e tranquilidade
Fabiano – 36 anos	Praia e Baía	Paz de espírito
Elisa – 34 anos	Praia do Cristo	Sinto calma e felicidade
Neimar – 19 anos	Da Cidade	Tranquilidade
Renata – 17 anos	Praça dos Namorados	Tranquilidade
Viviane – 49 anos	Baía	Paz e tranquilidade
Eliezer – 32 anos	Praia Central	Tranquilidade, menos no verão
Silmara – 36 anos	Baía	Liberdade e amor pela cidade
Iran – 41 anos	Salto Parati	Muita harmonia com a natureza
Clodoaldo – 41 anos	Todos os 22 rios da baía	Paz
Annelise – 24 anos	Baía	Paz e sossego
Rosane – 37 anos	Praça dos Namorados	Prazer. Contemplação

QUADRO 6 – LUGAR DE PREFERENCIA E SENSACÕES

FONTE: Pesquisa de campo (2015)

Analisando-se essas respostas e o quadro 6, pôde se perceber-se que os moradores e segundos residentes compartilharam o mesmo lugar de preferência e também, em várias vezes, as mesmas sensações. A grande maioria citou a praia e a baía, ou seja, lugar de beleza natural. Mas os que citaram a Praça dos Namorados, o Salto Parati, o Morro do Cristo, Largo Nossa Senhora de Lurdes e os rios, também atrelaram seu lugar de preferência à natureza, pois todos esses lugares são lugares naturais (Salto Parati) ou com paisagem natural. Três respondentes citaram a cidade como um todo, ou seja, não houve um lugar preferido: a cidade é o “lugar”. Tornou-

se relevante observar que as sensações percebidas pelos moradores também eram praticamente as mesmas sentidas pelos segundos residentes, ou seja, tranquilidade, calma, paz, sossego, prazer, liberdade, amor, alegria, felicidade entre outros. E ainda que as pessoas não associaram nada de ruim e sempre preferiram lugares naturais e, de certa forma, bonitos, na percepção dos mesmos.

Rapoport (1978, p. 171) afirma que “a percepção ambiental é a resposta a uma sensação direta proveniente de lugares e coisas. A gente vê o mundo de modo mais ou menos igual, mas o estruturamos e avaliamos de forma distinta” (tradução nossa⁷⁰). Portanto, a percepção em relação aos lugares é afetada pela natureza dos estímulos, pela fisiologia da percepção e pelo estado do organismo, pela atenção, pela motivação e pela seletividade ou pela adaptação. Tuan (1983) associa essa percepção por certos lugares prediletos aos lugares chamados íntimos, pois, segundo ele, são nesses lugares que as pessoas sentem carinho e amor. Quando as pessoas contemplam o seu lugar preferido, parece que ele está em pausa no movimento e esta pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor. (TUAN, 1983). Já, conforme Santo Agostinho⁷¹, citado por Tuan (1983), o valor do lugar depende da intimidade de uma relação humana particular, de experiências coletivas e individuais neste lugar. Portanto, a preferência por um lugar e as sensações que afloram dele formam uma relação entre o “eu” e o lugar, baseada num conjunto de memórias, interpretações, ideias e sentimentos sobre esse lugar.

Finalmente, esses lugares preferidos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Tuan (1983) questiona: e como são estes lugares? Para ele, são transitórios e pessoais, já que podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não podem ser guardados e nem percebidos como símbolos comuns. Esse lugar deve ser aquele que, quando visitado, emociona as pessoas cada vez que nele estão; é o lugar em que se estabelecem vínculos afetivos, é o lugar em que as pessoas se sentem elas mesmas.

⁷⁰ “La percepción ambiental es la respuesta a una sensación directa proveniente de lugares y cosas. La gente vea el mundo de un modo más o menos igual, más lo estructuran y lo evalúan de forma muy distinta.”

⁷¹ SANTO AGOSTINHO. Obra não referenciada em Tuan (1983).

Pergunta 19. Relacione Guaratuba com cada um dos 5 sentidos: visão/ olfato/ tato/ audição/ paladar.

Para tornar mais fácil a leitura dos dados, eles foram apresentados em forma de quadro (QUADRO 7) e, na sequência, foram apresentadas as análises.

AUDIÇÃO	VISÃO	PALADAR	TATO	OLFATO
Ondas (19)	Encantamento (2)	Camarão (10)	Areia (18)	Ar Puro (9)
Aves (3)	Paisagens naturais (12)	Frutos do mar (7)	Umidade (12)	Maresia (20)
Motor das embarcações (2)	Nascer do sol na praia (4)	Banana (2)	Água do mar (4)	Mangue
Agito no verão (3)	Horizonte (2)	Robalo	Areia macia (2)	Mato (3)
Sons da natureza (9)	Praia (3)	Sorvete (5)		Cheiro de peixe (3)
	Beleza (3)	Sal		
	Morro do Cristo (2)	Ostra (3)		
	Muitas lojas abertas (2)	Churrasco com os amigos		
	Pôr do sol (6)	Açaí (2)		
		Água de coco (2)		
		Peixe (2)		

QUADRO 7 – CINCO SENTIDOS - MORADORES

FONTE: Pesquisa de campo (2015)

Observando-se o quadro 7, nota-se que os moradores promoveram uma análise mais crítica relacionadas aos cinco sentidos. Eles relacionaram muito mais sensações do que os segundos residentes. Muito provavelmente, isso se deu por terem maior contato com a cidade no seu dia a dia. Quanto à audição, os moradores relacionaram Guaratuba com as ondas (a maioria), mas também com o som das aves e da natureza, que é bem perceptível principalmente à noite e ao amanhecer. Outros barulhos não citados pelos segundos residentes foram o som dos motores das embarcações. Esse tipo de som, aos que moram próximo à baía, é bem frequente o ano todo. Outro som citado refere-se ao das pessoas e dos automóveis no verão, que para quem vive em Guaratuba é bem perceptível. Quanto à visão, a maioria a relacionou com as paisagens naturais, alguns com a beleza, outros com o nascer e o pôr do sol, sendo que apenas duas pessoas não relacionaram a visão com a natureza e sim com o comércio aberto, já que nos últimos anos as lojas eram fechadas fora de temporada de verão. Sobre o paladar, a maioria relacionou a cidade com frutos do mar, mas considera-se pertinente ressaltar que alguns relacionaram com água de coco, churrasco com os amigos, o sal da água do mar e

até com o sorvete, percepções não citadas pelos segundos residentes. O tato fez referência à areia e com a água do mar, conforme para a maioria dos segundos residentes. Mas doze indivíduos relacionaram o tato à umidade, situação percebida principalmente durante o inverno, quando chove muito. Quanto ao olfato, apareceram itens diferentes dos segundos residentes, por exemplo: cheiro de mato, do mangue, do ar puro. Levou-se em consideração frisar que nenhum morador demonstrou sensações ruins relacionadas aos cinco sentidos.

No que concerne aos mecanismos implicados no ato da percepção, observa-se que o primeiro nível sensorial da percepção é regido por captadores sensoriais que são uma herança da evolução da espécie. (TUAN, 1980). Mediante a isso, o contato com o ambiente exterior pode ser moldado pela sensibilidade dos captadores sensoriais, e estes diferem bastante de uma espécie animal para outra. (TUAN, 1980).

Tuan (1980) afirma que o ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio dos cinco sentidos e o órgão do sentido mais exercitado, varia de indivíduo para indivíduo e de cultura para cultura. Para Lowenthal (1985), os cinco sentidos são as variáveis de percepção, pois são a partir deles que as pessoas conseguem perceber o mundo que as cerca.

Para Santos (2011), os seres humanos dispõem de vários sistemas perceptivos: visão, audição, olfato, gosto, tato que participam da percepção do mundo exterior, e que, para Lowenthal (1985), são as variáveis de percepção. Ainda é preciso acrescentar a percepção interna do organismo que permite sentir o estado do organismo (das dores às sensações de prazer). (SANTOS, 2011). A isto, ainda pode-se juntar a percepção da posição do corpo das pessoas no meio ambiente. A partir daí, as pessoas têm o que realmente sentem em um lugar. Lembra-se, ainda, que essas sensações podem ainda ser temporárias e transitórias, já que elas evoluem de acordo com as experiências e a cultura.

Tuan (1980) salienta sua posição ao reiterar o fato de que sentimento de lugar de uma pessoa resulta da síntese de numerosos dados sensoriais, de ordem auditiva, visual, olfativa, de paladar e de tato, e acrescenta mais um componente associado à formação da percepção que é a cultura. Sendo assim, não só cada sentido constitui um sistema complexo, como também cada um deles se encontra igualmente modelado e estruturado pela cultura.

No entanto, Tuan (1980) reconhece que a estruturação do mundo perceptivo não é somente função da cultura, mas igualmente da natureza das relações humanas, da atividade e da afetividade entre os seres humanos e um lugar. É por isso que indivíduos saídos de moldes culturais diferentes podem, em muitas vezes, se enganar quando interpretam o comportamento dos outros por meio das relações sociais destes, do seu tipo de atividade ou emoções aparentes. Para Tuan (1980), a filtragem dos dados do ambiente é igualmente determinada pela atenção e motivação. Portanto, entre todos os dados captados pelos sentidos, apenas uma parte é tratada a nível consciente.

Por fim, a partir da sensibilidade dos entrevistados, observou-se que os cinco sentidos são essenciais para a autopercepção humana, que cada sentido reforça o outro, de modo que, juntos esclarecem as sensações das pessoas, revelando a sua essência juntamente com suas experiências de vida e sua cultura. E essas percepções resultarão, muito provavelmente, nas atitudes das pessoas para com o meio ambiente. (TUAN, 1980).

Pergunta 20. Em uma palavra / frase, dizer o que é Guaratuba para você?

Todos os indivíduos relacionaram Guaratuba com algo positivo. Apenas um respondente descreveu “lugar de contrastes (sazonalidade)” que remete ao problema socioeconômico que os moradores enfrentam todos os anos. Os demais relataram que a cidade era boa, um paraíso, sossego, “lugar que quero viver e ajudar no seu desenvolvimento”, minha casa, evolução, “a melhor cidade para morar”, “meu lar”, excelente, maravilhosa, bem frequentada, natureza, intensa, tranquila, ótima, conforto, vida, terra de ecoriquezas, “meu lugar no mundo”, “amor, “meu coração” e linda. A partir da condensação das respostas, observou-se que há o sentimento topofílico dos moradores, isto é, a existência do afeto declarado dos moradores pela cidade onde nasceram ou escolheram para viver.

Tuan (1980, p.106) afirma que:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mas permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 106).

Lee (2001) argumenta que o sentimento de topofilia refere-se ao processo pelo qual as pessoas formam laços emocionais, temporários ou de longo prazo, com os lugares. Em outras palavras, conforme Silva (2011), pode ser chamado de “sentido de pertença”, o “sentir o lugar” ou o “estar em casa”, e é considerado como um sinal de que o indivíduo criou laço afetivo com um local.

Implicitamente, o conceito de topofilia pode ser definido como um conceito positivo, assumindo-se que estar ligado a um lugar é algo bom e que esta condição psicológica traz efeitos benéficos para as pessoas e para as comunidades. (SILVA, 2011).

Pergunta 21. O que pensa do futuro de Guaratuba?

Abaixo seguem algumas respostas para posterior análise.

Novas possibilidades, novos investimentos e um desenvolvimento turístico mais equilibrado entre o social e o ambiental (Rosane, professora, 37 anos).

Crescimento populacional, mais visibilidade, porém acompanhados dos problemas que isso traz (Annelise, estudante, 24 anos).

Uma cidade turística que tenha infraestrutura para receber bem os seus visitantes. O governo municipal não deveria primar pela quantidade de turistas, mas sim pela qualidade dos que aqui vêm (Clodoaldo, auxiliar administrativo, 41 anos).

Que devemos cuidar e preservar nossa baía e nossas praias, para que continuem sendo belas e acolhedoras (Silmara, professora, 36 anos).

Espero que melhore, mas tenho medo, pois quase tudo depende de fatores econômicos e do governo (Eliezer, empresário, 32 anos).

Preocupante, o município deve se preocupar com as ocupações irregulares, efetivar o plano diretor, para um desenvolvimento nos padrões de sustentabilidade (Viviane, engenheira florestal, 48 anos).

Que os governantes se preocupassem mais com a população e não somente com os nossos turistas (Renata, estudante, 17 anos).

Mais atenção na área da saúde, pois em muitas situações é necessário recorrer às outras cidades (Neimar, estudante, 19 anos).

Que a cidade fosse governada da forma certa, valorizando a comunidade, as belezas naturais, a cultura e o turismo que fazem parte da cidade. Se bem planejada, a cidade teria mais motivos para crescer e dar bem-estar aos seus moradores e visitantes (Elisa, comerciante, 34 anos).

Enquanto não encararmos que nossa potencialidade está voltada para o desenvolvimento de atividades de turismo em suas diversas modalidades, continuaremos fadados a viver o círculo vicioso sazonal (Fabiano, professor e militar, 36 anos).

Penso que seremos uma cidade com mais qualidade de vida e desenvolvimento turístico e socioeconômico (Jefson, professor, 36 anos).

Que precisamos de mais saúde, mais empregos e mais segurança (Luiz, vendedor, 20 anos).

Que temos que diversificar o produto turístico para minimizar os efeitos da sazonalidade (Gabriel, recepcionista de hotel, 20 anos).

Que a cidade deveria se desenvolver sem depender tanto da praia (Rodrigo, motorista, 20 anos).

Penso que é uma cidade que só tende a crescer com a atividade turística; a cada ano que se passa, mais e mais pessoas estão vindo para Guaratuba, precisamos investir em infraestrutura para acomodar essas pessoas, precisamos ter investimentos como esse da nova orla, por exemplo. Não podemos nos esquecer do tratamento do esgoto porque é um item sobre o qual os clientes do hotel questionam no ato da reserva (João, gerente de hotel, 32 anos).

Acredito que esta cidade tenha um futuro brilhante pela frente e ainda será tão frequentada e bem falada como as praias de Santa Catarina (Regis, comerciante, 21 anos).

Tem muito potencial para crescer turisticamente (Ivan, administrador, 35 anos).

Andando a passos lentos para a prosperidade (Domingos, marinheiro aposentado, 68 anos).

Acredito que com o crescimento da atividade turística haverá melhor acesso à cidade (Genoveva, aposentada, 63 anos).

Espero que os responsáveis pela cidade não pensem só no dinheiro, mas sim, no bem-estar dos moradores e dos turistas (Gisele, pedagoga, 33 anos).

Penso que Guaratuba precisa de uma gestão inovadora e sem laços político/familiares com as últimas gestões, pois a cidade há anos é governada pela mesma elite que não faz nada. Ou inovamos, ou será sempre desse jeito (Elayne, auxiliar administrativo, 21 anos).

Que um dia sejamos modelo de desenvolvimento turístico e possamos atrair mais pessoas de vários lugares do mundo (Thaís, vendedora, 18 anos).

Será melhor, terá várias atrações na cidade; espero que seja mais limpa também (Pedro, estudante, 16 anos).

Acredito em um futuro promissor, com mais turistas, mais comércios e empregos (Jéssica, comerciante, 24 anos).

Nessa questão, pode-se perceber a preocupação dos moradores com o futuro da atividade turística na cidade. O município é considerado turístico, de acordo com a Lei Federal 6.513/1977, e oferece principalmente o turismo de “sol e praia” ou de “balneário”. A geração de emprego e renda está vinculada a atividade turística, que por sua vez é sazonal, já que a cidade recebe milhares de turistas nos três meses de temporada veraneia e depois fica funcionalmente ociosa.

Dessa forma, verifica-se que a atitude do morador perante o lugar é muito mais valorizada que a do segundo residente. Tuan (1980) considera que a atitude assumida do morador perante a sua cidade é formada por longa sucessão de percepções e experiências. As atitudes adotadas pelas pessoas com o turismo espelham seus interesses e seus valores, refletindo sua visão de mundo.

Para Vernon (1971), o conhecimento do espaço turístico, de seus componentes e dos movimentos que nele ocorrem, deve ser valorizado, uma vez que possibilita a sensação de segurança e permite o aparecimento de respostas apropriadas nos momentos de tomada de decisão. Assim, por meio de informações, percepções e experiências o homem procura conhecer os lugares, e apreende formas de ação.

Para Xavier (2007), as relações das pessoas com os lugares turísticos, dos quais fazem parte, processam-se a partir da percepção que deles os indivíduos têm, das atitudes neles tomadas e dos valores a eles atribuídos. Ele ainda ressalta que são variadas as maneiras que as pessoas percebem e avaliam os espaços do turismo e também são inconstantes as atitudes das pessoas, pois refletem variações individuais, bioquímicas, psicológicas, antropológicas e, de maneira relevante, seu estilo de vida.

Tuan (1980) ainda avalia que a topofilia está intimamente ligada com a atitude e o sentimento de identidade em relação ao lugar. A partir do momento que um morador avalia, critica e analisa seu espaço de vivência, ele está tendo uma atitude em relação a este lugar, já que a atitude sugere um posicionamento do indivíduo em frente a este lugar. A identidade com um lugar surge da ligação simbólica entre a pessoa e o lugar, referindo-se ao conjunto de sentimentos associados a um espaço, conforme Silva (2011). Relph (1979) avalia que quanto maior foi o sentimento de pertença do indivíduo com o lugar, maior será a sua identificação com ele. Para esse

estudioso do assunto, o morador pode ser considerado o “*insider*”, que é aquele que está profundamente ligado ao lugar e que nele vive experiências genuínas e autênticas.

Sendo assim, diferentes grupos socioculturais, como moradores e segundos residentes, produzem distintas relações com um mesmo lugar, podendo possuir o mesmo sentimento topofílico, como visto nas pesquisas. Devido aos modos de vida distintos, atribuem significados e aspirações desiguais, criando, conseqüentemente, laços distintos, embora afetivos.

Por meio das respostas dadas a essa questão, constatou-se a importância da atividade turística para a cidade e da percepção de quem experimenta as intervenções da atividade nas suas relações profissionais, sociais, pessoais e familiares.

Pergunta 22. O que pensa dos turistas de segunda residência?

A grande maioria dos respondentes afirmou que os segundos residentes eram necessários. Metade deles afirmou que, sem os segundos residentes, a cidade não cresceria, já que grande parte da renda da cidade partia do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) pago pelos turistas de segunda residência, além da renda do comércio advinda do consumo deles na cidade nos finais de semana e feriados fora de temporada de verão. Quinze dos moradores entrevistados ainda acrescentaram que muitas famílias estavam empregadas por serem caseiras ou algum membro da família ser zelador de prédio ou diarista nas casas ou apartamentos dos segundos residentes. Nenhum respondente disse ser contra esse tipo de turismo.

A atividade turística prima pela relação harmoniosa entre visitantes e moradores e pelo que se percebeu nas respostas da pergunta vinte e dois, o município encontra-se também dependente economicamente do segundo residente, podendo até afirmar que os moradores poderiam ser, sociologicamente falando, submissos a esses visitantes. A expansão turística tem sido frequentemente associada à possibilidade de incitar o desenvolvimento das localidades e isso se deve em grande medida à exaltação dos benefícios econômicos que a atividade implica aos destinos em que ocorre. (OLIVEIRA, 2005).

Analisou-se, a partir desta e de outras questões, que tanto moradores quanto segundos residentes demonstraram querer o melhor para Guaratuba; os primeiros, por este ser o lugar onde suas relações sociais, profissionais, pessoais e familiares

aconteciam e, os demais, por quererem um lugar adequado, bonito e próspero para as suas horas de descanso e lazer.

De qualquer forma, o que se observou em ambos os grupos no decorrer dos questionamentos foi o sentimento topofílico, já que, mesmo culturalmente diferentes, demonstraram afeição pelo lugar, seja pelo senso de lealdade, a partir dos seus elos com a natureza, seja pelas experiências nele proporcionadas.

Para os moradores, os segundos residentes frequentes poderiam auxiliar no crescimento da cidade e, desta forma, minimizar os efeitos negativos advindos da sazonalidade (principalmente econômicos), já que muitos visitam a cidade em várias épocas do ano e consomem produtos e serviços, podendo, assim, melhorar a economia local em outras épocas além do verão.

4.1.4 Considerações acerca da pesquisa de campo

Sobre os lugares, eles podem despertar os mais diversos sentimentos nos indivíduos. O perceber e o sentir estão intimamente ligados aos significados que fazem a leitura cultural de uma realidade vivida de um lugar experienciado. Portanto perceber o ambiente e interpretá-lo passa por uma leitura de sentidos e de sentimentos ofertados, do fazer sentir por estar em determinado lugar.

No que se refere à percepção, ela se constrói em função dos interesses do sujeito e a forma como o mundo é percebido depende do comportamento desse sujeito. Algo percebido é o resultado de um conjunto de informações selecionadas e estruturadas resultantes das necessidades, interesses, experiências, memória e níveis de conhecimento dos indivíduos.

Diante disso, o estudo da percepção torna-se uma importante ferramenta em busca da relativização entre o objetivo e o subjetivo, entre as pessoas e um lugar, podendo gerar uma melhor compreensão da interrelação entre o homem e o ambiente. Para Tuan (1980), a percepção do ambiente é a tomada de consciência e a compreensão pelo homem do ambiente no amplo sentido e ela deve ser considerada bem mais abrangente que uma percepção sensorial, baseada em apenas um dos sentidos humanos, como a visão ou audição. Logo, é na complexidade dos sentidos que a percepção aparece, particularizando significados, apropriando-se de lugares, espaços vividos, percebidos e representados.

Cada indivíduo percebe o mundo de forma diferente, relacionando-o ao seu interesse, interpretando-o de acordo com seu modo de vida. Merlau-Ponty (1994) argumenta que o mundo é aquilo que as pessoas percebem, não é aquilo que elas pensam, mas aquilo que elas vivem. O que permite ponderar que olhar em volta e se reconhecer como integrante da paisagem faz parte do processo de construção de um lugar.

As diferentes formas de percepção do espaço provocam uma gama de informações, que, por vezes, geram uma rede de significados, ligados intimamente aos sentimentos de cada indivíduo. (SILVA, 2011). Neste contexto, as paisagens passaram de um conjunto de estruturas meramente físicas, do belo e do cênico, para fazer parte da construção do ser social dos dois grupos, moradores e turistas de segunda residência, pesquisados nesta tese.

Nesta ótica, perceber e interpretar um lugar também se torna uma lição de (re)descoberta, de (re-)conhecimento, (re-)construção, (re-)velação do lugar, desestabilizando antigos níveis de cognição, estimulando outras experiências, percepções, sentimentos, emoções, descobrindo outros ângulos da realidade ambiental, seja em relação à paisagem, como em relação à individualidade e à visibilidade dos espaços e lugares. (GUIMARÃES, 2002).

Assim, a partir dos questionamentos e da observação foi que apareceram as atitudes, a cognição e os valores que estes indivíduos questionados apresentaram para com o turismo, com a paisagem, com o lugar e com o espaço vivido.

Todavia antes de demonstrar tais análises, considerou-se ser relevante salientar a verificação da existência do sentimento topofílico registrado nos dois grupos pesquisados e observados.

A experiência com o turismo induz à reflexão da existência destes espaços e lugares, pois as paisagens circunscritas aos mesmos envolvem a vida dessas pessoas e trazem recordações e sentimentos de afeto. Estes são renovados a cada experienciar, redefinidos sob planos de representações variadas, resultantes do próprio espírito humano: inquiridor, descobridor, criativo e imaginoso.

Tuan (1983) argumenta que o espaço físico é essencial para a recordação da história vivida, pois na busca de um tempo vivido, as pessoas criam vínculos com esses espaços, dotando-os de valor e transformando-os em lugar. O lugar experienciado, neste caso, Guaratuba, não se constitui de espaços alienados, está investido de afetividade e de significações valorativas por ambos os grupos.

Este sentimento topofílico identificado nos dois grupos reforça a ideia de que estes, por questões temporais, pessoais, sociais, legais e de estilo de vida mantêm esta ligação com este lugar que resulta das condições específicas deste espaço e das características dos indivíduos. Considerou-se também ter ficado evidenciado que muitas percepções foram diferentes, já que os moradores demonstraram ter a cidade não apenas como lugar, mas como seu espaço de vivência, ou seja, seu espaço vivido. Assim, os residentes tendem a ser mais afetivos e críticos com o lugar por ter uma compreensão mais complexa dele, baseada em suas experiências diretas e mais frequentes. No caso de Guaratuba, os moradores apresentaram vínculos mais profundos, pois é neste espaço que acontecem as relações pessoais, sociais, profissionais e familiares. Os segundos residentes, embora tenham demonstrado se importar em manter este vínculo, demonstraram possuir uma forma de socialização e existência distinta daquelas dos moradores, tendo uma percepção de “outsider” e, por isso, valorizaram e ligaram-se aos lugares de seu interesse e não de interesse da comunidade como um todo.

Quanto ao vínculo de identidade com o lugar, geralmente aconteceu mais efetivamente com os moradores, pois estes desenvolvem um sentimento de pertença, identidade, dependência em relação a determinados locais ao ponto de considerá-los o “seu lugar”. (SILVA, 2011). Supostamente, os segundos residentes dificilmente criam vínculos identitários com a comunidade local, pois para que isso aconteça, a pessoa precisa vivenciar este espaço de forma integral e não apenas em certos períodos.

Após demonstrar a existência do sentimento de topofilia pelos grupos pesquisados, faz-se a apresentação da análise das atitudes, cognição e valores destes grupos em relação ao turismo, à paisagem, ao lugar e ao espaço vivido.

As experiências com o lugar são expressas de maneira singular, especial, sendo então, assim compreendidas e compartilhadas, adquirindo também os seus próprios referenciais, inscritos no contexto espacial por meio de situações concretas ou abstratas, mas gravados no decurso de todos os dias da vida destes dois grupos. Para Tuan (1983, p. 203), “sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos”. O lugar vivenciado, neste caso Guaratuba, é com toda a força de expressão, registrado nas faces, nos corpos, e, sobretudo, nas representações e no olhar, já que é no fundo dos olhos que as pessoas trazem as paisagens interiorizadas, vindas

à luz por intermédio de experiências e percepções exteriorizadas em atitudes, condutas, emoções, de acordo com Tuan (1983).

Analizando a percepção do turismo dos segundos residentes, e levando em consideração suas atitudes, que seriam seu posicionamento frente ao fenômeno, percebeu-se que estes demonstraram ter em Guaratuba seu lugar de lazer e descanso. Dentro daquilo que estavam usufruindo, demonstraram acreditar que a cidade lhes proporcionava aquilo que eles precisavam, sendo menos críticos que os moradores. Mediante as respostas dos segundos residentes, percebeu-se a preocupação deles com o crescimento da cidade, da necessidade de melhorias em infraestrutura básica e turística, principalmente aquelas relacionadas às questões médico-hospitalares, de segurança e de saneamento. E essas preocupações e atitudes são relativas àquilo que os estava atingindo mais diretamente.

Como os segundos residentes não demonstraram conhecer profundamente a dinâmica da cidade, pois a visitam de tempos em tempos, não perceberam situações importantes para o seu desenvolvimento.

Já os moradores, que vivenciavam a atividade no seu dia a dia, demonstraram possuir atitudes mais críticas e buscaram melhorar o “seu lugar” e a atividade turística, que neste contexto, é um dos principais meios para o desenvolvimento da localidade que vivencia o fenômeno nas suas relações. Constatou-se ainda que os moradores demonstraram possuir um olhar crítico para a prática do turismo, percebendo que este poderia valorizar seus patrimônios culturais, naturais e ainda gerar emprego e renda. Assim, considerou-se ser necessário ressaltar que a relação entre moradores e turistas deve ser harmônica e se caracterizar por ser nutrida de interesses de ambas as partes.

Esse olhar crítico, tanto dos turistas de segunda residência quanto dos moradores, tem grande importância para o desenvolvimento turístico local, pois as comunidades podem desempenhar uma forte influência em qualquer processo de mudança que ocorra nas suas localidades, bem como o processo de desenvolvimento dessa atividade. A partir daí, entendeu-se que conhecendo melhor as percepções e anseios da comunidade local é que a atividade turística poderá se desenvolver de forma satisfatória e adequada para ambas as partes, moradores e visitantes.

Utilizando a variável cognição, que é o ato ou processo de conhecer por meio do pensar, da memória, da imaginação e da percepção, identificou-se que os

entrevistados realmente conheciam a realidade de Guaratuba. Tanto moradores, quanto segundos residentes, demonstraram possuir uma postura em relação ao turismo na cidade, à paisagem e ao lugar.

Enquanto para o morador a cidade era “o lugar”, o seu meio de sustento e onde as suas relações estavam acontecendo diariamente e, na maioria das vezes, vinculadas à atividade turística, para o segundo residente esse “lugar” foi onde aconteciam momentos de lazer e descanso e cuja atividade turística se desenrolava. Para os segundos residentes, Guaratuba, de certa forma, pareceu exercer fascínio e interesse fazendo com que se criasse uma forte ligação entre ambos, visitante e lugar. Tuan (1980) menciona que a partir do processo de conhecimento de um lugar, pode-se desenvolver uma ligação a um destino devido às atividades que nele se desenvolvem ou devido ao que o lugar em si simboliza para as pessoas. Assim, há várias razões pelas quais as pessoas se sentem atraídas por lugares de ambientes naturais (como a praia) e que por esses espaços, com o tempo, criam e reforçam ligações por meio do ato de conhecer, de refletir e de perceber o lugar.

Quanto ao valor, pode-se dizer que a atividade turística valoriza a cidade. Dos múltiplos e variados motivos para se viver em uma cidade praiana, o ambiente saudável e um estilo de vida simples podem ser considerados os principais. Conforme Tuan (1980), o sentimento pela natureza e vida fora dos grandes centros é encorajado pelas pressões da vida urbana. Dessa forma, as cidades que possuem algum atrativo natural passam a ter alguns valores importantes para a atividade turística e para as pessoas que nelas vivem e/ou delas usufruem.

Para o segundo residente, o valor estava na fuga do cotidiano da cidade grande, nos momentos em contato com a natureza, na companhia da família e dos amigos na praia, no tempo de lazer e descanso junto ao mar. Já para o morador, as atividades vinculadas ao turismo estavam sendo, em muitos casos, o seu meio de sustento; o turismo sendo visto como uma possibilidade de redenção econômica, principalmente na temporada de verão. Seu valor reside na importância do desenvolvimento da atividade para o desenvolvimento da localidade. A atividade turística, ao incitar o investimento em infraestrutura, por exemplo, pode trazer benefícios para a comunidade anfitriã. E o morador demonstrou querer a cidade bela e estruturada para viver e para receber bem o turista.

Quanto à paisagem, tanto os moradores quanto os segundos residentes demonstraram possuir percepções e atitudes parecidas, já que ambos vincularam a paisagem às belezas naturais como praia e baía e atribuíram os mesmos valores.

A paisagem se constrói a partir das relações entre os seres humanos e a natureza, ao longo do tempo. E esta relação entre a sociedade e a natureza acontece através dos processos de percepção e cognição ambiental (que, por sua vez, é influenciado pelos aspectos culturais e pelo inconsciente), que resultarão na atribuição de valores e nas condutas perante o meio. (RISSO, 2008).

A atribuição de valores nas paisagens demonstra o quanto se está envolvido afetivamente com elas, como é o caso dos moradores e dos segundos residentes de Guaratuba. Dessa forma, Collot (1990, p. 24) afirma que a paisagem “se apresenta como uma unidade de sentidos, ela fala a quem olha.” Os valores que as pessoas atribuem às paisagens compreendem a relação estabelecida entre o indivíduo e a esta mesma paisagem. Por sua vez, essa relação provém dos processos de percepção, de atitude, de cognição e de valorização, influenciados pelos aspectos culturais e pelo inconsciente, que resultará em sentimentos e significados em relação à determinada paisagem, valorizando-a ou desvalorizando-a. No caso de Guaratuba, verificou-se existir a valorização da paisagem, já que esta paisagem foi carregada de significações positivas e, se ela faz sentido, como diz Collot (1990, p. 25) é porque foi “repentinamente analisada visualmente, vivida e desejada”.

Como a paisagem “fala a quem olha” (COLLOT, 1990, p. 24), ela é o resultado deste relacionamento entre moradores e o ambiente e entre segundos residentes e o ambiente ao longo do tempo.

Já no que se refere às categorias lugar e espaço vivido, pôde verificar-se uma ligeira divergência entre eles, já que seus conceitos foram parecidos. O lugar surge como uma unidade do espaço físico, mas este espaço só se torna lugar a partir do momento que as pessoas colocam suas experiências, suas relações e seus afetos. É onde o ser humano se encontra ambientado. Para Tuan (1983) o lugar é sinônimo de segurança, estabilidade e liberdade. O espaço se torna lugar quando o indivíduo o valoriza e estabelece vínculos emocionais.

Já o espaço vivido é estabelecido pelas relações das pessoas com e nos lugares. Essas relações podem ser com o ambiente físico, podem ser com outras pessoas (por meio do trabalho, dos interesses, do cotidiano), é o mundo onde as

peças se interrelacionam, é onde o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações.

Assim sendo, Guaratuba pode ser considerada como o “lugar” de moradores e segundos residentes, pois ambos demonstraram possuir este vínculo emocional e de valor com a cidade, sua paisagem e seus ambientes (naturais e construídos), e ter por esse município atitudes mais profundas e críticas. Muitas vezes, para o segundo residente, a cidade não era o lugar, mas a praia era o lugar, já que é nela que ele estabelece seus vínculos com o ambiente. Mas, considera-se que Guaratuba é um espaço vivido do morador, pois ele é efetivamente que se interrelaciona com os demais e estabelece um sistema de relações neste lugar por um período maior de tempo. Portanto, para o morador a cidade é o seu lugar e seu espaço vivido.

Diante deste estudo, ressaltou-se que uma ligação desenvolvida positivamente com o lugar, a partir de experiências diretas ou indiretas, acaba por afetar a percepção e consequente a avaliação que dele se possa fazer.

Compreender um lugar é, portanto, compreender uma relação possível entre questões sociais, econômicas, sociais, familiares, políticas e pessoais e teias de significações e vivências expressas localmente sem perder de vista suas relações estruturais globais ou as novas relações espaciais determinadas por um mundo em constante mutação. É exatamente essa essência constantemente em movimento, essa capacidade de responder aos estímulos internos e externos com diferentes velocidades, essa qualidade da permanência (material, afetiva e simbólica) associada à permeabilidade de processos influenciadores de sua modificação (material, afetiva e simbólica) que faz com que um lugar seja um permanente desafio sobre a sua compreensão e a compreensão do mundo. (FERREIRA, 2000).

Por fim, enfatiza-se que neste estudo foi proposto analisar a percepção de moradores e segundos residentes no município de Guaratuba, situado no estado do Paraná, e identificar o sentimento topofílico destes dois grupos culturalmente heterogêneos com relação à cidade: residentes e segundos residentes.

A partir disso, verificou-se que os resultados da pesquisa de campo indicaram que os residentes expressaram uma maior ligação emocional, através de um forte sentimento de pertença, identidade e dependência, do que os segundos residentes. Passou-se a considerar, então, que este fato veio a reforçar a ideia de que, efetivamente, diferentes grupos socioculturais como os residentes e os turistas de

segunda residência desenvolviam distintas relações com o mesmo lugar, embora possuíssem o elo afetivo com o lugar. E que, devido aos modos de vida diversos, atribuíram valores desiguais ao mesmo espaço, criando, em consequência disso, laços distintos. Não obstante, dada a sua permanência transitória, os segundos residentes mostraram-se ser menos territoriais, com uma ligação menos forte ao destino que os moradores. Por outro lado, tendendo a serem mais territoriais, os moradores desenvolveram ligações mais profundas que os segundos residentes; talvez isso se dê por aqueles terem criado uma maior relação com esses espaços ao longo do tempo e porque tinham uma compreensão mais complexa do local, baseada nas suas experiências diretas e mais frequentes com o mesmo.

5 CONCLUSÃO

A iniciar este estudo, a proposta foi a de destacar a importância da percepção de indivíduos culturalmente heterogêneos (moradores e segundos residentes) com relação ao turismo no município de Guaratuba, localizado no litoral do Estado do Paraná, referenciando a contribuição da abordagem perceptiva e fenomenológica para os estudos do turismo e destacar o lugar e o espaço vivido por aquelas pessoas que, de uma maneira ou de outra, estavam envolvidas com a atividade turística. Para tanto, levou-se em consideração o sentimento das pessoas, seus laços afetivos com o meio ambiente e suas atitudes com relação ao lugar.

Constatou-se que, nos estudos sobre a atividade turística, os pesquisadores estão cada vez mais buscando se basear em uma abordagem humanista a fim de que, encontrando fundamentos na fenomenologia, valorizem as experiências e vivências do homem no meio ambiente e nos lugares visitados, buscando desenvolver a ideia de sentimento de pertença e identidade.

Dessa forma, o turismo se destaca como fenômeno social e, como tal, apresenta coerência caso seja considerada a conduta das pessoas no ambiente. Diante disso, buscaram-se esclarecimentos ligados à cognição, à atitude e ao afeto das pessoas com o lugar visitado pelos turistas, que também é o espaço vivido por aquelas pessoas que os recebem.

No início deste estudo, foram propostos alguns questionamentos que balizaram a pesquisa, sendo eles: Se as transformações trazidas pelo turismo em Guaratuba eram bem-vindas, rejeitadas, ignoradas, necessárias? Como as pessoas percebiam as modificações no seu espaço de vivência? Qual a importância da paisagem para essas pessoas? Quais sentimentos e experiências emanavam, estando neste lugar?

Pôde-se afirmar que a partir das análises dos dados que foram coletados em campo, estas questões foram respondidas de forma plena e satisfatória, pois tanto moradores quanto segundos residentes manifestaram perceber as transformações trazidas pela atividade turística como algo bom e necessário, e isso por ser Guaratuba considerada uma cidade turística e dependente do desenvolvimento da atividade para crescer e melhorar sua infraestrutura e serviços.

Quanto às modificações no espaço de vivência, na sua grande maioria, os resultados da pesquisa demonstraram que os entrevistados buscavam um lugar melhor para viver e para servir aos turistas.

Já no que se refere à paisagem, percebeu-se a importância que ela tem para a definição do vínculo afetivo com um lugar e, em relação aos respondentes, considerou-se ter ficado nítido o envolvimento dos indivíduos com a paisagem de Guaratuba.

O último questionamento foi sobre os sentimentos e experiências que aconteciam no lugar, neste caso, Guaratuba. Percebeu-se nas respostas, que as pessoas foram profundas em relatar seus sentimentos, pois ressignificaram lembranças boas, cheiros, cores, odores entre outros, evidenciando a importância dos cinco sentidos nos estudos de percepção.

A partir desses pontos questionadores, a autora sugeriu algumas hipóteses de estudo, cujos resultados são comentados a seguir:

Hipótese 1: Os moradores e segundos residentes percebiam e se relacionavam com o ambiente da mesma maneira.

Por mais parecido que tenham sido os sentimentos dos respondentes, esclareceu-se que estes não perceberam e se relacionaram da mesma forma com o lugar. Enquanto os moradores se preocupavam com a cidade como um todo, não apenas os atrativos turísticos e locais de lazer, os segundos residentes estavam mais preocupados com a praia e com a estrutura da cidade para atender seus momentos de lazer e descanso. Tem-se, então, o relacionamento do morador com o lugar sendo muito mais profundo e seu vínculo muito mais forte e duradouro que o dos segundos residentes. Portanto, essa hipótese não se confirmou, já que os moradores e segundos residentes se relacionavam e percebiam o ambiente de maneiras diferentes.

Hipótese 2: Para moradores e segundos residentes, a atividade turística modificava e muitas vezes destruía o espaço de vivência da pessoas.

Embora, ambos tenham percebido a importância da atividade turística para o município, eles observaram que a atividade massiva na temporada de verão acabava por modificar, danificar e até muitas vezes destruir os espaços onde aconteciam essas relações. De fato, pode-se afirmar que em algumas situações, para o efetivo funcionamento do turismo, parte-se da apropriação e comercialização de um espaço e de tudo que ele contenha para o seu desenvolvimento e que, nesse

processo de adequação do espaço ao consumo turístico, muitas das suas características originais são perdidas. (YÁZIGI, 2009). E isso foi percebido claramente pelas pessoas que vivenciavam este lugar com frequência. Logo, essa hipótese foi amplamente confirmada.

Hipótese 3: As atitudes de moradores e segundos residentes são diferentes.

Quanto às atitudes, verificou-se que elas realmente foram diferentes entre os dois grupos. O morador foi muito mais profundo nas suas avaliações em relação ao lugar, pois seu vínculo afetivo temporal com a cidade era maior. Os segundos residentes tenderam a ter atitudes relacionadas aos seus espaços de lazer e descanso e serem menos criteriosos que os moradores. Mesmo sendo identificado o sentimento topofílico nos dois grupos, as atitudes deles estiveram relacionadas com os seus interesses para com o lugar. Mediante essa constatação, essa hipótese também foi confirmada.

Hipótese 4: O morador perceberia nuances mais fortes do ambiente, valorizando-o, enquanto o segundo residente trataria o lugar apenas como cenário para suas férias e momentos de lazer e descanso.

Realmente os moradores demonstraram possuir uma percepção mais aguçada com relação ao espaço, criando vínculos mais fortes, dando mais sentido e valor ao lugar. O segundo residente, embora preocupado com o lugar, muitas vezes estabelecia este vínculo com os lugares/ espaços de seu interesse, tornando-os apenas cenários para seus momentos de lazer e descanso. Entretanto alguns segundos residentes também passaram por experiências importantes nestes espaços e acabaram por dotá-los de valor. A diferença foi a de que o morador valorizou tudo no seu lugar, ou seja, Guaratuba em sua amplitude; já o segundo residente tendeu apenas a valorizar os ambientes que faziam parte das suas experiências de lazer e descanso, por exemplo: a praia, o centro da cidade e a Baía. Visto assim, essa hipótese foi considerada parcial, já que muitas vezes o lugar não foi considerado “apenas” cenário para os segundos residentes.

O objetivo principal desta tese foi o de realizar um estudo e analisar a percepção dos moradores e segundos residentes do município de Guaratuba, situado no litoral paranaense, sobre o turismo, procurando identificar o sentimento topofílico e, a partir das análises teóricas e de campo, relacionar implicações do estudo da percepção para a ciência e para o município. Para que esse objetivo fosse alcançado, tornou-se necessário situar Guaratuba e suas características no contexto

do estudo, desenvolver uma revisão bibliográfica sobre a investigação em turismo realizada até ao momento, particularmente em seus conceitos e importância, sobre o turismo de segunda residência, já que uma parte dos indivíduos questionados era constituída de segundos residentes, e também sobre o turismo sazonal, pois Guaratuba é considerada um município turístico, conforme Lei Federal 6.513/1977, com a prática de turismo de sol e praia e, conseqüentemente, sazonal. Também se procurou tecer considerações relacionadas à geografia cultural e à geografia humanista, com abordagem fenomenológica, atrelando estes conceitos à percepção geográfica e à tofília, a fim de trazer a importância da paisagem, lugar e espaço vivido para o estudo da percepção do turismo. A partir do estudo empírico, teve-se oportunidade de desenvolver uma análise relacionando a revisão teórica com os dados coletados em campo e relacionar as implicações do estudo da percepção para a ciência e para o município. Pôde-se afirmar, então, que o objetivo geral e os objetivos específicos foram contemplados.

E dentro do aporte metodológico, além de abordar conceitos sobre o tema central, a autora analisou qualitativamente os dados provenientes de 47 questionários, contendo estes 22 perguntas abertas, e que foram respondidos por 36 moradores e 11 segundos residentes. Utilizou-se também a observação participante assistemática natural, para discutir os assuntos abordados, o que se considera ter acontecido de forma satisfatória e que muito auxiliou na contemplação dos objetivos propostos. Constatou-se, desta forma, que este conjunto metodológico, com abordagens teóricas e procedimentos práticos, pode servir como sugestão para outros pesquisadores com questões semelhantes.

Como temática subjacente à percepção do turismo, verificou-se ainda a ligação afetiva, ou seja, o sentimento tofílico dos moradores e dos segundos residentes com o lugar. Os resultados indicaram que os moradores expressaram uma maior ligação emocional, através de um forte sentido de pertença, identidade e dependência, que os segundos residentes e que, também, demonstraram este elo afetivo, mas de forma menos intensa. Este fato reforçou o pensamento de que, efetivamente, diferentes grupos socioculturais como os moradores e os segundos residentes desenvolvem distintas relações com o mesmo lugar, mas mantêm o elo de afeto construído através do tempo. Assim sendo, ficou esclarecido que muitas percepções foram diferentes, já que os moradores demonstraram ter a cidade não apenas como lugar, mas como seu espaço de vivência, ou seja, seu espaço vivido.

Assim, os moradores tenderam a ser mais sensibilizados, com ligação mais profunda com o lugar, por ter uma compreensão mais complexa da localidade, baseada em suas experiências diretas e mais frequentes. Dada a sua permanência transitória, os segundos residentes tenderam a ser menos afetivos, com uma ligação menos forte com o lugar.

Por considerar o homem como ser ativo, constatou-se que o estudo sobre percepção mostrou-se como uma forma de encontro com um lugar e com o outro. Por toda a riqueza e dimensão que o termo possui, é que se pode trabalhar com as teorias abordadas relacionando turismo, paisagem, lugar e espaço vivido. Aliado à percepção, está também o conjunto de representações construídas e re-construídas na vivência cotidiana que configura e re-configura a materialização das territorialidades e das afeições com um espaço de vivência.

Quanto às implicações, levou-se em consideração que tal tipo de investigação poderia ter desdobramentos associados tanto à ciência quanto para os municípios, pois esta tese poderia contribuir com novos olhares para o estudo da atividade turística e um conteúdo como este poderia ser utilizado em projetos de desenvolvimento da atividade nos municípios. Afinal, providenciar o interesse público pelos espaços de sol e praia não é somente tarefa dos cidadãos e dos órgãos governamentais, mas também dos cientistas através dos seus estudos.

Aprender sobre o turismo em áreas de balneários, de certo modo, ultrapassa a simples aquisição de informação. Uma pesquisa como esta permite um profundo conhecimento da importância do estudo das pessoas que vivem nesses lugares e pode reforçar a consciência para a relevância e necessidade da sua preservação e de seu desenvolvimento ordenado e planejado.

Espera-se, assim, que este trabalho possa contribuir para essa tomada de consciência científica e, conseqüentemente, cívica e social. Nesta tese se buscou analisar a percepção de moradores e segundos residentes com relação ao turismo, utilizando categorias de análise que foram cruzadas com as variáveis de inferência, ou seja, as categorias turismo, paisagem, lugar e espaço vivido que foram analisadas levando em consideração as atitudes, a cognição e o valor dos indivíduos questionados.

Considerou-se que esta proposta de análise pode vir a contribuir para uma melhor compreensão dos conceitos de percepção aplicados aos destinos turísticos litorâneos, desde que se levem em consideração a importância da atividade, da

paisagem como categoria de análise essencial para os estudos de percepção do turismo e a relevância dos lugares e do espaço vivido nesse contexto.

Deve-se salientar que categorias de análise muitas vezes utilizadas na geografia cultural e humanista e pela fenomenologia podem ser aplicadas de forma satisfatória ao estudo dos espaços turísticos, já que conhecer a percepção das pessoas que possuem sentimento topofílico por um lugar pode auxiliar a detectar fatores que possibilitem aos gestores dos destinos turísticos uma análise de seus pontos fortes e fracos mediante o recebimento de turistas e, de certa forma, facilitar a vida da população local.

Sendo assim, considera-se que o trabalho apresentado poderá contribuir para ampliação da literatura em turismo e geografia do turismo no âmbito das diferentes Ciências Sociais através das seguintes implicações: melhor compreensão sobre a percepção de uma comunidade receptora e dos segundos residentes com relação ao lugar onde a atividade turística acontece; compreender a importância da geografia cultural, humanista e da fenomenologia para o estudo do turismo; entender a relevância dos significados de paisagem, lugar e de espaço vivido para a compreensão de um espaço turístico; melhor capacidade de análise da percepção por meio da abordagem fenomenológica e metodologia de análise qualitativa; melhor compreensão das atitudes de moradores e segundos residentes em relação as categorias de análise para possíveis processos de tomada de decisão em turismo.

O que se pretendeu como resultado desta investigação foi, numa perspectiva mais pontual, apresentar contribuições específicas para o engajamento do turismo em Guaratuba, e, numa esfera mais ampla, desenvolver uma pesquisa com base na percepção, utilizando como categorias de análise o turismo, a paisagem, o lugar e o espaço vivido, e que este estudo possa vir a servir de referência para a investigação de outros indivíduos e comunidades litorâneas, com vistas ao planejamento e desenvolvimento do turismo.

Por fim, analisando as implicações para os municípios, percebeu-se que a emergência do turismo, como um dos principais setores econômicos em escala mundial e as potencialidades do crescimento turístico, tornou os governantes mais conscientes do papel que este setor pode assumir nas economias dos países. Sendo assim, o turismo, quando bem planejado, é sinônimo de crescimento econômico e desenvolvimento sociocultural, sendo os papéis dos gestores de

Estados e Municípios fundamentais para o desenvolvimento e crescimento da atividade.

Não obstante o reconhecimento da importância do turismo e da percepção daqueles que o vivenciam no seu dia a dia, é fundamental que os governantes criem ações concretas que o promovam e o valorizem. Neste estudo, portanto, foram salientadas algumas informações importantes e que poderão ser utilizadas pelo poder público para melhorar o planejamento e o desenvolvimento da atividade.

A partir dessas considerações, imagina-se que o presente trabalho possa auxiliar, de forma ampla, na compreensão da dinâmica dos lugares e suas especificidades, confrontando visões de segundos residentes e de moradores numa perspectiva de percepção dos fenômenos. Ainda nesse contexto, o presente trabalho poderá se constituir em uma ferramenta útil para os governos municipais e às suas entidades reguladoras, planejadoras, coordenadoras e promotoras do turismo.

Os resultados indicaram que cidades litorâneas possuem um forte valor simbólico, cultural e afetivo para os turistas, moradores e segundos residentes. Concretamente, pode-se afirmar que, para esses grupos, a praia é vista como um lugar afetivo, com forte dimensão sociocultural, um espaço social e de prestígio, de valor natural/ecológico, de lazer e descanso.

Identificando e conhecendo estas percepções associadas às cidades litorâneas, acredita-se que poderá ser mais fácil para os Municípios e Estados criarem mecanismos de adequação e reforço destas percepções às potencialidades dos destinos de sol e praia e, mediante a isso, definir estratégias regionais, nacionais e até internacionais mais competitivas baseadas nas atitudes e percepções das pessoas que possuem este ele afetivo temporal com os lugares.

Um estudo como este, portanto, pode ser um indicador da necessidade que os municípios têm em desenvolver mecanismos capazes de reforçar a ligação entre os recursos naturais, as culturas tradicionais, as suas comunidades e os turistas (ocasionais e/ou segundos residentes) para, a partir daí, definirem programas de educação e sensibilização ambiental e turística de forma a promover a valorização singular dos municípios e de seus “lugares” junto a esses grupos.

Cada vez mais a vulnerabilidade das áreas litorâneas exige o desenvolvimento e a articulação de políticas baseadas no conhecimento e na interação da comunidade receptora e dos turistas. Por isso, a criação, a elaboração

e a execução de planos, projetos e programas em prol do desenvolvimento local são funções que o governo (municipal, estadual e federal) deve assumir através de um planejamento integrado – do natural ao social e cultural – numa política global, respeitando as percepções dos moradores, turistas e segundos residentes e os espaços onde a atividade turística acontece.

Assim, essa tese se sustenta na afirmação de que é necessário conhecer a percepção dos moradores e segundos residentes e as suas relações com o lugar, para que sejam indicados caminhos pelos quais o turismo possa encontrar melhor interação e adesão por esses grupos de pessoas.

Considerou-se também que o turismo não pode ser abordado como uma atividade isolada e desconectada da realidade de um local, pelo contrário, é dever daqueles que o desenvolvem inseri-lo no contexto das discussões dentro da comunidade que vive do turismo. É a partir dessa visão que surge a importância de se conhecer a percepção segundo a visão dos moradores e dos segundos residentes que são os indivíduos que mais vivenciam a dinâmica do lugar.

Desta forma, com relação aos destinos turísticos, já que as percepções dos indivíduos não são estáticas e mudam ao longo do tempo, essas mesmas percepções devem ser periodicamente reavaliadas, constituindo um desafio de investigação, pelo que se sugere a aplicação periódica de questionários e/ou entrevistas nesse lugar.

Finalmente, constatou-se que a sociedade está cada vez mais dinâmica, complexa, incompreensível e passível de criar alienação e, por isso, as atitudes e os valores sociais devem ser constantemente revistos. Nesse sentido, sugere-se que nas investigações empíricas sobre percepção no turismo se tenha uma base teórica consistente, cuja ligação com a geografia e as ciências sociais deverá ser considerada, para que haja a realização de um maior número de estudos empíricos relacionando esta temática às atitudes, à cognição e aos valores dos atores envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. L. de; KASTENHOLZ E. A sazonalidade no turismo e a estratégia de diversificação da procura: O Caso do Norte de Portugal. In: 2º ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE ESTRATÉGIA, ELBE, 2008, Lisboa, Portugal. **Conceptual Paper**. Lisboa, Portugal, 2008. Disponível em: <<http://www.atsie.com/Portals/4/artigos/A%20sazonalidade%20no%20Turismo.pdf>>. Acesso em: 15/06/2013.
- ALVES, V. E. L. Trabalho de campo: uma ferramenta do geógrafo. **Geosp**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n.2, p.85-89, 1997.
- AMORIM Filho, O. B. O Contexto Teórico do Desenvolvimento dos Estudos Humanísticos e Perceptivos na Geografia. In: AMORIM Filho, O. B.; CARTER, H. e KOHLSDORF, M. E. **Percepção Ambiental**: Contexto Teórico e Aplicações ao Tema Urbano. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 1987.
- _____. Os Estudos da Percepção como a Última Fronteira da Gestão Ambiental. 2003. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/ivairr/percepcaoambi.htm>> Acesso em: 01/10/10.
- ANDRADE, J. V. de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 1995.
- ANGULO, R. J. As Praias do Paraná: problemas decorrentes de uma ocupação inadequada. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 99, p. 97-103, jul./dez., 2000. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/99/rodolfo.pdf>. Acesso em 10/03/2010.
- ASSIS, L. F de. **A difusão do turismo de segunda residência nas paisagens insulares**: um estudo sobre o litoral sul da Ilha de Itamaracá – PE. 177f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2001.
- _____. Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. **Revista Território**, ano VII, n.11, 12 e 13, p. 107-122, set./out., 2003.
- ARRILLAGA, J. I. de. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAHL, M. **Agrupamentos Turísticos Municipais**. Curitiba: Prottexto, 2004a.
- _____. **Fatores ponderáveis no turismo**: sociais, culturais e políticos. Curitiba: Prottexto, 2004b.
- BAILLY, A. Géographie régionale et representation. In: BAILLY, A. *et al.* **Géographie regionale et representation**. Paris: Anthropos, 1995. p. 25–34.

BARBOSA, Y. M. **O despertar do turismo**. São Paulo: Aleph, 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo de turismo**. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Manual de iniciação ao estudo de turismo**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

BARROS, N. C. C. de. **Manual de geografia do turismo: meio ambiente, cultura e paisagens**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

BECKER, B. K. **Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1995.

BELLO, A. A. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Bauru: EDUSC, 1998.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 1998.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 9-30.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. **Cadernos de Ciências da Terra**, São Paulo: USP/IGEOG, n.13, 1971.

BESSE, J. M. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BIGARELLA, J. J.; SILVA, J. X. da; DUARTE, G. M. **O desastre de Guaratuba: Um estudo de Geomorfologia Aplicada**. Curitiba: Imprensa Paranaense S. A., 1970.

BLEY, L. Morretes: um estudo de paisagem valorizada. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (orgs.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p.121-138.

_____. A paisagem geográfica e a pintura da paisagem de Morretes. In: IV FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2006, Curitiba. **Anais**. Curitiba, 2006. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/lineu_bley.pdf>. Acesso em: 05/05/2015.

BOLSON, J. H. G. A importância da paisagem na atividade turística. **Revista Turismo**, Jun. 2004. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>> Acesso em: 10/07/2014.

BONIFACE, B. G.; COOPER, C. **The geography of travel & tourism**. Oxford: Butterworth Heinemann, 1994.

BOULLÓN, R. C. **Planificación del Espacio Turístico**. 3. ed. México: Trillas, 1997.

_____. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Batista. Bauru: EDUSC, 2002.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

CALISTO, C. de S. **O ambiente como mundo vivido**, uma abordagem do espaço segundo a geografia humanística. 118 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CAPEL, H. Percepción del Medio y Comportamiento Geográfico. **Revista de Geografia**, Universidad de Barcelona, v.7, n. 1-2, enero-diciembre, 1973.

CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. (Org). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHRISTOFOLETTI, A. As Perspectivas dos Estudos da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

_____. “A volta do Cultural” na geografia. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 1, n. 1, 2002a.

_____. El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio. **Boletín de La A.G.E.**, n. 4, 2002b.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v.20, n.39, p.22-31, 1990.

CONCEIÇÃO, C. Promoção turística e (re) construção da realidade. **Sociologia, Problemas e Práticas** n. 28, p.67-89, 1998.

CONSELHO DO LITORAL. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado – PDDI Guaratuba**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2002.

CONTI, J. B. Ecoturismo, paisagem e geografia. In: RODRIGUES, A. B. (Org). **Ecoturismo no Brasil: Possibilidades e Limites**. São Paulo: Contexto, 2003.

CORBIN, A. **O território do vazio – A praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 9-30.

CRUZ, R. de C. A. da. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: YÁZIGI, E. **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

DARTIGUES, A. **O Que é a Fenomenologia**. 7.ed. São Paulo: Centauro, 2003.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 3. ed. São Paulo: Futura, 1998.

EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. **The psychology of attitudes**. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.

FAZIO, R. H. Multiple processes by which attitudes guide behavior: The MODE model as an integrative framework. In: ZANNA, M. P. (Ed.), **Advances in experimental social psychology**. New York: Academic Press, v. 23, p. 75-109, 1990.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-83, jul./dez., 2000.

FONSECA, M. A. P. da. **Segunda Residência: Lazer e Turismo**. Natal – RN: Observatório das Metrôpoles - UFRN, 2012.

FURLANETTO, B. H. Boi-de-mamão no litoral paranaense: que tradição é essa? **Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte**. Curitiba: Embap, 2011.

GATTI, F. **Turismo internacional sob o enfoque da política externa de integração regional**: potencialidades, perspectivas e experiências turísticas entre Mato Grosso e Bolívia. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, E. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

GOMES, I. M. **Como elaborar pesquisa de mercado**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2005.

GOULART, M. K. **Moradores e Veranistas: As diferentes relações e percepções com o ambiente na Praia de Armação do Itapocorói**, Penha, SC. 170 f. Dissertação

(Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

GUARATUBA, Secretaria Municipal de Meio Ambiente. 2009.

GUARATUBA, Associação Comercial e Empresarial. Junho, 2013a.

GUARATUBA, Prefeitura Municipal. 2013b. Disponível em: <<http://www.guaratuba.pr.gov.br/portal/>>. Acesso em: 08/09/2013.

GUARATUBA, Diretoria Municipal de Turismo, 2013c.

GUARATUBA, Prefeitura Municipal. 2014. Disponível em: <<http://www.guaratuba.pr.gov.br/portal/>>. Acesso em: 08/02/2014.

GUARATUBA, Diretoria Municipal de Turismo, 2014.

GUIMARÃES, S. T. de L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis – SC, v. 17, n.33, p. 117-141, jan./jun. 2002.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: Trajetória de 1950 a 1990**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – PPGG, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem, lugar, território e meio ambiente. **Território**. Rio de Janeiro, ano II, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia** (Escritos de Husserl de 1907). Lisboa: Edições 70, 2000.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (IAP). Disponível em: <<http://www.iap.pr.gov.br/>> Acesso em maio de 2010.

_____. **Base de dados georreferenciados**. 2013.

_____. **Boletim de Balneabilidade (2014 – 2015)**. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Balneabilidade_2014_2015/01_e_02_boletim_de_balneabilidade.pdf> Acesso em 15/01/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Domicílios e população, Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/PR2010.pdf>. Acesso em: 10/03/2014.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). Disponível em: <<http://icmbio.gov.br>> Acesso em 10/03/2010.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E SOCIAL (IPARDES). **Cadeia Produtiva do Turismo no Paraná**. 2008. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Turismo_Litoral_Parana.pdf> Acesso entre 20 de maio de 2009.

Caderno Estatístico do Município de Guaratuba. 2013a. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=83280&btOk=ok>> Acesso em: 25/09/2013.

Perfil da Microrregião Geográfica de Paranaguá. 2013b. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_regioes/MontaPerfilRegiao.php?Municipio=450&btOk=ok> Acesso em: 25/09/2013.

Perfil do Município de Guaratuba. 2013c. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=83280&btOk=ok> Acesso em: 10/02/2014.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: UNB, 1997.

KOZEL, S. T. **Das Imagens às Linguagens do Geográfico**: Curitiba, a “Capital Ecológica”. 301f. Tese (Doutorado em Geografia), USP - Universidade de São Paulo, 2001.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAGE, H. G.; MILONE, P. C. **Economia do turismo**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. Impactos socioeconômicos globais do Turismo. In: LAGE, H. G.; MILONE, P. C. **Turismo – teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 117-131.

LEE, C. Predicting tourist attachment to destinations. **Annals of Tourism Research**, 28 (1), p. 229-232, 2001.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora USP, 2003.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

MACHADO, L. M. C. P. Paisagem Valorizada: a Serra do Mar como Espaço e como Lugar. In: OLIVEIRA, L. de; DEL RIO, V. **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.

MAFRA, J. S. **História do Município de Guaratuba**. Guaratuba, 1952.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RA´EGA**. Curitiba, UFPR, n.8, p.83-91, 2004.

MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, FIBGE, v. 52, n. 4, p. 91-116, 1990.

MELO, V. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MENESES, U. T. B. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MITCHEL, L.; MURPHY, P. Geography and Tourism. **Annals of Tourism Research**. v. 18, p. 57-70, 1991.

MORAES, A. C. R. **Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico**: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 1983.

MOTA, K. C. N. **Marketing**: promovendo uma atividade sazonal. São Paulo: Atlas, 2001.

NITSCHKE, L. B. **O significado do turismo no roteiro “Caminhos de Guajuvira”, Araucária/PR**. 127f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NOGUEIRA, A. R. B. Uma interpretação fenomenológica na Geografia. In: SANTOS, A. A. D.; GALEANO, A. (Org.). **Geografia Ciência do *Complexus***: Ensaios Transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, L. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **Geografia**, v. 5, n.3, p. 61-72, 1977.

OLIVEIRA, A. C. A atividade turística e seus efeitos à população local: um paradoxo. **Caderno Virtual de Turismo – IVT**, v.5, n.2, p.73-82, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Lo que todo gestor turístico debe saber**. Madrid, España: OMT, 1995.

_____. **Introdução ao turismo**. Trad. Dolores Martin Rodriguez Corner. São Paulo: Roca, 2001.

PARANÁ. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental de Guaratuba**. Curitiba: SEMA/ IAP, 2006. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Plano_de_Manejo/APA_Guaratuba/Plano_de_Manejo_APA_de_Guaratuba.pdf> Acesso em: 10/07/2014.

PARANAGUÁ, PREFEITURA MUNICIPAL. 2010. Disponível em: <<http://www.paranagua.pr.gov.br/>>. Acesso em: 20/04/2010.

PEARCE, D. **Tourism Today** - A Geographical Analysis. New York: Longman, 1991.

PETRELLI, R. **Fenomenologia**: teoria, método e prática. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

PETROCCHI, M. **Turismo**: Planejamento e Gestão. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

PIERRI, N.; ANGULO, R. J.; SOUZA, M. C. de; KIM, M. K. A ocupação e o uso do solo no litoral paranaense: condicionantes, conflitos e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba, n. 13, p. 137-167, jan/jun, 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/Dell/Downloads/9849-30512-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20/09/2009.

QUARANTA, M. L. G.; SOARES, M. L. de A. Uma interface entre a educação ambiental e a fenomenologia da percepção. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES E DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE SOROCABA, 2004, Sorocaba. **Uniso**. Sorocaba, p.107-108, 2004.

RAPOPORT, A. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1978.

REICHERT, Z. 2011. Disponível em: <<http://zeliadicasideias.blogspot.com.br/2011/05/por-do-sol-um-espetaculo-diario-e.html>> Acesso em: 21/10/2014.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

_____. As bases fenomenológicas da Geografia. Geografia. In: **Rio Claro**, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

RISSO, L. C. Paisagens e Cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e Cultural**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, n. 23, p. 67-76, Jan./Jun. de 2008.

ROCHA, L. B.; ALMEIDA, M. G. Cultura, Mundo-vivido e Território. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 2005, Londrina – PR. **Anais**. Londrina: Departamento de Geociências – Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2005, p. 2-13.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Espaço**: Rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

ROMERO, H. M. Sociopsicologia del turismo. Ciudad del Mexico: Ediciones Daimon de Mexico, 1977.

ROQUE, M. L. de. **Contribuição para o estudo da origem e do desenvolvimento da função balneária da Ilha de Santo Amaro antes do boom imobiliário**. 245 f. Tese (Doutorado em Turismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

RUSCHMANN, D V. de M. **Marketing Turístico**: Um enfoque promocional. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

SAINT-HILAIRE, A de. **Viagem a Comarca de Curitiba – 1820**. Tradução do original Voyage dans Le Provinces de Saint-Paul et de Saint- Catherine, 1851 por Carlos da Costa Pereira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/viagem-a-comarca-de-curitiba/pagina/1/texto> Acesso em: 15/03/2014.

SAMPAIO, R. Ocupação das orlas paranaenses pelo uso balneário. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba, n. 13, p. 169-186, jan/jun, 2006. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/viewFile/9850/6750>>. Acesso em: 15/01/2010.

SANTOS, A. B. M. **O turismo e a percepção dos seus impactes pela comunidade local**, o caso da Ilha do Sal, Cabo Verde. 152f. Dissertação (Mestrado em Cidadania Ambiental e Participação) – Universidade Aberta, Portugal, 2011.

SAUER. C. O. Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SCHEUER, L. **Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Guaratuba**. AMLIPA – Associação dos Municípios do Litoral do Paraná, 2010a.

_____. **Sazonalidade do Turismo no Município de Guaratuba**. 189f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010b.

SCHIER, R, A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Revista RA´EGA**, Curitiba: Editora UFPR, n. 7, p. 79-85, 2003.

SEABRA, O. C. de L. **A muralha que cerca o mar**: uma modalidade de uso do solo urbano. 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE - SEMA. **Área de Proteção Ambiental de Guaratuba**. Curitiba, 2001.

SETU – PARANÁ, Secretaria de Estado do Turismo. **Região Turística**: Litoral do Paraná em dados, 2008. Disponível em: <http://www.setu.pr.gov.br>>. Acesso em 05/07/2009.

SETU – PARANÁ, Secretaria de Estado do Turismo. Disponível em: <<http://www.setu.pr.gov.br>>. Acesso em 05/05/2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, C. M. A. da. **A imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas**. 393f. Tese (Doutorado em Turismo) – Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, Portugal, 2011.

SONEIRO, J. C. **Aproximación a la geografía del turismo**. Madrid: Sintesis, 1991.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TORRES, C. A. B. **Metodologia de la investigación**. 2. ed. México: Pearson, 2006.

TUAN, Y. F. Geografia Humanística. **Annals of the Association of American Geographers**. n. 66, jun. 1976. Título do original: Humanistic Geography. Tradução de Maria Helena Queiroz. Disponível em: <<http://ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm>>. Acesso em: 03/03/2012.

_____. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambientel**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar – A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

TULIK, O. **Residências Secundárias: presença, dimensão e expressividade do fenômeno no Estado de São Paulo**. 154f. Tese (Livre docência) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada**. São Paulo: Roca, 2001.

VERA, J. F. **Análisis territorial del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997.

VERNON, M. D. **The psychology of perception**. London: Pelican Original, 1971.

WAHAB, S. E. A. **Introdução à administração do Turismo: alguns aspectos estruturais e operacionais do turismo internacional – teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

XAVIER, H. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

YÁZIGI, E. **Saudades do Futuro: Por uma teoria do planejamento territorial do turismo**. São Paulo: Plêiade, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

INSTRUMENTOS DE PESQUISA - ROTEIRO DOS QUESTIONÁRIOS – PERGUNTAS PARA O GRUPO DOS TURISTAS DE SEGUNDA RESIDÊNCIA

1. Nome
2. Data e Local de nascimento
3. Nível de escolaridade
4. Profissão
5. Cidade de procedência
6. Há quanto tempo frequenta Guaratuba?
7. O que o motivou a escolher Guaratuba para 2ª residência?
8. Quantas vezes frequenta Guaratuba por ano?
9. Vai à praia? De manhã / tarde? Entra no mar?
10. Indica a praia/cidade para amigos?
11. Mudaria de cidade/ praia para ter 2ª residência? Por qual razão?
12. O que poderia melhorar na cidade?
13. Que alterações notou em Guaratuba nos últimos anos / boas / ruins?
14. O que falta com relação à infraestrutura da cidade (turística e/ou básica)?
15. O que conhece do passado de Guaratuba?
16. O que conhece da cultura local? Que festas conhece / frequenta?
17. Como descreve a paisagem de Guaratuba?
18. Qual o lugar que mais gosta em Guaratuba?
19. O que sente neste lugar?
20. Relacione Guaratuba com cada um dos 5 sentidos: visão / olfato / tato/ audição/ paladar.
21. Em uma palavra / frase, dizer o que é Guaratuba para você?
22. O que pensa do futuro de Guaratuba?

APÊNDICE 2

INSTRUMENTOS DE PESQUISA – ROTEIRO DOS QUESTIONÁRIOS – PERGUNTAS PARA O GRUPO DOS MORADORES

1. Nome
2. Local e data de nascimento
3. Nível de escolaridade
4. Profissão
5. Há quanto tempo mora em Guaratuba?
6. Onde passa as férias?
7. Vai à praia durante o ano?
8. O que pensa da praia / poluída / limpa?
9. Vai à praia? De manhã / tarde? Entra no mar?
10. Indica a praia para amigos? Por quê?
11. O que poderia melhorar no turismo de Guaratuba?
12. Que alterações notou em Guaratuba nos últimos anos / boas / ruins?
13. O que falta com relação à infraestrutura da cidade (turística e/ou básica)?
14. O que conhece do passado de Guaratuba?
15. O que conhece da cultura local? Que festas conhece / frequenta? De que se trata? Descreva o que sente.
16. Como descreve a paisagem de Guaratuba?
17. Qual o lugar que mais gosta em Guaratuba?
18. O que sente neste lugar?
19. Relacione Guaratuba com cada um dos 5 sentidos: visão / olfato / tato/ audição/ paladar.
20. Em uma palavra / frase dizer o que é Guaratuba para você?
21. O que pensa do futuro de Guaratuba?
22. O que pensa dos turistas de segunda residência?